



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO**



**MULTILETRAMENTOS:  
EXPERIÊNCIAS NA TECITURA DA EDUCAÇÃO SENSÍVEL**

Adeline Garcia



**UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MESTRADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Adeline Garcia

**MULTILETRAMENTOS:  
EXPERIÊNCIAS NA TECITURA DA EDUCAÇÃO SENSÍVEL**

Santa Cruz do Sul  
2022



Adeline Garcia

**MULTILETRAMENTOS:  
EXPERIÊNCIAS NA TECITURA DA EDUCAÇÃO SENSÍVEL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado, Linha de Pesquisa Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem na Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito final para aprovação no Mestrado em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Gustsack

Santa Cruz do Sul  
2022

Adeline Garcia

**MULTILETRAMENTOS:  
EXPERIÊNCIAS NA TECITURA DA EDUCAÇÃO SENSÍVEL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado, Linha de Pesquisa Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem na Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito final para aprovação no Mestrado em Educação.

Dr. Felipe Gustsack  
Professor Orientador - UNISC

Dr. Celso Ilgo Henz  
Professor examinador – UFSM

Dr. Rafael Arenhaldt  
Professor examinador – UFRGS

Dr. Cláudio José de Oliveira  
Professor examinador – UNISC

Santa Cruz do Sul  
2022

### CIP - Catalogação na Publicação

Garcia, Adeline

MULTILETRAMENTOS: : EXPERIÊNCIAS NA TECITURA DA EDUCAÇÃO  
SENSÍVEL / Adeline Garcia. – 2022.

129 f. ; 29 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa  
Cruz do Sul, 2022.

Orientação: Prof. Dr. Felipe Gustsack.

1. Educação. 2. Multiletramentos. 3. Experiências . 4.  
Sensível. 5. Sala de Aula. I. Gustsack, Felipe . II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UNISC  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

*Ao meu querido pai, Jorge, que me ensinou a ler (tendo estudado somente até a “extinta” 2ª série) e que lá de cima me ilumina e incentiva a seguir adiante, dizendo: “Não pude deixar nada para vocês, mas com estudo e nome limpo, tudo podemos”.*

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é dar; ser grato é dividir. Esse prazer que devo a você não é apenas para mim. Essa alegria é a nossa. Essa felicidade é a nossa. [...] O que a gratidão dá? Ela dá a si mesma: como um eco de alegria, dizia eu, pelo que ela é amor, pelo que ela é partilha, pelo que ela é dom. É prazer somado ao prazer, felicidade somada à felicidade, gratidão somada à generosidade (COMTE-SPONVILLE, 2004, p. 146).

Agradeço à Deus pela oportunidade, pela saúde e até mesmo pelo devanear. Obrigada por ter me dado a oportunidade de ser selecionada para a primeira tutoria dos Cursos EAD de Pedagogia e Letras da universidade que me formei. Sem essa volta ao mundo acadêmico, talvez o sonho do Mestrado não se realizaria.

À minha mãe, a costureira criativa, que com seus retalhos me ensinou os primeiros alinhavos da vida.

Ao meu marido, Giorgio, primeiro incentivador, pela paciência e financiamento.

Às minhas irmãs, Argélia e Ardélia, primeiras inspirações de docência. À minha irmã mais velha, Adelaide, por vibrar comigo a cada avanço.

Às minhas colegas Glaci, Ana Maria, Mônica, Myriam, Deocélia, Deili, Carine e demais docentes, obrigada pelas conversas, registros e trocas. Vocês são o estudo, minha escrita, experiência e a pesquisa.

À minha primogênita, Maria Clara, parte fundamental de um olhar sensível para a vida, pela paciência de saber que muitas vezes estive “ausente” mental e fisicamente.

À minha caçula, Ana Júlia, que acompanhou desde o ventre essa tecitura e transformou minha relação com o “ver” e “sentir” a vida.

Às minhas queridas amigas Carmen, Thaisi, Márcia e Nelly pelo incentivo de seguir em meu sonho, a pesquisa.

À UNISC pelo programa de Bolsa de Incentivo, uma vez que sem este jamais teria o sonho concretizado.

Ao meu querido orientador, professor Felipe Gustsack, que com sua enorme paciência foi um guia com cuidado e respeito à minha escrita. Uma luz em meio ao meu caos e desordem. Um conforto na desacomodação. E enquanto professor do Curso de Pedagogia EAD, agradeço pelo convite ao grupo de pesquisa LINCE, onde conheci pessoas maravilhosas, com muitas perguntas e trocas singulares.

Ao professor Sérgio Schaefer que em uma história me levou à escolha do lindo caminho da educação.

Ao professor Cláudio J. de Oliveira pelo incentivo em fazer pesquisa, antes mesmo de iniciar a caminhada no Mestrado, pelas indagações e indicações de leituras, bem como pela

honra e carinho de nomear minha escrita como “Adelinear”.

Ao professor Rafael Arenhaldt pela poesia em forma de carta/parecer de avaliação, na qualificação, com indicações de caminhos e a leitura maravilhosa de Maffesoli “**Elogio da Razão Sensível**”.

Ao professor Celso Ilgo Henz por acrescentar à minha colcha tecida a voz das crianças.

À professora Ana Luisa T. de Menezes que me mostrou um outro jeito de olhar “para dentro”. Um jeito de me conhecer, reconhecer, me desconstruir e reconstruir, bem como auxiliou em minha melodia da vida de ser mãe.

À professora Sandra R. S. Richter que me conduziu delicadamente ao mundo das perguntas, fazendo-me refletir porque penso o que penso e como penso o que penso.

À professora Nize M. C. Pellanda pela leveza de proporcionar uma auto-organização em meio ao caos.

À professora Cristiane D. R. Freitas, do Departamento de Psicologia. Uma pessoa especial que a tutoria no EAD me deu. Ela me incentivou sempre e com carinho perguntava: “Como está indo? ”

À professora Susana M. Speroni, obrigada pela busca, pela pesquisa, pelo mundo encantado das descobertas nas Ciências nos tempos da graduação.

À professora Carla L. P. da Rosa, obrigada pela organização e pelos detalhes minuciosos nos tempos do Laboratório de Aprendizagem dos Cursos de Pedagogia, no qual fui a primeira bolsista.

À professora Luci E. Krämer por ensinar o cuidado com cada estudante em 2019 no Curso de Pedagogia EAD.

À professora Cleidi L. Pires pela inclusão real de mundo e do chão da sala de aula, nas conversas no Departamento de Educação e via *WhatsApp*.

À professora Tania Bernhard que lá do céu ainda me inspira na organização e pesquisa de minhas aulas com meus educandos.

E ao professor Cesar A. Müller pelas minhas primeiras interações no mundo digital com as crianças.



*Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou. Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior. Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade. Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa. E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados. Haverá sempre um retalho novo para adicionar a alma. Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias. E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de "nós".*

Cris Pizzimenti

## RESUMO

Trato, nessa dissertação, o tema MULTILETRAMENTOS: EXPERIÊNCIAS NA TECITURA DA EDUCAÇÃO SENSÍVEL. Como objetivo geral, procurei estudar e explorar possibilidades de uma práxis complexa de acolhimento e educação sensível na sala de aula com os multiletramentos e a Pedagogia dos Multiletramentos. Os objetivos específicos foram: contar a minha caminhada ao encontro dos multiletramentos e a Pedagogia dos Multiletramentos; evidenciar os multiletramentos e a pedagogia sinestésica, que deles emerge, com experiências de ensino e aprendizagem singulares, sensíveis e acolhedoras de docentes e discentes, relatando e interpretando esses fatos do chão da sala de aula. Com essas experiências, quis possibilitar uma teia de trocas com outros grupos e comunidade escolar. Acolhendo e incluindo, na prática de meu dia a dia em sala de aula, sempre procurei explorar as mais diversas linguagens: oral, escrita, visual, sonora, tátil, cultural, social e emocional. Foram as minhas experiências sentidas com minhas mais íntimas emoções que permitiram este leque de possibilidades no acolher, no ensinar e no aprender. No que diz respeito à metodologia, inicialmente, realizei uma busca bibliográfica acerca do tema e dos termos de estudo. Essas leituras me ajudaram a compor mais temas e provocações para as interpretações dos docentes e discentes, de minhas experiências e registro de possibilidades. A pesquisa pautou-se em uma abordagem qualitativa com pesquisa de campo via aplicação de questionários de perguntas abertas a docentes e discentes, observações do dia a dia na sala de aula e a interpretação das experiências compostas a partir dessas trocas. Na pesquisa empírica busquei auxílio para a compreensão dos termos, palavras e estudos. A partir das inquietações e devaneios comigo mesma, com as docentes, com minhas experiências e com os discentes, encontrei quem conversou comigo, me referendou, trocou comigo em teoria e leitura. Falo de: Alves, Arenhaldt, Barros, Dorneles, Freire, Grupo de Nova Londres (Cadzen, Cope, Kalantzis), Henz, Larrosa, Maffesoli, Maturana, Rojo e outros. A pesquisa foi tecida em um texto com cinco momentos alinhavados e tecidos. Começo com “Os primeiros alinhavos e tecimentos”, em que trago um resumo de cada tecimento ao longo da escrita, encontros e composição da dissertação. Depois em “Era uma vez: hora da história alinhavada e tecida”, teço minha caminhada com a educação, com os multiletramentos, com o sensível, com o acolher, com a experiência vivida e sentida. No terceiro momento “Alinhavando e tecendo: referenciando termos do estudo”, referencio e esmiuço os termos da dissertação, fazendo uma relação entre eles e como essa conversa se deu na pesquisa. Em quarto lugar, “Experiências com as docentes e discentes: tecimentos e linhas essenciais para a pesquisa” relato experiências com as docentes e discentes que por mim perpassaram, mostrando o dia a dia no chão da sala de aula, suas vozes, corações, amores e almas. Evidencio o vigor dessas docentes inspiradoras, os multiletramentos e a pedagogia que deles emerge. Dou voz as suas experiências do chão da sala de aula e à escuta dos seres encantados, os discentes. Minhas considerações finais se encontram na tecitura findada “Descobertas por entre tecituras, costuras, texturas, estampas e alinhavos na colcha tecida”, com destaques para as desocultações, digamos assim, por entre os alinhavos e tecituras da caminhada. Neste capítulo, dou conta e confirmo a minha esperança e a minha defesa de uma pedagogia sensível, vivida com todo o corpo, com todo o amor, cuidado, respeito e de todo coração. Aponto e destaco aspectos centrais dessa potência pedagógica de poder trocar, compartilhar e tecer novas conversas sobre a importância dos multiletramentos e sua pedagogia sinestésica em experiências tecidas de forma sensível e acolhedora.

Palavras-chave: Educação. Multiletramentos. Experiências. Sensível. Sala de aula.

## ABSTRACT

In this dissertation, I deal with the theme MULTILETRATIONS: EXPERIENCES IN THE WEAVING OF SENSITIVE EDUCATION. As a general objective, I sought to study and explore possibilities of a complex praxis of welcoming and sensitive education in the classroom with multiliteracies and the Pedagogy of Multiliteracies. The specific objectives were: to tell my path towards multiliteracies and the Pedagogy of Multiliteracies; highlight the multiliteracies and the synesthetic pedagogy that emerges from them, with unique, sensitive and welcoming teaching and learning experiences of teachers and students, reporting and interpreting these facts from the classroom floor. With these experiences, I wanted to enable a web of exchanges with other groups and the school community. Welcoming and including, in my daily practice in the classroom, I always tried to explore the most diverse languages: oral, written, visual, sound, tactile, cultural, social and emotional. It was my experiences felt with my most intimate emotions that allowed this range of possibilities in welcoming, teaching and learning. With regard to methodology, initially, I carried out a bibliographical search on the subject and terms of study. These readings helped me to compose more themes and provocations for the interpretations of teachers and students, of my experiences and record of possibilities. The research was based on a qualitative approach with field research via the application of questionnaires with open questions to teachers and students, observations of everyday life in the classroom and the interpretation of the experiences composed from these exchanges. In empirical research, I sought help to understand terms, words and studies. From the concerns and daydreams with myself, with the teachers, with my experiences and with the students, I found someone who talked to me, endorsed me, exchanged with me in theory and reading. I'm talking about: Alves, Arenhaldt, Barros, Dorneles, Freire, New London Group (Cadzen, Cope and Kalantzis), Henz, Larrosa, Maffesoli, Maturana, Rojo and others. The research was woven into a text with five stitched and woven moments. I begin with "The first basting and weaving", in which I bring a summary of each weaving throughout the writing, meetings and composition of the dissertation. Then, in "Once upon a time: time for history stitched and woven", I weave my journey with education, with multiliteracies, with the sensitive, with welcoming, with the lived and felt experience. In the third moment "Basting and weaving: referencing terms of the study", I reference and break down the terms of the dissertation, making a relationship between them and how this conversation took place in the research. Fourthly, "Experiences with the teachers and students: fabrics and essential lines for research" I report experiences with the teachers and students that passed through me, showing the day to day on the classroom floor, their voices, hearts, loves and souls. I highlight the vigor of these inspiring teachers, the multiliteracies and the pedagogy that emerges from them. I give voice to their experiences from the classroom floor and listening to enchanted beings, the students. My final considerations are found in the finished weaving "Discoveries among weavings, seams, textures, prints and basting on the woven quilt", with highlights for the uncovering, so to speak, among the basting and weavings of the walk. In this chapter, I express and confirm my hope and my defense of a sensitive pedagogy, lived with the whole body, with all the love, care, respect and heart. I point out and highlight central aspects of this pedagogical power of being able to exchange, share and weave new conversations about the importance of multiliteracies and their synesthetic pedagogy in experiences woven in a sensitive and welcoming way.

Keywords: Education. Multiliteracies. Experiences. Sensitive. Classroom.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Esquema 1 - Sinestesia – Linguagem/representação: Oral; Escrita; Visual; Espacial; Tátil; Gestual; Sonora. Fonte: KALANTZIS, Mary; COPE, Bill. *Literacies. Cambridge University Press*, p. 284, 2012. 38
- Esquema 2 - Multimodalidades – alguns elementos do design/Linguagens/Áreas. Fonte: COPE, Bill; KALANTZIS, Mary (Orgs.). *Multiliteracies: Literacy learning and the design of social futures. Psychology Press*, p. 37, 2000. 39
- Esquema 3 - Múltiplos modos de linguagem/representação - Escrita: escrita (representando significado para outro) e leitura (representando significado para si mesmo) - escrita, a página impressa, a tela. Oral: fala ao vivo ou gravada (representando significado para outro); escuta (representando significado para si mesmo). Visual: imagem parada ou em movimento, escultura, artesanato (representando significado para outro); vista, cena, perspectiva (representando significado para a si mesmo). Espacial: proximidade, espaçamento, layout, distância interpessoal, territorialidade, arquitetura/ construção, paisagem urbana, paisagem urbana, paisagem. Tátil: toque, olfato e paladar: a representação de si mesmo sensações corporais e sentimentos ou representações para os outros que os "tocam" corporalmente. Formas de representação tátil incluem cinestesia, contato físico, sensações da pele (calor/ frio, textura, pressão), aperto, objetos manipuláveis, artefatos, cozinhar e comer, aromas. Gestual: movimentos das mãos e braços, expressões do rosto, movimentos oculares e olhar, comportamentos do corpo, marcha, vestuário e moda, estilo de cabelo, dança, sequências de ação, tempo, frequência, cerimônia e ritual. Aqui o gesto é entendido de forma ampla e metafóricamente como um ato físico de assinatura (como em "um gesto para ..."), em vez do literal mais restrito significado do movimento da mão e do braço. Representação a si mesmo pode levar a forma de sentimentos e emoções ou ensaiar sequências de ação na mente de alguém. Sonora: música, sons ambientes, ruídos, alertas (representando significado para outro); audição, escuta (representando significado para si mesmo). Fonte: [https://ieducacao.ceie-br.org/wp-content/uploads/2020/09/22MIE\\_02.jpg](https://ieducacao.ceie-br.org/wp-content/uploads/2020/09/22MIE_02.jpg) Acesso em 02/01/22. 39
- Fotografias 1, 2, 3, 4, 5, 6 - A contadora de história e a coordenadora de coral, abril e julho de 2017 (1 e 2); primeira turma de estágio – oficina de alfabetização – 2003/2004 (3 e 4); minha primeira turma de Educação Infantil, 2000 (5); apresentação com o coral, 2008 (6). Arquivo pessoal. 82
- Fotografias 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14 e 15 - Momentos de Dona Artista com seus seres encantados: V. Autista (7, 8, 9, 10, 11 e 12), A. Autista (13 e 14), e H. Defasagem na aprendizagem (15). Arquivo pessoal. 89
- Desenho 1 - Desenho feito em aula por um estudante cadeirante e com deficiências múltiplas, 20 anos. Ele fez caricatura da educadora. Arquivo pessoal. 90
- Fotografia 16 – Crianças/Ubuntu. Fonte: <https://www.educlub.com.br/wp-content/uploads/2018/09/filosofia-ubuntu-lenda-africana.jpg> Acesso em 22/07/21. 118

## LISTA DE PROFESSORES CITADOS

- Ana Luisa Teixeira de Menezes Professora do departamento de psicologia e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e de Psicologia Profissional da UNISC. Vice-líder do grupo de pesquisa no CNPQ PEABIRU: educação ameríndia e interculturalidade. (UFRGS/UNISC). Tem pesquisas na área de Psicologia e Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação guarani, psicologia comunitária, psicologia analítica e espiritualidade. Coordena o projeto de pesquisa Aprendizagens interculturais com os Guarani: produção de conhecimentos ameríndios para a educação das infâncias (CNPQ/Universal) e o projeto Aprendizagens interculturais com os Guarani na Educação Básica (FAPERGS/Gaúcho). Fonte: Plataforma Lattes.
- Cláudio José de Oliveira Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Especialização em Docência Universitária na Contemporaneidade pela Universidade de Caxias do Sul - UCS. Atualmente é professor adjunto da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC/40h). Departamento de Ciências, Humanidades e Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação - Curso de Mestrado Doutorado (PPGEDu). Atua nas linhas de pesquisa Educação, Cultura e Produção de Sujeitos e Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem na Educação (PPGEDu). Foi Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação - Cursos de Mestrado e Doutorado nos seguintes períodos (2014 - 2019) e Coordenador Adjunto no período (2008 - 2009) e (2012 - 2013). Coordenador do Mestrado Interinstitucional - MINTER. UNISC e Faculdade do Baixo Parnaíba - FAP - Maranhão. (2019 - 2020). Trabalhou na rede pública (estadual e municipal) com a docência na disciplina de Matemática (Educação Básica). Membro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED. Pesquisador integrante dos Grupos de Pesquisa Identidade e Diferença na Educação - UNISC/CNPq e Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Pedagogias, Docências e Diferenças - GIPEDI/UNISINOS/CNPq e Linguagem Cultura e Educação - LINCE/UNISC/CNPq. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino e Pesquisa, atuando principalmente nos seguintes temas: Ensino e Aprendizagem da Matemática. Etnomatemática. Docência. Fonte: Plataforma Lattes.
- Felipe Gustsack Professor orientador de minha pesquisa. Professor do PPGEDu - Mestrado e Doutorado em Educação e do PPGL - Mestrado e Doutorado em Letras, vinculados ao Departamento de Ciências, Humanidades e Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul - RS. Tem experiência nas áreas de Educação, Linguagem e Tecnologias com ênfase na Pesquisa e na extensão em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores e educação básica, educação e linguagem, alfabetização e letramento, tecnologias de informação e comunicação na educação, educação cooperativa, educação e movimentos sociais, discurso, escola e seu entorno. Fonte: Plataforma Lattes.
- Sandra Regina Simonis Richter Pesquisadora e professora adjunta do Departamento de Ciências, Humanidades e Educação, atuando na Graduação, na Extensão e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul. Atualmente é coordenadora do PPGEDu da UNISC, pesquisadora do grupo Peabiru: Educação Ameríndia e Interculturalidade, líder do grupo de pesquisa Estudos Poéticos: Educação e Linguagem. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, Artes e Infância, principalmente nos seguintes temas: aprendizagem, imaginação criadora, experiência poética, artes plásticas, dimensão poética da linguagem, educação infantil e ensino fundamental. Fonte: Plataforma Lattes.
- Sérgio Schaefer Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1985) e doutorem Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2012). Foi professor titular da Universidade de Santa Cruz do Sul. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Epistemologia, atuando principalmente nos seguintes temas: história da filosofia, dialética, Sartre, filosofia e poesia drummondiana e filosofia política. Fonte: Plataforma Lattes.

## LISTA DE ABREVIATURAS

EAD	Educação à Distância
UNISC	Universidade de Santa Cruz do Sul
LINCE	Linguagem, Cultura e Educação
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CENPEC	Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária
SP	São Paulo
ETs	Extraterrestres
PETI	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
EJA	Educação de Jovens e Adultos
PCD	Pessoa com deficiência
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
ACISA	Associação Comercial e Industrial de Serviços e Agropecuária
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
SMED	Secretaria Municipal de Educação
GNL/NLG	Grupo de Nova Londres/ The New London Group

## SUMÁRIO

1	OS PRIMEIROS ALINHAVOS E TECIMENTOS.....	14
2	ERA UMAVEZ: HORA DA HISTÓRIA ALINHAVADA E TECIDA.....	17
3	ALINHAVANDO E TECENDO: REFERENCIANDO TERMOS DO ESTUDO.....	33
4	EXPERIÊNCIAS COM AS DOCENTES E DISCENTES: TECIMENTOS E LINHAS ESSENCIAIS PARA A PESQUISA.....	60
4.1	As Docentes – diálogos, encontros e memórias.....	62
4.1.1	Como se deu a tecitura dos encontros com as docentes?.....	62
4.1.2	Um apanhado geral de dados.....	65
4.1.3	O compartilhar.....	66
4.1.4	O que é, o que é?.....	67
4.1.5	Realidade e recursos: a prática como processo em um lugar sensível de escuta, troca e encontro.....	69
4.1.6	A experiência como prática sentida: desafios e sucessos.....	70
4.1.7	O ser humano que encontro e me toca.....	72
4.1.8	A simplicidade na felicidade sensível.....	74
4.1.9	Maluquinha.....	75
4.1.10	Senhora Alfabeto.....	82
4.1.11	Dona Descoberta.....	84
4.1.12	Dona Artista.....	86
4.1.13	Dona Tecnologia.....	89
4.1.14	Dona Faceira.....	92
4.1.15	Pesquisadora Arteira.....	94
4.1.16	Encantadora de Bebês.....	96
4.1.17	Dona Movimento, Mãe Possibilidades e Senhora Ciências.....	97
4.2	Os Discentes - rodas de conversa no chão da sala de aula.....	100
4.2.1	Quem são esses discentes?.....	101
4.2.2	Como se deram os encontros e conversas?.....	101
4.2.3	1º Momento.....	101
4.2.4	2º Momento.....	102
4.2.5	3º Momento.....	103
4.2.6	4º Momento.....	104
5	AS DESCOBERTAS POR ENTRE AS TECITURAS, COSTURAS, TEXTURAS, ESTAMPAS E OS ALINHAVOS NA COLCHA TECIDA....	106
	REFERÊNCIAS.....	119
	ANEXOS.....	124
	ANEXO I - Questionário – perguntas (conversa/entrevista) norteadoras para a pesquisa com docentes.....	124
	ANEXO II - Questionário – perguntas (conversa) norteadoras para a pesquisa com discentes.....	126
	ANEXO III - Ciranda de Desafios: multiletrando com sensibilidade .....	127

## 1 – OS PRIMEIROS ALINHAVOS E TECIMENTOS

O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos (ALVES, 1994, p. 82).

Com grande amor nasceu minha pesquisa, e dela, esta dissertação “MULTILETRAMENTOS: EXPERIÊNCIAS NA TECITURA DA EDUCAÇÃO SENSÍVEL”.

Como **objetivo geral**, procurei estudar e explorar de possibilidades de uma práxis complexa de acolhimento e educação sensível na sala de aula com os multiletramentos e a Pedagogia dos Multiletramentos.

Foi importante, como **objetivos específicos**, contar a minha caminhada ao encontro dos multiletramentos e a Pedagogia dos Multiletramentos; evidenciá-los com experiências de ensino e aprendizagem singulares, sensíveis e acolhedoras de docentes e discentes, relatando e interpretando fatos do chão da sala de aula e através do enaltecimento dos multiletramentos e a Pedagogia dos Multiletramentos. Com as experiências, possibilitar uma teia de trocas com outros grupos e comunidade escolar.

Minhas inquietações a respeito do tema surgiram desde que iniciei na profissão de educadora. Sempre estive tentando contemplar todos, acolher e incluir. Algo que sempre me desafiou e instigou, nunca querendo deixar ninguém para trás. Lembrei do filme assistido nos anos 90, quando iniciava a graduação “*Nenhum a menos*”<sup>1</sup> em que Wei Minzhi, 13 anos, sem experiência alguma, é a única pessoa que aceita substituir o professor do primário que precisava cuidar da mãe. Em sala, ela luta para que nenhum estudante fique sem ir à escola, nem mesmo o garoto que vai para a cidade grande trabalhar e que a novata professora vai atrás. Assim como no filme, sempre procurei acolher o todo e incluir todos, sem esquecer de ninguém. E explorando as mais diversas linguagens (escrita, oral, visual, tátil, cultural, social, emocional, sonora, entre outras) percebo que, foram as minhas experiências sentidas com minhas mais íntimas emoções que permitiram este leque de possibilidades no acolher, no ensinar e no aprender.

No que diz respeito à **metodologia**, inicialmente, realizei uma busca bibliográfica acerca do tema e dos termos de estudo. Essas leituras me ajudaram a compor mais temas e provocações para as interpretações dos docentes e discentes com os quais convivo e convivi, bem como minhas experiências e registro de possibilidades.

---

<sup>1</sup> De Zhang Yimou, 1999.



Nessa perspectiva, a pesquisa pautou-se em uma **abordagem qualitativa** com pesquisa de campo via aplicação de questionários de perguntas abertas a docentes e discentes, algumas observações do dia a dia na sala de aula e a interpretação das experiências compostas a partir dessas trocas. Na pesquisa empírica busquei auxílio para a compreensão dos termos, palavras e estudos.

A partir das inquietações e devaneios comigo mesma, com os discentes, com minhas experiências e com os docentes, encontrei mais gente que “toca”, que sente, encontrei quem conversa comigo e me referenda em teoria e em leitura: **Alves, Arenhaldt, Barros, Dorneles, Freire, Grupo de Nova Londres (Cadzen, Cope e Kalantzis), Henz, Larrosa, Maffesoli, Maturana, Rojo** e outros.

O texto está costurado em cinco grandes momentos alinhavados e tecidos.

Primeiro, a introdução **“Os primeiros alinhavos e tecimentos”** traz um resumo, o objetivo geral e os específicos, a metodologia e detalhes de cada momento tecido ao longo da pesquisa.

Após a introdução, trago o **“Era uma vez: hora da história alinhavada e tecida”**, na qual teço minha caminhada com a educação, com os multiletramentos, com a Pedagogia dos Multiletramentos, com o sensível, com o acolher, com a experiência vivida e sentida.

No terceiro momento **“Alinhavando e tecendo: referenciando termos do estudo”**, referencio e esmiuço os termos da dissertação, fazendo uma relação entre eles e como essa conversa se deu na pesquisa.

O quarto momento **“Experiências com as docentes e discentes: tecimentos e linhas essenciais para a pesquisa”** traz experiências com as docentes e discentes, mostrando o dia a dia no chão da sala de aula, suas vozes, corações, amores e almas. Evidenciando o vigor dessas docentes inspiradoras, os multiletramentos e a pedagogia que deles emerge, dei voz as suas experiências do chão da sala de aula e à escuta dos seres encantados, os discentes.

Minhas considerações finais se encontram na tecitura findada **“Descobertas por entre tecituras, costuras, texturas, estampas e alinhavos na colcha tecida”**, com destaques das desocultações, digamos assim, por entre as costuras, tecituras e os alinhavos da caminhada. Nesse capítulo, dou conta e confirmo a minha esperança e a minha defesa de uma pedagogia sensível, vivida com todo o corpo, com todo o amor, cuidado, respeito e de todo coração. Fiz questão de apontar e destacar aspectos centrais dessa potência pedagógica do poder trocar, compartilhar e tecer novas conversas sobre a importância dos multiletramentos e sua pedagogia sinestésica em experiências tecidas de forma sensível e acolhedora.

Não trago nada novo, não era esse meu objetivo. O que queria era ampliar o olhar

COMigo, COM docentes, discentes, com os multiletramentos, com o sensível e a experiência. Não precisava que fosse novo ou desconhecido, mas eu precisava que fosse ativado, revivido, sonhado e é isso que trouxe qualidade ao conteúdo, criando significados genuínos. Trouxe ao meu trabalho a ideia de que criar é dar forma ao próprio destino. A experiência não se cria, se passa por ela, se sente. Vive-se a experiência e para cada um, assim como para mim, viver essas aprendizagens foi novo, pois me desocultou de diferentes maneiras.

Me multicolori e multiletrei no mundo grandioso e maravilhoso da educação sensível COM os multiletramentos. Obrigada à minha pesquisa.

## 2 – ERA UMA VEZ: HORA DA HISTÓRIA ALINHAVADA E TECIDA

Trabalhar com multiletramentos, é ser multi, ser diverso. Eu não queria que minha dissertação fosse somente um pesquisar, mas um desabrochar, um desocultar-me. Ela foi o que exalei, uma forma diferente de pesquisar, de escrever, de contar e compartilhar COM o outro. Com a minha pesquisa e na elaboração desse relatório, posso dizer que vivi intensamente a experiência, compreendendo que: “a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (FREIRE, 2013, p. 139).

Assim, preciso contar essa história. A experiência de uma pesquisa, vivida, sentida, exalada. Uma procura que se iniciou e continua. Não uma procura por respostas, mas por encontros com a vida e com quem pensa conosco, nos faz perguntar e repensar. Encontros com as experiências ouvidas, vivenciadas e sentidas. Uma conversa, uma troca, uma busca por mim mesma COM o outro. Um estudo com os multiletramentos e as experiências que possibilitam um outro enredo, um sentimento de um outro modo de fazer, de agir.

Os meus estudos começaram com muitos traçados, pensamentos e devaneios. Ao longo do tempo, o medo e a angústia da incerteza foram passando, alinhavos foram sendo feitos. Hoje vivo e sinto cada momento. Porque:

Sou apenas um caminhante. Que perdeu o medo de se perder. Estou seguro de que sou imperfeito. Podem me chamar de louco. Podem zombar das minhas ideias. Não importa! O que importa é que sou um caminhante. Que vende sonhos para os passantes. Não tenho bússola, nem agenda. Não tenho nada, mas tenho tudo. Sou apenas um caminhante. À procura de mim mesmo (CURY, 2008, p. 79-80).

Era uma vez, uma colcha de tecida, alinhavos, estampas, texturas, nós, laços, retalhos e costuras. Memórias de uma pesquisa, “Adeline pesquisadora e seus achados”, escreveria professor Cláudio. Era uma vez, eu, uma menina que saiu do Ensino Médio sem saber que caminho seguir. As estradas eram: Biologia, Engenharia Civil, Nutrição, Jornalismo e Computação. Nada relacionado à Pedagogia. Então como ela chegou em minha vida? Por que é importante contar essa história?

Porque falo de educação sensível, uma educação que tem um olhar mais amplo e delicado. Porque falo de experiências, falo do vivido e do sentido que nos compõe enquanto ser humano e porque falo de multiletramentos, linguagens e significados diversos com os quais nos fazemos pertencentes do mundo. Todos estes, partes da tecitura feita até aqui.

Então vamos a Pedagogia. Ela chegou aos poucos, em doses homeopáticas graduais,

alinhavos preciosos como os tecidos que minha querida mãe, costureira, encantava e deles fazia aparecer lindas roupas com as quais me vestia, minhas irmãs e a tantos outros.

Nasci e cresci em meio a tecidos, fita métrica, agulhas, alfinetes, linhas, botões, joaninhas, fitas mimosas e zíperes. Filha de costureira, família humilde, sempre tive a grande maioria de minhas roupas feitas por minha mãe. Dos tecidos diversos ela fazia lindas peças, extremamente criativa com coisas simples e modestas.

Lembro das senhoras que vinham lá em casa, abriam aquelas revistas com famosos, mostravam os modelos que queriam, e ela fazia, do nada aparecer, a tecitura alinhavada perfeita e detalhada. E assim aprendi para a vida, a criar, transformar, reformular, reinventar, agrupar, reagrupar, reordenar, repensar, sempre com um objetivo a alcançar, sendo feliz e realizada na diversidade das cores, texturas, combinações e até ousar do exótico e do único. A primeira linguagem que lembro foi essa, a dos alinhavos, dos tecidos que se transformavam em cobertores para minhas bonecas ou vestidos, blusas e outros. Uma multiplicidade de possibilidades criativas e inventadas por mim ao ver minha mãe traçar a linha sobre aquelas peças de tecido. Criava, alinhavava, costurava, recortava, refazia, moldava, marcava e aflorava em um retângulo, digamos assim, uma linha delineada do corpo, uma extensão deste. Mostrava o que de mais belo se podia fazer com aquela cor, textura e caimento.

Ao longo da pesquisa, percebi que tudo, cada palavra, cada escrita tinha relação com as marcas das experiências deixadas pela vida em mim, na pele, na alma e pensamentos, por tantos multiletramentos que me foram oferecidos, por isso continuo a contação da história.

Desde pequena acompanhei também a rotina de duas de minhas três irmãs. Elas foram e são docentes dos anos iniciais da rede pública municipal e estadual da cidade onde moramos. Hoje, estão aposentadas em meio período. Vivenciei o trabalho delas em uma escola que era referência, na cidade, em atender estudantes com deficiências. Na época, as turmas que os recebiam, eram chamadas de classes especiais. Segundo Brizolla (2000), eram voltadas ao atendimento de estudantes com deficiências leves, problemas de aprendizagem e emocionais e as práticas pedagógicas se limitavam principalmente à reabilitação. Aprendi convivendo com elas, com os estudantes e com a rotina desta escola (que pelo destino de um acaso, que não é acaso para mim, é a escola em que leciono hoje, 40 horas, desde 2010) que somos parte de um todo e que perante esse mundo maravilhoso somos iguais. Ao mesmo tempo somos únicos nas nossas diferenças, em nosso diverso e singular. As experiências vividas nesse contexto se iniciaram.

Em outras palavras, talvez, pudesse dizer usando Barros: “O que não sei fazer desmancho em frases. Eu fiz o nada aparecer” (1996, p. 63), ou seja, para mim, o ver, o sentir,

o ouvir, o que elas traziam, contavam, mesmo eu sendo pequena, 15, 20 anos de diferença fez a composição do ser que sou hoje, junto as costuras de minha mãe. As frases foram desmanchadas e o nada apareceu, intenso e vibrante.

Aos meus alinhavos e tecitura não posso deixar de acrescentar o querido professor Sérgio, que fez grande diferença em minha escolha de profissão. Em uma das aulas de “Filosofia da Educação”, em meados de 1999, com uma bonequinha na mão, ele contou o mito da caverna. Uma metáfora criada pelo filósofo grego Platão. A história é uma tentativa de explicar a condição de ignorância em que vivem os seres humanos, aprisionados pelos sentidos e os preconceitos que impedem o conhecimento da verdade. Um dos textos filosóficos mais debatidos e conhecidos pela humanidade. Nele, estão as bases do pensamento platônico, o conceito de senso comum em oposição ao senso crítico e à busca pelo conhecimento verdadeiro. A vida dentro da caverna representa o mundo sensível, aquele experimentado a partir dos sentidos, onde reside a falsa percepção da realidade. Enquanto a saída da caverna representa a busca pela verdade, o chamado mundo inteligível, alcançado apenas pelo uso da razão. Mal sabia eu que esse mundo do buscar e do pensar seria a minha pesquisa, anos e anos depois. Foi aí, a partir de uma história, que um caminho, uma ideia, que esse pensar se estabeleceu. Talvez por isso tenha me tornado uma encantada devoradora de histórias até hoje. Procuo experienciar isso com minhas filhas e meus discentes. As histórias envolvem muitos tipos de linguagem, sensibilidade, trocas, singularidades, diversidade social, visual, emocional e cultural.

Leciono desde o ano de 2000. Iniciei em uma turma chamada, na época, de Jardim A (nomenclatura correspondente faixa etária de crianças entre 4 e 5 anos, os chamados jardins de infância), em uma EMEI do município onde resido. Depois passei por outras instituições. Há quatorze anos atrás, fui nomeada para atuar na rede pública do município em que resido. Um ano e alguns meses depois da nomeação, por acaso do destino ou caminhos da vida (como já citado anteriormente), a escola em que iniciei e estou até hoje, doze anos depois, é a mesma escola em que via minhas irmãs. Me identifico com a escola e com a comunidade. Lá trabalhei oficinas voluntárias de dança, flauta e canto entre 1997 e 2000. Agora já estou a lecionar para os filhos dos meus discentes/educandos e até filhos dos filhos destes. Em algumas famílias acompanho já a quarta e quinta geração. Pela manhã acompanho uma turma de crianças da Pré-Escola, com 5 anos, e a tarde uma de 5º ano, incluindo um menino de 12 anos que não está alfabetizado.

E de alinhavo em alinhavo, à essência e à experiência da pesquisa, costuro algo mais e que me marcou muito enquanto educadora, acrescentando mais delicadeza e sensibilidade ao olhar. O “depois” de ser mãe. Aos 26 dias do mês de julho de 2010, nasce a minha primogênita,

minha princesa encantada, calma em pessoa, tranquilidade no ser e no fazer, Maria Clara. Apaixonada pelas flores, por cavalos, pela natureza, pela terra, pelo cuidado ao outro, mas também em um eu solitário, enigmático e silencioso. Ela me transformou de dentro para fora, de fora para dentro, aflorando coisas antes inimagináveis e ocultas em meu ser.

E foi assim, alinhavando com minha mãe, vivenciando e experienciando com as minhas irmãs, ouvindo a “contação” de história do professor Sérgio, a convivência com essa comunidade escolar e o nascimento da Maria Clara que nasceu o princípio de minha dissertação, porque:

Todo jardim começa com um sonho de amor. Antes que qualquer árvore seja plantada ou qualquer lago seja construído, é preciso que as árvores e os lagos tenham nascido dentro da alma. Quem não tem jardins por dentro não planta jardins por fora e nem passeia por eles (ALVES, 1999, p. 24).

E o jardim foi se expandindo e florescendo. O amor foi crescendo dentro da alma. E em meio a esse misto de emoções que nasceu minha pesquisa, o cultivo do meu jardim, outros alinhavos e flores foram, digamos assim, se aconchegando, semeando e brotando, envolvendo e compondo a tecitura da escrita e da dissertação.

Em meio a uma pandemia, com meus quase 40 anos, com Maria Clara com seus quase 10 anos, trabalhando 60 horas (40h lecionando e 20h em tutoria de cursos EAD de Pedagogia e Letras), fazendo Pós-graduação em Gestão e Mestrado em Educação, tudo ao mesmo tempo e intensidade, recebo a notícia que seria mãe novamente.

Percebo hoje que na vida tudo acontece quando e como deve ser. Foi um “susto” no início, mas que gradualmente, com a serenidade de Deus, esse alinhavo foi compondo significativamente o meu “EU” e conseqüentemente a pesquisa como um todo. Desde o ventre esse novo serzinho me transformou e ressignificou, acrescentando ao ser mãe, mulher, ser humano, educadora, contadora de histórias e pesquisadora.

Maria Clara, é luz, um rio calmo, de águas claras e que me deu o nome de mãe, mas sempre foi muito mais apegada ao pai. Quando pequena, só dormia, arrotava ou parava de chorar com ele. Ana Júlia, minha caçula, não. Nascida em 09 de junho de 2020, chegou intensa, uma ventania, um mar em fúria. Se eu não estiver deitada, aconchegada e quase que respirando com ela, não dorme. Se acaso não sentir o meu cheiro, acorda. Se me sentar em frente ao computador para escrever, ela requerer meu colo, um afago, um olhar. Não sei se foi a pandemia, a idade ou o tempo. Sei que é algo inexplicável, que marca, me experencia, aflora e sensibiliza a cada dia. Por mais que o primeiro ano de estudo tenha sido mais intenso e eu tenha conseguido dedicar-me mais, no sentido de escrever, de ler, o segundo ano, com o nascimento da Aninha, tem sido

um turbilhão de ações, pensamentos, emoções e frustrações. Sem tempo para nada, sem quase escrever e cansada ao extremo. E no que isso se relaciona com minha dissertação? Tudo que passa por nós, marca, toda a experiência que é sentida e vivida, é importante.

O ano de 2021, foi de aprender, de me entender e me permitir. De compreender que o tempo é senhor dos destinos e cada ser humano que perpassa por nós nos marca, nos experimenta e provoca. O meu estudo é a experiência, é o multiletramento, é o sensível, é a pausa, é o desequilíbrio, o reequilíbrio e é o ser humano. É história, é vida, é interpretação e recomeço. O que vivi e vivo, tudo que me marca, me “multiletra” e faz minha pesquisa melhor. Tive de cantar muitas vezes essa música e internalizá-la, tanto com relação à escrita, à pesquisa, como COM relação ao meu “EU”:



*... Calma, o mundo precisa de pausa. Será que estava escrito em algum livro antigo. Se foi premeditado ou coisa do acaso? Calma, o mundo precisa de pausa. No fim tudo volta ao seu lugar. Talvez seja hora pra pensar. Nem tudo se pode controlar. O que será que o mundo tem a falar? Calma... Quem é que nunca disse precisar de espaço. Que a vida era corrida, que andava ocupado. Calma, a vida precisa de pausa. Quem é que nunca disse que faltava tempo. Pra ficar em casa, ficar sem fazer nada. Calma, a vida precisa de pausa. O mundo precisa de pausa... (Pausa - Vicka).*

O mundo precisava de pausa, estava em pausa, quando a pesquisa propriamente dita, iniciou, o meu mundo precisava de pausa, de calma, de pensar, de entender COM tudo que me cercava e me envolvia. E em meu dia a dia em sala e em casa, a música e a poesia me auxiliaram, me ancoraram muitas e muitas vezes. Elas continuam COMigo até hoje.

Como uma boa, apaixonada contadora de histórias e pela música que invade minha alma constantemente me tornei história, imaginação, ritmo e musicalidade em pesquisa e escrita. Eu parei, olhei, pensei, cantei e contei. Sou linguagem múltipla, intensa e vibrante. Um timbre peculiar. Minha pesquisa é essa tecitura e costura de alinhavos. Ela é verso e brincadeira com palavras. Um criar novos dizeres. Um cheiro, um gosto, uma lágrima e um perfume. Experiências, alegrias, tristezas, saudades, coisas vividas. Incertezas, surpresas, frustrações. Uma multidiversidade de ideias e compreensão de sentimentos e da vida. Do sentir e do exalar. Do marcar e do lembrar.

De história em história, trago então à memória, uma que amo contar e que se alinhava aos meus escritos e devaneios, “A colcha de retalhos”. De Conceil Corrêa Da Silva e Nye Ribeiro, a história fala de Felipe que gostava muito de ir à casa da sua avó. Além dos bolos e doces deliciosos que preparava, a avó era uma ótima contadora de histórias. Em belo dia, quando o neto a ajudava a fazer uma nova colcha, em meio a retalhos coloridos, desenhados e cheios

de história, os dois reuniram e costuraram lembranças. A partir desse dia, Felipe passou a compreender algo até então desconhecido: o sentido da saudade. Sou essa avó e Felipe minha pesquisa. Os retalhos, a linguagem, o diálogo e as memórias, são a compreensão de mim mesma e minha caminhada até a dissertação final e o entendimento de sentimentos que até então eu não significava ou, de certa forma, ocultava.

Nessas tecituras e costuras com linhas e retalhos, meu estudo e a escrita, foram se compondo e tecendo em folhas de rascunhos, em *prints* ("foto" da tela do computador) em citações, em um pedaço de pensamento, uma parte rabiscada, outra digitada. Gravei áudios para eu mesma ouvir. No momento, achei estar meio "maluca", talvez por isso, posteriormente, me intitulei assim, a "Maluquinha". Hoje tenho a certeza de que era o pensamento em andamento. Com isso e tantos outros tecimentos citados, pude ir sentindo, devaneando e escrevendo. Esses pensamentos me tocaram e continuam a tocar. Eu os "re"toco e com eles aos que me rodeiam.

Sou uma catadora de emoções e sentidos, sigo contando, lendo, lembrando e sentindo como "*O catador de pensamentos*", que digo a vocês, vale a pena ler. Monika Feth conta que um velhinho chamado Sr. Rabuja, todas as manhãs percorria as ruas recolhendo todo o tipo de pensamentos. Pensamentos bonitos, feios, barulhentos, silenciosos, inteligentes, bobos, compridos, curtos, etc. O Sr. Rabuja planta os pensamentos que recolhe. Os pensamentos se transformam em flores e depois saem voando, colorindo o céu. Ele faz isso para que os pensamentos se renovem e, assim, nunca deixem de existir. Também tenho minha plantação de emoções e pensamentos. Talvez penso que já estava em mim o Sr. Rabuja, mas com a ajuda da querida professora Sandra, ele tenha se a florado e se desocultado em mim.

Neste emaranhado de experiências, sensações, leituras, histórias, vidas, imaginação, pensamentos, singularidades e emoções vou conhecendo novas coisas, novos sentidos e significados que me perpassam, que me entranham. Vou plantando mais pensamentos e tecendo e costurando outras memórias e sentimentos. Brinco com as palavras, devaneio e ousa criar metáforas, palavras e me tornar sensivelmente criadora de uma nova linguagem, intitulada carinhosamente por meus avaliadores de "Adelinear". "Adelineando", imagino-me como "*A velhinha que dava nome as coisas*". Cynthia Rylant traz uma velhinha que já não tinha nenhum amigo, pois todos eles haviam morrido. Por isso, ela começou a dar nome às coisas que durariam mais que ela: sua casa, seu carro, sua poltrona. Até o dia em que um cachorrinho apareceu no seu portão. Então, a velhinha acaba dando um nome ao cachorrinho, mesmo correndo o risco de sobreviver a ele. Agradeço aos meus avaliadores, pois independente de ser um carro ou o cachorro, independente de sobreviver a mim ou não, eu nomei a mim mesma, minha história e minha pesquisa. Me permiti "adelinear" para compor a minha dissertação, sem em preocupar



com o que possa acontecer. Vou pesquisando e me deliciando, mesmo que o inusitado me visite vez ou outra.

“Adelineando”, mergulho de história em história, lembrando disso e aquilo. Trago uma história vivida, um sentimento plantado para contar outra história, outro sentimento aflorado. “Adelinear” fez com que eu me sentisse viva e significativa. Deixo hoje, algo para o mundo, algo além de mim, um além corpo. Uma passagem marcada e não somente passagem. Sou uma alma, uma presença sentida, dou nomes, crio e brinco comigo mesma, com minhas experiências, com a vida, com as palavras, colho o sentimento de pertencimento e planto o ainda querer mais e mais. Esse pertencimento traz o vivido em detalhes. Na simplicidade de cada pequeno detalhe, por mais simples que seja, se carrega a coisa mais preciosa, o EU, o outro, o COM e o mundo. Vou me apropriando das palavras e nomeando o mundo, sensibilizando o meu olhar.

A beleza dessas relações leio em *“Coisinhas à toa que deixam a gente feliz”* com sensibilidade de um olhar simples, rico, prazeroso e singelo. Otavio Roth e Ruth Rocha mostram o que há em comum em começar um caderno novo, fazer guerra de almofada, deitar num travesseiro macio, estourar plástico bolha e comer espaguete *al dente*. Todas são coisinhas à toa que deixam a gente feliz e que talvez, nunca tenhamos nos permitido pensar essa felicidade. Alguns desses pequenos prazeres do dia a dia, a gente nem repara direito, mas refletindo melhor, permitindo o pensar COM, representam boa parte da nossa alegria diária e são realmente um baú de banalidades mágicas e significativas. Com a escrita e pesquisa, aprendi a olhar com mais atenção, esse simples, o já vivido, sem ficar esperando e procurando o novo, o nunca visto, mas sabendo revisitar com sensibilidade o caminho percorrido, a experiência perpassada, a simplicidade do olhar com uma grande sensibilidade. Sendo assim:

todo processo de conhecimento se constitui em processo de autoconhecimento... saber que sabemos o saber nos lança no existir do mundo e a ele nos conecta como um estando existência no existir do mundo. O dar-se conta de que existimos na existência do mundo, de que não só estamos sendo no mundo, estamos sendo o mundo, intui as possibilidades infinitas da presença (DORNELES; ARENHALDT, 2016, p. 27).

Presença essa, que constitui meus alinhavos, minha tecitura e meu autoconhecimento. A história é minha, sou EU, minha carne, minha pele, minha alma e meu sentimento. Vou tecendo-me em histórias, em versos, desmanchando-me para mostrar o meu alinhavo, a minha tecitura, o meu encontro com os multiletramentos. Como eles entraram na minha vida e nesse texto. Como nos encontramos, ou melhor, nos reconhecemos, nos desocultamos e por fim nos alinhavamos e tecemos um ao outro, um COM o outro. Mas vocês acham que o encontro foi algo simples? Não. Simples no acontecer, mas não simples no entender. Um namoro às antigas,

que chega de pouquinho em pouquinho, um olhar, uma história aqui e acolá, uma escrita, um pensamento, um desencontro, um desentendimento, uma reconciliação, uma relação com os todos os sentimentos possíveis a serem vividos.

Então como isso tudo foi compondo o fio condutor e principal que teceu a minha colcha da dissertação? Eu pensava em algo sobre incluir, sobre a diversidade de linguagens que se pode oferecer à criança no processo de ensino e aprendizagem e ainda queria muito enaltecer e compartilhar tudo o que via com minhas irmãs e com minhas colegas, todas consideradas por mim docentes inspiradoras. Mas nada, nenhuma palavra conversava comigo.

Então em outubro de 2020, fazendo uma disciplina do meu tão sonhado Mestrado, me indagava: O que pesquisar? Tinha ideias, mas nada concreto. Eu, Adeline, precisava de algo escrito, algo que eu pudesse sentir, tocar, isso era uma necessidade minha. Então, a professora Sandra, propôs que cada um conduzisse uma leitura. Na minha pesquisa de textos para a proposta surge o trecho do livro *“Linguagem e Educação depois de Babel”* de Jorge Larrosa, tratando a linguagem como experiência. Não foi coincidência, foi destino, um primeiro encontro. A partir desta leitura, do compartilhar com os colegas, das trocas aula após aula, surgem meus primeiros esboços, tópicos do que seria um projeto de pesquisa. Com as descobertas e desocultações (revelar o que era secreto, descobrir algo) nessa experiência muitas inquietações foram provocadas. Surgem então as primeiras conversas tecidas em escrita e pensamento.

Cada ser humano é diferente, único. Cada um tem um tempo, um processo, uma experiência. Tudo o que falávamos ou eu lia, me instigava e intrigava. A fundamentação essencial para o pensar, o interrogar, o imaginar e o dar sentido. Fui percebendo que tudo é importante na busca infinita do saber e do compreender. *“Como pensamos o que pensamos”*, dizia a professora. Trago então que:

Amamos e odiamos no conhecimento. Com ele nos encontramos e nos desencontramos na plenitude abissal, sábia e louca da complexidade tragicômica que é o estar-sendo juntos no-mundo-com. É no conhecimento que nos encontramos e desencontramos no estar-sendo mundo, vida, sociedade, cultura, educação. Manifestamos aquilo que sentimos e pensamos e sintonizamos e esperamos e buscamos no conhecimento que criamos nesse juntos-no-mundo-com (DORNELES; ARENHALDT, 2016, p. 28).

Eu, a iniciante, um tanto perdida, ouvi então, algo mais: *“Tu precisas achar alguém que converse contigo, alguém que te entenda”* (RICHTER, 2020). Essas palavras, as ideias do texto e citações que destaquei na leitura iniciaram um processo de pensar e, principalmente de escrever. Assim, eu pude afirmar: *“Minha pesquisa existe”*. Segundo Larrosa (2007), as palavras produzem sentido, criam realidades e às vezes funcionam como potentes

mecanismos de subjetivação, ou seja, tornar-se sujeito.

E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, em que fazemos coisas com as palavras e também que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos baseando-nos em nossa genialidade, em nossa inteligência, mas valendo-nos de nossas palavras. E pensar não é somente "raciocinar" ou "calcular" ou "argumentar", como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece (LARROSA, 2007, p. 152).

Desta forma, dei sentido a mim mesma e à pesquisa, dei corpo a ela e à alma fui compondo em versos, pensamentos e devaneios, “adelineando” sem parar.

A palavra experiência, junto ao texto de Larrosa, fez um início de uma bela conexão, uma sincronicidade (conceito de Carl Gustav Jung para definir acontecimentos que se relacionam não por relação causal e sim por relação de significado). Me tornei sujeito de minha pesquisa, mergulhada na nova experiência com as trocas, as leituras e outras significações, “Adelinear” me fez sonhar, pensar, pesquisar e criar. Para alguém me entender, eu precisava fazer isso primeiro. Precisava estar de corpo e alma, me deixar tocar e levar. Meu corpo precisava falar, pensar, sonhar, imaginar e devanear com o estudo. Precisava e preciso, ainda, me encantar com o simples, sem deixar o complexo e não esquecer que:

A expressão reta não sonha. Não use o traço acostumado. A força de um artista vem das suas derrotas. Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro. Arte não tem pensa: O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo. Isto seja: Deus deu a forma. Os artistas desformam. É preciso desformar o mundo: Tirar da natureza as naturalidades. Fazer cavalo verde, por exemplo (BARROS, 1996, p. 75).

Ousei não usar o traço acostumado. Imaginar a pesquisa inicialmente e sonhá-la, foi necessário. Fiz cavalos coloridos, incolores e até invisíveis. Imaginar e “adelinear” é estar em linguagem. Imaginar amando o que se faz. A imaginação é o ato de fazer e amar é emocionar-se e envolver-se nesse mundo feito. Eu estava a enamorar-me. Um amor genuíno e puro como o de uma mãe pelo filho. Concebida em meu corpo, e meus pensamentos e agora em escrita, ali estava concebida, a minha pesquisa. Eu tenho e tive que fazer. Assim me produzi poeticamente, me produzi em palavras, amei a mim e assim à pesquisa. Amar também é estar em linguagem, é emocionar-se se apossando do mundo da forma mais primária e significativa que conhecemos, o amor maternal.

Como mãe, eu estava COM a pesquisa e ela parte de mim. E mesmo sendo parte de mim, eu precisava conhecê-la e ao seu mundo, meu mundo. Como uma criança desenha para se apossar do mundo, conhecê-lo, eu precisava imaginar, conhecer, compreender e desenhar a minha pesquisa. Aprender a conviver com a ambiguidade da linguagem (nunca é “só” isso). Aceitar o processo, a dúvida, o talvez, o pode ser isso e aquilo também. Deixar a busca incessante por respostas um tanto de lado. Fui e continuo me constituindo pesquisando, “adelineando”, vivendo, devaneando e estando COM. Hoje penso que já era um encontro para me “multiletrar”. Continuo a conhecer o que veio das minhas entranhas compondo e percebendo o que fui dando forma, luz e composição. Nessa existência, eu necessito fazer coisas porque preciso produzir mundo, senti-lo e perceber, nos multiletramentos, sensivelmente, o que a experiência traz e toca, porque:

É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada lhe toca, nada lhe chega, nada lhe afeta, a quem nada lhe ameaça, a quem nada lhe fere (LARROSA, 2007, p. 161).

Sabe quando você lê, relê, escreve, reescreve e parece que nada cria sentido no seu mundo, no seu processo de ser e estar? Me encontrei muitas vezes assim. Mal sabia eu, que já me multiletrava no silêncio. O silenciar também é linguagem, é produzir-se, é um fazer-se. Na experiência de conduzir a leitura, olhei para dentro de mim. O texto me encontrou e eu a ele. Conforme o Universo foi se movimentando, houve um sincronismo, nos co-encontramos (encontro simultâneo, sincrônico) e gradualmente a escrita foi sendo exalada e a pesquisa tecida.

O tempo respeitou o meu tempo, a pesquisa respeitou a minha pesquisa e eu aprendi COM o tempo, COM a pesquisa e COMigo. Respeitei a vida e o processo. Respeitei o “EU”, o tempo e o ciclo. Sei que isso contribuiu e está contribuindo muito para ressignificar-me e reconhecer no outro algo mais que especial, uma contribuição maravilhosa para o tecer das experiências e exemplos no chão da sala de aula enaltecidos na tecitura de minha colcha. Pesquisar é estar COM, é estar junto, é dialogar, é conversar e pensar que é preciso também:

Reconhecer e respeitar o outro, as múltiplas manifestações do viver. Reconhecer que não é possível enclausurar ou encapsular ou resumir a vida na pesquisa. Reconhecer a beleza e a potência de se nutrir a pesquisa com vida, mas que é importante admitir também que nem sempre a pesquisa é capaz de captar a complexidade e a diversidade e o fluxo da vida. Reconhecer as possibilidades e as potencialidades interpretativas desse modo de fazer pesquisa que emanam do estar-junto-com (DORNELES; ARENHALDT, 2016, p. 41).

Estar-junto-com foi constante. O fluxo da vida segue, a gestação continua. Os

multiletramentos ainda estão mais adiante, a palavra propriamente dita “multiletramentos”. Segui ainda nas marcas das experiências, do outro, do pensar, do ler e continuar a “adelinear”.

Ainda na disciplina de “Educação e Filosofia”, eu e Larrosa já havíamos “trocado olhares”. Segundo ele (2014), ler, escrever e pensar não podem acontecer separadamente, lê-se escrevendo, com um lápis na mão. Escreve-se lendo, sobre uma mesa cheia de livros. Entre ler e escrever, às vezes, acontece algo. Algo aconteceu comigo quando provocada para a compartilhar minha leitura, um significar, um gestar. A cada palavra, um sentido, um encontro, um ver e um sentir. Quanto mais palavras, mais mundo, mais pesquiso e mais penso. As palavras me situam. Eu procurava uma linguagem em mim, mas na verdade, ela estava no outro, está nele, na linguagem COM este, na conversa e na troca. A partir do que o outro me mostra em uma história contada, narrada, vivida, sentida ou experienciada. O outro não me mostra só em palavras, mas em corpo, alma, coração e sentimento. A interpretação dessas histórias, experiências, “contações” (narrar, dizer) trazem o compartilhar a existência, para me fazer compreender o que quero ou o que vem a mim.

Reencontrar-me com o texto foi uma luz. Trouxe muitas perguntas, “tempesteadas” (tempestade de ideias) em uma chuva turbulenta, mas revigorante. A emoção tomou conta do meu ser em um amor gestacional maravilhoso. Encontrei quem me entende e com quem conversar. “Re-compreendi” o que a professora Sandra dizia lá na carta inicial: que é preciso lutar pela experiência de pensar. Que não há nada para ensinar a não ser mostrar certo modo de andar pela vida (“passear pela linguagem”). É importante escrever, exercitar a experiência de pensar escrevendo. De como pensamos o que pensamos na ação de educar e que é preciso sabor no aprender a pensar (RICHTER, 2018).

O sabor, o sentir, o exercício de escrever, a experiência a perpassar, o experienciar em múltiplos jeitos. Tudo tem uma nova etapa, um novo gosto, um novo toque. É um novo pensar a repensar que se entrelaçou nas palavras de Larrosa (2014) em que ensinar e aprender acontece conversando. O importante não é do que fala o texto, mas para que fala, para onde fala, para que pessoa (s). Quando lemos, o texto nos fala. Fala para nossa escrita, para nossa conversação, para nosso pensamento, para nossa maneira de viver, fala para o nosso gestar. O texto conversou comigo e eu com ele, a troca aconteceu e tocou. Desta forma:

A experiência, a possibilidade de que algo nos passe ou nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e

os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2007, p. 160).

Eu precisava de tempo, precisava escutar, experienciar a arte de me encontrar, precisava me “multiletrar”, “adelineando” e gestando. Não há nada no mundo que não passe pela linguagem, pelas mais diversas linguagens. Quando minha linguagem emerge, emerge também meu jeito de ver o mundo, meu “adelinear”, meu jeito de amar o mundo, o que sou e o que me toca. Quando argumento, o agir me produz como eu sou. Ao fazer o mundo, me faço, me sinto, contemplo, desde as anotações de explanações da professora Sandra nas aulas, ou conversando com os diversos textos estudados e minhas experiências mais íntimas sentidas com o coração.

Com o texto, a escrita, os devaneios e as leituras fui me auto organizando, me produzindo através da pesquisa, gestando lentamente um pensar, um existir. Me despreocupando, me despreendendo do resultado e das respostas. Dei tempo e espaço para o encontro. Mergulhei nas linguagens, na experiência, na sensibilidade e na escrita. Mergulhei no sentir o amor pelo que faço. Tudo que é feito com amor é muito bom, é prazeroso, é leve. O pensar aconteceu e continua acontecendo com mais leveza. A escrita, as palavras, os conceitos, os temas e as perguntas também.

Neste caminhar sem pressa, COM leveza e sentimento puro, a experiência foi e é um provar. Um encontro COM. Uma relação. Ao mesmo tempo é uma travessia perigosa. O sentir tem suas tempestades. Nesta travessia, posso ser um pirata em um mar turbulento. A escrita inicial do projeto foi uma descoberta, uma onda baixa, outra alta, mas sempre um processo de incompletude e um navegar devaneando, “adelineando”. Foi e é o fazer, o imaginar, o mergulhar nas profundezas de si, gestando esta genuína e única experiência porque:

fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo (HEIDEGGER<sup>2</sup>, 1987, p. 143 apud LARROSA, 2007, p. 162).

Agradeço a professora por essa experiência, por essa abordagem interpelativa e que deu início à tecitura alinhavada. Essa abordagem fez com que eu reafirmasse para o meu “EU” que não me preocupasse em dizer algo novo, algo nunca dito e sim, pensar sobre o que penso, porque penso, COM quem penso, para quem penso, para que e como penso. Segundo Morin (2014):

---

<sup>2</sup> HEIDEGGER, Martin. *La esencia del habla*. In: De camino al habla. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1987.

Talvez a ideia pós-moderna consista em afirmar que o novo não é necessariamente o melhor. Fabricar o novo pelo novo é estéril. O problema não reside na produção sistemática e forçada do novo. A verdadeira novidade nasce sempre de uma volta às origens (p. 43).

Eu voltei, literalmente, às origens, como contei para vocês. Da infância ao caminho até aqui. Nas experiências que passei e do que vivo. Com o que senti e ainda sinto, fui fazendo a experiência compartilhada. Queria partilhar e expandir o que via e me emocionava, queria gritar aos quatro ventos o que pensava, COM quem pensava e como pensava, num gesto simples de falar ao outro, COM o outro. Estando em linguagem, fazendo o mundo COM o outro. Lendo, escrevendo, pensando, vivendo e democratizando práticas complexas, mas ao mesmo tempo do viver acadêmico e escolar, singelo e cotidiano. As aulas que participei, me permitiram isso.

E estando em linguagem, rumo aos multiletramentos e à dimensão diversa dos significados, as pessoas que me tocaram, me tocam e que evidenciam minha tecitura e conversas, trazem consigo um dos principais objetivos da escola “possibilitar que seus alunos possam participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática” (ROJO, 2009, p. 107).

O encontro com os multiletramentos vai sendo tecido, em alinhavos graduais, mas cada vez mais intensos e bordados com delicadeza. Acabo de citar Rojo, uma referência, no Brasil, do tema e uma das primeiras com quem conversei sobre os multiletramentos.

Hoje sei que convivo com eles em minha vida toda, só não os nomeava assim. Rojo, me foi apresentada, em uma linda tarde de setembro de 2020, em meio ao caos da pandemia. Sentada no sol a estudar, o professor Felipe, meu paciente orientador, após uma conversa que tivemos sobre o que eu queria, mas ainda não sabia o que queria (risos), me envia vídeos dela. Era um novo alinhavo. Pensei: “Nossa, é isso que eu faço, que minhas colegas fazem. É isso que eu quero, são essas linguagens, são essas experiências, é esse olhar, é essa sensibilidade”. Comecei então, a pesquisa pela nova palavra apresentada e percebi em meio a tudo isso com meu trabalho que minha pesquisa já tinha vida própria, ela só precisava de uma voz calorosa e amorosa, um olhar sensível e atento.

Tecer experiências com multiletramentos trouxe e está trazendo uma leveza maior para meu ser e viver. As experiências que fui alinhavando e compondo são escritas de vida, sensações e memórias. Um gestar multiletrado. Estar mestranda me fez ver que venho pesquisando a vida toda, desde que nasci. Isso me constituiu como sou, o que toco e o que me perpassa. A dificuldade da pesquisa foi colocar tanta coisa em um papel, mencionar o que não se pode dimensionar. Por isso:

O discurso acadêmico é também um discurso existencial. Nossa fé no que queremos e esperamos – para si e para o mundo – se manifesta nas sintonias e escolhas do fazer no estar-sendo educação. Nossa ancestralidade intelectual, a dos pensadores que amamos, porque amparam nossas inquietudes, acolhem nossas intuições, aliviam nossas aflições, desacomodam nossas certezas, é uma composição da criatividade humana frente aos pactos e impactos que desafiam o estar-sendo juntos-no-mundo-com do nosso existir. São inúmeras as possibilidades de inventar, de perceber, de pensar, de sentir, de investigar. Entre tantas, a nossa é a opção pelo encontro. É uma perspectiva de ser pesquisador e fazer ciência que também se assume como uma atitude de estar-sendo ser humano no cotidiano da convivência juntos-no-mundo-com consciente das diversidades e complexidades das muitas dimensões e manifestações da existência humana, incluindo a de si, suas possibilidades, improbabilidades, incertezas, fragilidades (DORNELES; ARENHALDT, 2016, p. 29).

Desocultar-me foi essencial. Expor-me fez com que eu desfrutasse de uma experiência para entrar no processo de pensar COM e não “sobre”. A pesquisa com experiências e multiletramentos me fez e continua a me fazer pesquisar, registrar e novamente repensar. Pensar com mais calma, com mais cuidado e mais sensibilidade,

deixar ver com amor o que o mundo é e como somos nele ao estar-sendo juntos-no-mundo-com. São possibilidades que anunciam um modo de proceder, de compreender e de se relacionar com o conhecimento e seus processos de elaboração; que criam um modo de produzir conhecimento; que se amparam na perspectiva de uma razão sensível; que respeitam as múltiplas manifestações da vida e acolhem as pessoas e as coisas como elas são e como somos e pelo que elas são e pelo que somos. Não mais pelo que gostaríamos que fossem ou que fôssemos (DORNELES; ARENHALDT, 2016, p. 30).

Vejo o mundo com amor, vejo-o em sua simplicidade de ser mundo e assim vejo igualmente os que nele habitam. A simplicidade do olhar, traz a segurança no pensar. O pesquisar trouxe segurança, o não ter mais medo de dizer, de pensar ou perguntar. Conversamos, pensamos, divagamos, imaginamos, conhecemos e “experenciamos” o ser e o estar em linguagem, o poetizar, o “adelinear”, o gestar e sentir o mundo se fazer em versos. O ser humano é a palavra, se constitui com a linguagem nas mais diversas formas. O ser humano dá-se em palavras, estando tecido delas.

Por isso, atividades como atender às palavras, criticar as palavras, escolher as palavras, cuidar as palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras, etc., não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavreiro. Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como juntamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos (LARROSA, 2007, p. 153).

Nomeando, juntando, transformando, inventando, cuidando, divagando, aprendi que a



experiência em linguagem é rica. As palavras têm poder. A linguagem tem poder. Ela possibilita o sensível. Posso esmiuçar algum tipo de informação, sem pecar pelo excesso, uma opinião contra ou a favor. Sempre existe um talvez, um quem sabe. A experiência em linguagem precisa de calma e de tempo. Encarada com o prazer de fazer e de sentir. Ser um sujeito “ex-posto” encarando a vulnerabilidade e o risco que isso traz. É desta forma que me sinto.

Agradeço carinhosamente, intensa e imensamente, a experiência de pensar, de brincar com as palavras, de criar, de imaginar, de amar, de sentir, de inventar, de escrever e assim me produzir. Agradeço pela delicadeza e a honra de nomearem meu dizer, meu falar de “adelinear”. Dessa forma, estou a semear, cultivar e colher, aos poucos, em minha pesquisa, os pensamentos que plantei. Obrigada pelos desperdícios e pelas inutilidades. Obrigada pelo simples e pelo à toa. Obrigada no amor, pela concepção dessa gestação. Tudo isso fez a diferença no caminhar. Nas palavras de Manoel de Barros:

Uso a palavra para compor meus silêncios. Não gosto das palavras fatigadas de informar. Dou mais respeito às que vivem de barriga no chão tipo água pedra sapo. Entendo bem o sotaque das águas. Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes. Prezo insetos mais que aviões. Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis. Tenho em mim um atraso de nascença. Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos. Tenho abundância de ser feliz por isso. Meu quintal é maior do que o mundo. Sou um apanhador de desperdícios: Amo os restos como as boas moscas. Queria que a minha voz tivesse um formato de canto. Porque eu não sou da informática: eu sou da invencionática. Só uso a palavra para compor meus silêncios. (BARROS, 2018, p. 25).

Sigo compondo meu silêncio com minhas inquietações, sendo abundantemente feliz. Amo restos desperdiçados. Sou atraso, mas tenho pressa. Sou pesquisa-invencionática, por isso como disse o professor e amado orientador Felipe em 06 de agosto de 2021, parafraseando a professora Sandra “*pesquisar é pesquisar-se*”. Isso me marcou de tal forma que agradecerei eternamente pela desacomodação (incomodar-me, perturbar-me), por me fazer tentar compreender o sotaque das águas multiletradas de uma experiência com respeito ao desimportante pois quero que minha voz em formato de canto alcance o meu quintal maior que o mundo.

Nas desimportâncias, nos desperdícios, nos restos, venho aprendendo que é possível permitir-me dizer não, pensar em nada, amar intensamente, não amar, tocar intensamente, não tocar, falar o que estava engasgado, me recolher na minha caixa do nada<sup>3</sup>, me refugiar nela. Coisas que eu não sabia fazer e que COM a iluminada professora Ana Luisa, possibilitei-me

---

<sup>3</sup> Fala ator Domingos Montagner em um trecho de um documentário que vi "Tarja Branca - A Revolução Que Faltava". Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=196263981528670>> Acesso em 20/12/21.

experenciar.

Sentir a leveza de ser, de estar e de pensar. O que tem me marcado na pesquisa é a experiência na leveza de “multi-me-letrar”. Tenho feito as coisas para mim, COMigo e não sempre para o outro e sim, COM ele. Fui e vou compondo a escrita como se compõe a melodia e a letra de uma música. Diversifico, crio meu mundo, crio palavras e expressões.

Não há como falar de uma pesquisa com multiletramentos ou realizar uma conversa com vocês que aqui estão a ler, a sentir e a experenciar, sem falar em diversidade, sem ser a diversidade, no sentido de diverso, diferente, variado, de multiplicidade.

Trago múltiplas linguagens e singularidades. De forma sensível conto histórias, reconto outras, trago memórias de uma menina, de uma irmã, de uma filha, de uma mulher, de uma educadora, de uma mãe e de uma pesquisadora.

Interpretarei também as experiências e fatos vividos no chão da sala de aula, do meu chão e de outras docentes inspiradoras com seus discentes também inspiradores.

Sou um ser que vive, que pensa e que está percebendo através da pesquisa que é possível tornar-se melhor para os seus e para si. Alguém que na diversidade aprendeu a sensibilidade na singularidade. Alguém que aprendeu e aprende a permitir-se mergulhar com intensidade ao que está à frente.

A tecitura continua em meus alinhavos como a letra de uma música que entrelaça os pensamentos, um sonho, uma energia pulsando de emoção, palavras que voam livres e com a certeza de que tudo pode acontecer porque:



*Nosso sonho ainda brilha por aí. Nossa energia está no olhar de quem sorri (toda energia). Nossa música pulsando de emoção. E as palavras voam livres na canção (e vai mais longe). Vai mais longe. A vontade de chegar. Fazer da vida a certeza de encontrar (toda certeza). A magia, a alegria de saber. Que deste sonho tudo pode acontecer. Um toque a mais (um sol que nasce). A sensação, (que bate bate). E o coração novo amanhecer (Música de autor desconhecido que canto com minhas crianças).*

Um novo amanhecer em um sonho de 18 anos atrás, o sonho desse Mestrado, o meu amado Mestrado. Sigo sentindo e amando esse sonho e essa pesquisa, alinhavando e tecendo. Vamos aos termos de estudo.

### 3 - ALINHAVANDO E TECENDO: REFERENCIANDO TERMOS DO ESTUDO

Minha dissertação tem sido a experiência exalada da vida, um percurso, um processo. Trocas, encontros e desencontros. Uma história contada a muitas mãos, pensamentos e sentimentos. A cada fato vivido, algo fica ou algo se leva. Conto de mim, de quem me toca, quem eu toco, o que me experiencia e o que me trazem os multiletramentos (*multiliteracy*<sup>4</sup>), nossas experiências em encontros. Vou buscando repertório, palavras, sentidos e significados. Referenciando mais intrinsecamente alguns termos que estou a pensar e estudar.

Os pensamentos acabaram por se entrelaçar. Entrelacei raízes, uni mãos e braços. Braços esses, que se entrelaçam num abraço, anexando uma coisa à outra, de maneira até a misturá-las.

Uso com certo exagero, diria, mas leveza, de metáforas, devaneios, comparações, músicas, poesias, criações e brincadeiras com palavras. Meu modo peculiar de escrever e pensar, meu “adelinear”. Trago com isso, um convite ao pensar a vida enamorada pela educação. Pensar o que ela nos traz de bom ou de ruim, mas de forma mais leve e mais sensível, ao contrário de uma ideia convencionada, “multiletrando” pensamentos.

Trago a tentativa de reflexão, o exercer minha e sua própria capacidade de pensar, um caminhar incerto do imaginário que culmina em um saber raro. Um saber com papel privilegiado, que ao integrar os sentidos impõe a elevação do sensível ao inteligível. Reconhecendo esse sensível como parte integrante da natureza humana. A paixão, o sentimento, a emoção e o afeto (re) exercem um papel privilegiado. Para saber dar conta dos mesmos, é preciso encontrar instrumentos adequados. Então eu, tecendo a mim mesma e minha pesquisa, uso meus devaneios, brincadeiras com as palavras e as metáforas. Elas fazem parte desse tesouro, do qual somos os depositários e nos melhores momentos da história do pensamento, permitiram que se encontrasse um equilíbrio entre o intelecto e o afeto (MAFFESOLI, 1998).

E como desde o início, digamos assim, ousei contar a pesquisa em história, o alinhar e costurar o meu tecido, a minha colcha, tudo foi ao encontro do tecer. Fazer de algo pequeno, algo maior, grandioso e duradouro.

A minha colcha tecida aumentou a cada ponto, cada alinhavo. Um novo traço, significado e palavra foram, continuam e continuarão sendo alinhavados. Uma costura e tecitura que eu, talvez, acreditasse terminar em uma simples “cobertura”. Mas, que com o passar dos dias, tantas belezas, descobertas e até mesmo insucessos, criou novas formas, fios, pontos e texturas.

---

<sup>4</sup> A escolha do termo *multiliteracies* (traduzida para multiletramentos) foi pela vasta diversidade linguística e cultural e pelos inúmeros canais de comunicação. Os canais de comunicação são caracterizados por uma intensa multiplicidade e uma construção de sentidos é manifestada, cada vez mais, pela multimodalidade. COPE, B. KALANTZIS, M. *Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures*. Routledge: London, 2000.

Tornou-se uma “colchateia”.

Ela que vem, vai, se conecta, se reintegra e se ressignifica em uma obra tecida sensivelmente para as janelas da alma e do coração.

Entrelaçada em meio a tudo isso, vou tecendo uma nova forma de sensibilizar e pensar. Entrelaçando e juntando uma coisa à outra ou entre si, componho minha escrita. Estou tecendo esperanças, espessando-me, organizando-me. Fui criando um tipo de livro: tecendo, enaltecendo, descrevendo e interpretando experiências em sala de aula.

As experiências e as palavras se encontram como almas. Nada é por acaso. Elas até podem perder-se ou misturar-se no infinito da escrita, da vida e da linguagem, mas se reconectam, se reencontram, dando sentido ao significado, ao que queremos dizer e compreender. Crio-me sujeito, diante de mim e dos outros, com sentidos ao sentido, ao vivido, ao sensível, ao “adelineado”.

Começo, pedindo que adentrem comigo no pensar, no investigar, no desocultar, no perguntar. O mundo dos meus discentes é movido por perguntas: O quê? Por quê? Para que? Quando? Onde? Então, o que são esses “senhores” multiletramentos? O que é essa Pedagogia dos Multiletramentos?

Das últimas décadas até os dias atuais, muitas novas formas de comunicação e recursos tecnológicos digitais têm surgido em nossa sociedade. Junto a digitalidade intensa, vem ocorrendo diversas transformações no âmbito do trabalho e da vida social. Com a digitalidade, novas formas de linguagem apareceram e continuam surgindo. O século XXI é atravessado por múltiplas linguagens e culturas. Nós, seres humanos necessitamos de variados letramentos e/ou maneiras de interagir. Essas maneiras seriam os multiletramentos que:

ao colocarem em primeiro plano a interrelação entre diferentes modalidades de linguagem, lançam novos desafios ao ensino da leitura e da escrita. Mas se os multiletramentos, potencializados pelas convergências midiáticas das tecnologias digitais, anseiam se estabelecer como uma pedagogia da sinestesia<sup>5</sup>, as leituras e as escritas precisam incorporar a capacidade de entrecruzar linguagens que não se esgotam no âmbito verbal. Reforçar a importância da sinestesia na educação pode ser uma oportunidade para redescobrirmos a irradiação e a transitividade dos sentidos dos nossos corpos – estamos em constante troca com os outros e com as coisas (PEREIRA, 2014, p. 65).

Segundo Cadzen (2021) essa proposta nasce no século XXI, preocupada com o futuro de jovens do mundo inteiro, considerando ambientes de aprendizagem multiculturais,

---

<sup>5</sup> Termo usado por COPE e KALANTZIS quando os multiletramentos entrecruzarem diferentes tipos de linguagem.

multilinguísticos e multimidiáticos, defendendo a multiplicidade de canais de comunicação e a crescente diversidade cultural e linguística. O mundo de hoje requer uma concepção mais ampla de letramento do que a descrita nas abordagens tradicionais baseadas na língua. As abordagens com os multiletramentos na pedagogia possibilitam aos estudantes alcançar o acesso às linguagens em permanente evolução do trabalho, do poder e da comunidade em termos interculturais e favorecer o engajamento crítico necessário à projeção de seus futuros visando uma convivência social desejável. Garante, desta forma, que todos os estudantes se beneficiem de uma aprendizagem que permita ampla participação na vida pública, econômica e comunitária.

O conceito de multiletramentos surge com o Grupo de Nova Londres (GNL) ou *The New London Group*<sup>6</sup> (NLG), entre 1995 e 1996, em uma perspectiva de letramento que considera a multiplicidade de linguagens: visual, verbal, linguística, sonora, gestual, espacial e cultural, considerando-as em relação aos *designs*.

*Designs* é um conceito central para entender a Pedagogia dos Multiletramentos. No manifesto de 1996, escrito pelo Grupo de Nova Londres, os *designs* são considerados formas de construção de sentido. Não separam produto e processo de produção. Por meio dessa concepção de construção de sentido que visualizamos mais amplamente as multimodalidades<sup>7</sup> e suas interfaces multiculturais. Os *designs* podem ser divididos em três: *designs* disponíveis (*available designs* - abarca as construções de sentido presentes ao nosso redor, o que demanda um reconhecimento da própria realidade e as práticas que a atravessam), *designing* (é processo de análise e interpretação dos *designs* disponíveis, o que ressalta não só os sentidos aparentes dos produtos em discussão, mas também a dinâmica de produção e construção desses sentidos) e *redesign* (é o processo de produção e ressignificação do *design*, o que perpassa a adaptação e reconstrução do *design* para o contexto, realidade e situação próprias do espaço em que ele está sendo trabalhado).

Esse conceito chamou-me a atenção no sentido de que somos “artistas” de nossa caminhada, pois criamos, desenhamos, pintamos e organizamos cada parte da aquisição de nosso conhecimento em experiência, de forma peculiar, singular, única incorporando significados a tudo que nos passa.

---

<sup>6</sup> O Grupo de Nova Londres (*The New London Group*) é formado por dez pesquisadores de diferentes áreas relacionadas à educação linguística. São eles: **Courtney Cazden**, **Bill Cope**, Norman Fairclough, Jim Gee, **Mary Kalantzis**, Gunther Kress, Allan Luke, Carmen Luke, Sarah Michaels e Martin Nakata.

<sup>7</sup> Variedade de modos de comunicação e linguagens existentes, trabalhadas de maneira conjunta e simultânea; coexistência de duas ou mais modalidades de comunicação: fala, gestos, texto, processamento de imagem, etc.; registro da palavra além da escrita (COPE; KALANTZIS, 2000).

Cadzen (2021) fala que tanto somos herdeiros de padrões e convenções ligadas aos sentidos quanto somos *designers* ativos de sentidos, assim *designers* de futuros sociais.

Cope e Kalantzis (2000), os pesquisadores australianos e membros do GNL, trazem uma pedagogia que considera diferentes culturas e contextos. Uma pedagogia em que os conceitos citados fazem todo o sentido, a Pedagogia dos Multiletramentos, em que os efeitos sociais e culturais são compreendidos. Assim, essa pedagogia:

Busca disponibilizar espaço para que se experienciem diferentes estilos de vida, base para uma pedagogia de acesso transformada. Uma pedagogia do pluralismo que proporciona acesso sem que as pessoas tenham de apagar ou deixar para trás diferentes subjetividades (CADZEN, 2021, p. 32-33).

A Pedagogia dos Multiletramentos, é sinestésica e está fundamentada em quatro fatores ou movimentos (relacionados diretamente com os conceitos de *design* que vimos anteriormente): Prática Situada (*Situated Practice*), Instrução Explícita (*Overt Instruction*), Enquadramento Crítico (*Critical Framing*) e Prática Transformada (*Transformed Practice*). A Prática Situada (*Situated Practice*) acontece quando, dentro de uma respectiva comunidade de educandos, há o trabalho com experiências significativas, que motivem, pensando que determinado conteúdo poderá ser utilizado em possíveis situações. É uma contextualização do ensino. A Instrução Explícita (*Overt Instruction*) trata das condições didáticas pensadas pelo educador e as fundamentações das atividades a serem realizadas e aprendidas pelos educandos. Um trabalho colaborativo entre os dois lados, com o educador auxiliando o educando na realização de tarefas complexas, em uma aproximação dos conceitos e metalinguagens<sup>8</sup> (tipo de linguagem que se refere diretamente a própria linguagem usada na comunicação) necessárias para estudar e analisar as práticas e objetos de aprendizagem mais profundamente. No Enquadramento Crítico (*Critical Framing*), o objetivo principal é que o educador auxilie os educandos no desenhar, digamos assim, de seu conhecimento (experiências, práticas) e o ajude com o desenvolvimento de uma criticidade histórica, ideológica, política e social em um momento de enfoque analítico e significativo para o que está sendo aprendido. O papel do educador é fundamental em atividades apresentadas ao educando que possuam maior complexidade. E no último fator, a Prática Transformada (*Transformed Practice*) é um “resgate” da Prática Situada (*Situated Practice*), uma reflexão, uma ressignificação e uma retomada em uma aplicação e viabilização daquilo que foi compreendido e trabalhado com os

---

<sup>8</sup> Linguagem para falar sobre linguagem, imagens, textos e interações na produção de sentidos e que descreve o sentido em diferentes ambientes. O dicionário é um exemplo de metalinguagem, pois tem o propósito de descrever e falar sobre os códigos que compõem a linguagem em si.

outros fatores. Não há ordem sugerida para a realização desses quatro movimentos. Todos são complementares e podem cruzar-se durante qualquer momento do processo de ensino e aprendizagem.

A relação desses movimentos didáticos com os *designs* é a contextualização e ativação do conhecimento e realidade dos estudantes (prática situada; enquadramento crítico – *designs* disponíveis), análise e interpretação dos *designs* (instrução explícita; enquadramento crítico – *designing*) e planejamento e produção de novos *designs* (prática transformada; enquadramento crítico – *redesigning*).

Aqui no Brasil, bem antes de 1996, Paulo Freire já defendia uma educação emancipadora e transformadora, com base em sua distinção entre “educação bancária” e “educação problematizadora”<sup>9</sup>. Transformar para emancipar e/ou emancipar para transformar, para dar condições a todos de exercer sua cidadania (FREIRE, 2014, p. 79-94). As ideias defendidas no Manifesto de 1996 e que são também expressas na BNCC nos remetem de volta Freire, que em sua obra fala do reconhecimento e o respeito à identidade cultural, assim como a “aceitação do novo e a rejeição a qualquer forma de discriminação” (FREIRE, 1996, p. 20).

Outra relação com o Manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos e Freire, diz respeito à regência da educação e currículos nos próximos anos: o reconhecimento da identidade própria, mas também o respeito pelo outro, a valorização do outro e de sua cultura:

A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu” ou do tu, que me faz assumir a radicalidade do meu eu. A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos, cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. [...] A aprendizagem da assunção do sujeito é incompatível com o treinamento pragmático ou com o elitismo autoritário dos que se pensam donos da verdade e do saber articulado (FREIRE, 1996, p. 23-24).

Assim, é possível, carinhosamente, ousar dizer, continuar a fazer tecimentos e alinhavos entre Freire e os movimentos didáticos da Pedagogia dos Multiletramentos. Freire (1989), diz que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. A percepção e a compreensão da realidade que nos cerca é a base para nossa interpretação dos textos, “uma compreensão crítica

---

<sup>9</sup> Educação Bancária: termo usado por Freire para descrever uma educação em que há um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante. O saber é doação, transmissão de conhecimento. Os educandos recebem o depósito do conteúdo. Não há reflexão, criatividade, transformação e saber. Educação Problematizadora: termo usado para descrever uma educação alternativa aos educadores em que existe uma troca mútua de conhecimento. O educador não só educa, mas, enquanto educa, é educado, em diálogo. Não há distância entre ambos e estarão motivados para o objetivo da aprendizagem. O educando ao ser educado também educa. O papel do educador é proporcionar condições aos educandos de superação do conhecimento, buscando-o de forma coletiva, provocar novos desafios e diferentes formas de compreender o mundo em que vivemos.

do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita” (FREIRE, 1982, p. 11), uma demonstração da importância da prática situada. A alfabetização é “uma força de transformação do mundo” (FREIRE, 1967, p. 117), e “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 1996), evidenciando a prática transformada. Ensinar exige também a conquista de uma consciência crítica (FREIRE, 1967;1996), e a “reflexão crítica sobre a prática” para que se alcance uma “educação como prática da liberdade” (1967), trazendo assim, o enquadramento crítico: “o de que se precisa é possibilitar que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica” (FREIRE, 1996, p. 43).

Essa costura e entrelace mostraram-se bastante significativos de forma que Freire e a Pedagogia dos Multiletramentos mostram a importância de um trabalho pedagógico baseado no diálogo e no desenvolvimento da criticidade, com um currículo escolar adequado as realidades vivenciadas pelos educandos focado nas discrepâncias sociais e fatores que implicam essas condições.

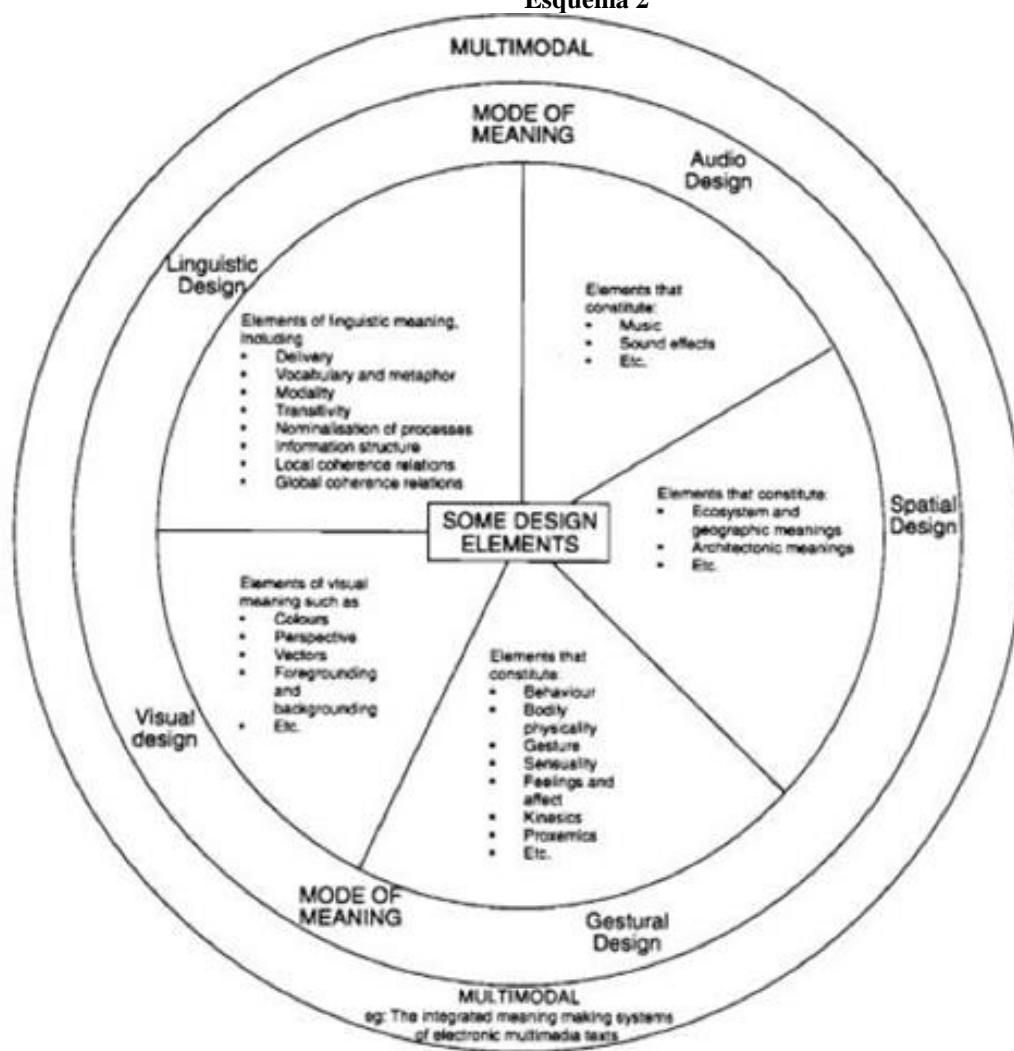
Nos esquemas a seguir podemos visualizar a sinestesia dessa prática, a interconexão entre as multimodalidades de linguagens, bem como a diversidade e os significados.

Esquema 1

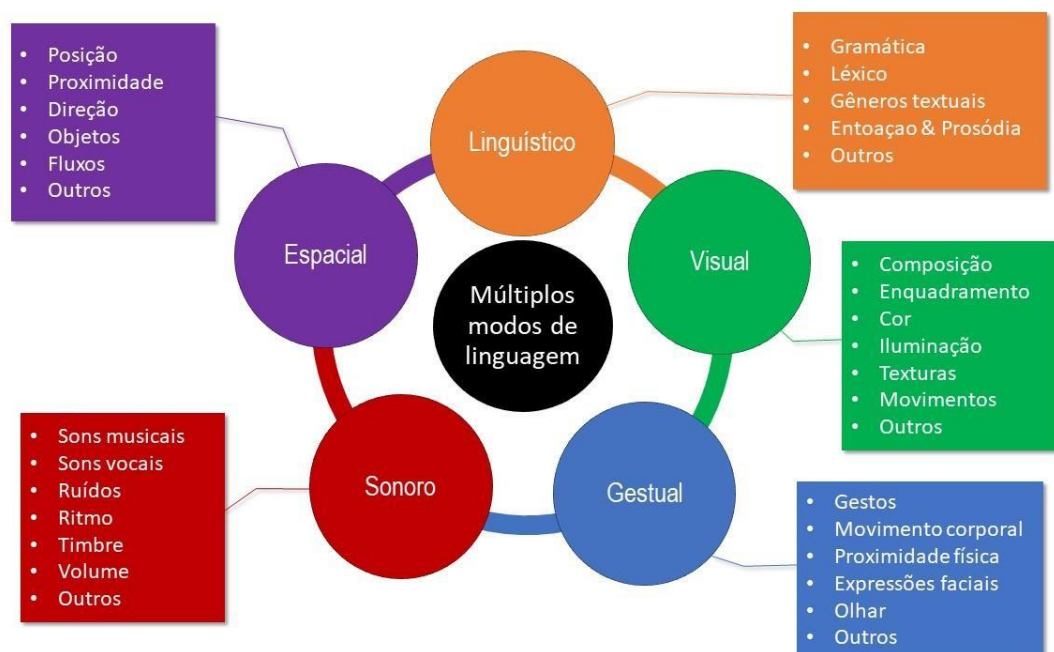




Esquema 2



Esquema 3



Desenhando os caminhos, encontramos essa diversidade cultural e linguística que pode proporcionar benefícios cognitivos para todos, docentes e discentes. Estes, englobando diferentes linguagens, discursos, estilos e abordagens, ganham substantivamente em habilidades metacognitivas<sup>10</sup> (capacidade do ser humano de monitorar e autorregular os processos cognitivos, ter consciência de seus atos e pensamentos) e metalinguísticas<sup>11</sup> (se refere a própria linguagem), bem como a capacidade de refletir criticamente a respeito dos sistemas complexos e suas interações. Como *designs* nesse processo, o docente e discente, precisam resgatar saber “o quê” e o “como” das relações de aprendizagem, conectando-se a um tipo de inteligência criativa, possibilitando, sempre que necessário, redesenhar as atividades de um sistema complexo de pessoas, ambientes, tecnologias, crenças e textos.

O método Paulo Freire não ensina a repetir palavras, não se restringe a desenvolver a capacidade de pensá-las segundo as exigências lógicas do discurso abstrato; simplesmente coloca o alfabetizando em condições de poder re-existenciar criticamente as palavras de seu mundo, para, na oportunidade devida, saber e poder dizer a sua palavra. Eis porque, em uma cultura letrada, aprende a ler e escrever, mas a intenção última com que o faz, vai além da alfabetização. Atravessa e anima toda a empresa educativa, que não é senão aprendizagem permanente desse esforço de totalização – jamais acabada – através do qual o homem tenta abraçar-se inteiramente na plenitude de sua forma. É a própria dialética em que se existencia o homem (FREIRE, 2014, p. 7).

Nesse re-existenciar-se no mundo, o processo é vivo e dinâmico, uma modelagem de muitas mãos. Segundo Cadzen (2021), o resultado gera um novo significado e os produtores de sentidos, inseridos no mesmo, se recriam em subjetividades únicas, com uma metalinguagem flexível e aberta. Uma caixa de ferramentas para trabalhar com atividades semióticas, não como um formalismo a ser a elas aplicado, um processo que respeita o amadurecimento natural do ser e os interesses para qual se abre.

A prática transformada é a aplicação do que foi aprendido em outras situações, outros contextos, propósito de todo processo de aprendizagem que pretende ser efetivo. Os estudantes precisam ser capazes de aprender relações e significados, para aplicá-los em outros contextos, a fim de resolver problemas.

---

<sup>10</sup> Flavell, J. *Speculations about the nature and development of metacognition*. In F. Weinert & R. Kluwe (Ed.), *Metacognition, motivation, and understanding*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1987, p. 21-29; Nelson, T., & Narens, L. *Why investigate Metacognition?* In J. Metcalfe & A. P. Shimamura (Ed.), *Metacognition. Knowing about knowing*. Cambridge, MA: MIT Press, 1996, p.1-27; Sternberg, R., *Psicologia cognitiva*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 2000.

<sup>11</sup> Código que explica o próprio código. Uso da metalinguagem. Ex.: em um texto metalinguístico o autor discorre sobre o próprio trabalho, digamos, um autorretrato.

A palavra multiletramentos é citada diversas vezes na BNCC, mas uma primeira referência ao termo e as considerações acerca dele nos fala que:

Essa consideração dos novos e multiletramentos; e das práticas da cultura digital no currículo não contribui somente para que uma participação mais efetiva e crítica nas práticas contemporâneas de linguagem por parte dos estudantes possa ter lugar, mas permite também que se possa ter em mente mais do que um “usuário da língua/das linguagens”, na direção do que alguns autores vão denominar de *designer*: alguém que toma algo que já existe (inclusive textos escritos), mescla, remixa, transforma, redistribui, produzindo novos sentidos, processo que alguns autores associam à criatividade (BRASIL, 2018, p. 70).

Sob essa perspectiva, a avaliação tem um olhar ao desenvolvimento, há um *design no* caminho percorrido, uma produção de sentidos, uma criatividade explorada, orientando aos educandos nas experiências ou os assistindo no que precisam para se desenvolverem plenamente. Essa plenitude engloba também a comunidade em que vive. O indivíduo a olha criticamente frente às relações históricas, sociais, culturais, políticas, ideológicas e de valor de sistemas específicos de conhecimento, bem como, de prática social de forma criativa e transparente. Este é o alicerce para a prática transformada. Precisamos sempre voltar de onde começamos. Uma re-prática, em que a teoria se torna prática reflexiva. Com seus educandos, os educadores precisam desenvolver maneiras pelas quais os estudantes possam demonstrar como podem produzir o *design* e realizar, de forma reflexiva, novas práticas embutidas em seus próprios objetivos e valores. O ensino em sala de aula e o currículo precisam se envolver com as experiências e os discursos das próprias crianças, que são cada vez mais definidos pela diversidade cultural (CADZEN, 2021, p. 56-57).

Antes de qualquer conhecimento, o saber escolar passa pela realidade e percepção dos educandos com suas culturas, experiências e visões de mundo. Desta forma, a Pedagogia dos Multiletramentos propõe uma perspectiva em que o educando não é passivo, mas um indivíduo que apresenta suas particularidades, características e identidades que devem ser considerados no processo de ensino e aprendizagem. Ele é protagonista na construção de sentidos e no desenvolvimento de trabalhos que abordem e tratem do pensamento crítico.

Distanciando-se de seu mundo vivido, problematizando-o, “descodificando-o” criticamente, no mesmo movimento da consciência o homem se re-descobre como sujeito instaurador desse mundo de sua experiência. Testemunhando objetivamente sua história, mesmo a consciência ingênua acaba por despertar criticamente, para identificar-se como personagem que se ignorava e é chamada a assumir seu papel. A consciência do mundo e a consciência de si crescem juntas e em razão direta; uma é a luz interior da outra, uma comprometida com a outra. Evidencia-se a intrínseca correlação entre conquistar-se, fazer-se mais si mesmo, e conquistar o mundo, fazê-lo mais humano (FREIRE, 1987, p. 8).

E o termo, propriamente dito, multiletramentos, se refere ao aspecto da comunicação e da manifestação de sentidos na atualidade. Primeiro, quando se trata da variedade de convenções de significados nas diferentes esferas da vida, variedades linguísticas, cultural, social ou de domínio específico, fala-se da importância nas formas de interação em diversos contextos sociais. A alfabetização tradicional, focada em regras formais e no cânone literário de um único padrão de uma língua, já não é mais suficiente. As condições sociolinguísticas do dia a dia requerem que preparemos os educandos para estarem aptos a transitar pelos vários ambientes sociais onde há possibilidades de as convenções da comunicação serem muito diferentes, consequências de diversos fatores como cultura, classe social, gênero, experiência de vida, campo de trabalho, assunto ou disciplina curricular/acadêmica.

Fala-se também da multimodalidade, resultante das características dos novos meios de informação e comunicação. O registro da palavra não se dá apenas pela escrita. Essa tem mais prestígio, mas nunca foi a única forma de comunicação e registro. Diferentes meios de gravação e transmissão, oral, visual, auditiva, tátil, gestual e espacial, com suas regras e padrões, relacionam-se entre si, com o meio da escrita, e com as tecnologias digitais ganham mais visibilidade e espaço. É preciso ampliar a pedagogia de letramento, para que esta não privilegie unicamente as representações escritas, buscando uma formação que vá além.

Quando falamos em pedagogia, falamos da relação de ensino e de aprendizagem que potencializa a construção de condições de aprendizagem que levem à equidade na participação social. Em entrevista, gravada em maio de 2013, no CENPEC (SP), Roxane Rojo apresenta sua concepção a respeito de questões como alfabetização, letramento e multiletramentos, assim como o papel da escola no contexto das novas tecnologias de informação e comunicação. Destaca que as crianças aprendem tudo com as mídias e diz que:

há outros letramentos e outras maneiras de usar a escrita na sociedade que são completamente ignoradas e não valorizadas; dessa forma, esse é um conceito que foi evoluindo e pode ter milhares de nomes: letramento; tipos e níveis de letramento; letramentos, no plural; práticas de letramento, depois multiletramento; e, mais recentemente, novos letramentos. A evolução continua conforme caminham os estudos e a realidade social. Numa sociedade como a nossa – da pós-modernidade ou da alta modernidade – usam-se a escrita e a leitura, a produção, os signos mediadores o tempo todo e em práticas muito diferenciadas... eu tenho de saber interagir com a imagem, ler a imagem, ler o mapa, ler a legenda do mapa, tudo para relacionar com o texto que não está só escrito no livro (ROJO, 2013).

Na rapidez em que tudo acontece, a pesquisa também precisa interagir com ela mesma e revisitar-se, evoluir. Assim, revisitando seus pressupostos a partir de abordagens e fundamentos de autores como Vigostky, Dewey, juntamente a Freire e incluindo cada vez mais

práticas e experiências digitais em seu repertório, Cope e Kalantzis, têm sido responsáveis por variadas releituras e reformulações, da Pedagogia dos Multiletramentos.

Vygotsky (1984) diz que o problema não está na idade em que o educando será alfabetizado, mas sim o fato de a escrita ser “ensinada como uma habilidade motora, e não como uma atividade cultural complexa” (p. 133). A escrita precisa ser ensinada de forma significativa para o indivíduo, levando em consideração o que ele sabe e pensa sobre a escrita. Qual é o interesse e sua curiosidade, dentro do contexto social ao qual a está inserido, sendo o protagonista do processo. O autor (1989) afirma que o caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa por outra pessoa. E que quando o conhecimento que os educandos trazem de seu cotidiano e os raciocínios que desenvolvem ao resolver uma atividade são aproveitados como alavancas para o ensino, contribui-se para o aprendizado reflexivo da leitura e da escrita, dos usos da língua e para a formação de significados, avaliando o que sabem para direcionar o próximo desenvolvimento. As crianças, nossos educandos, são protagonistas do processo de ensino e aprendizagem.

Protagonismo é uma palavra de origem grega, *protagnistés* e significa "ator", aquele que ocupa o lugar principal. Analisando o protagonismo, discute-se a interação que o educando estabelece nas relações sociais a qual está inserido. É na interação que institui com o outro e com o meio social, que acontece o desenvolvimento cognitivo, da linguagem e do conhecimento de mundo. O desenvolvimento depende dessas interações, pois o indivíduo precisa estar em um ambiente social, em trocas com o outro e participando de experiências sociais historicamente construídas, assimilando o vivido que lhe permite dominar conceitos, valores e formas de comportamento. Os processos psicológicos complexos começam a se formar pela mediação de outros, do grupo social e ambiente externo.

Ainda segundo Vygotsky (1983), quando dizemos que um processo é “externo” queremos dizer que é "social". Toda função psíquica superior foi externa por ter sido social antes que interna; a função psíquica superior propriamente dita era antes uma relação social entre as pessoas. O meio influencia sobre si mesmo e é inicialmente o meio que influencia sobre os outros, o meio de influência dos outros sobre o indivíduo. O desenvolvimento cultural do educando se dá nos planos social e psicológico, ou intersíquico e intrapsíquico.

John Dewey (1959; 1976), filósofo que defendeu arduamente a experiência enquanto base de toda a educação. Em sua teoria da experiência critica o dualismo platônico e demais teoria que fundamentam a educação tradicional. Afirma que o conhecimento se dá neste mundo em que vivemos. Neste mundo temporal e dos sentidos, que é o mundo das dúvidas e das incertezas, o mundo da experiência. Propõe uma educação para o presente baseada numa escola

democrática e acredita que a escola socializa o indivíduo através de grupos coletividade. O filósofo (1978) acreditava que a educação intelectualista promovia apenas a memorização de informação, a passividade e o autoritarismo docente. Em sala de aula, o educando desenvolvia a habilidade de interessar-se fisicamente, porém outros interesses perpassavam seus pensamentos. Uma educação correlacionada estreitamente à vida, os conteúdos necessariamente deveriam partir do interesse do estudante, proporcionando um ensino globalizado. Aprender, para ele não é um acúmulo de informação, mas a articulação entre saberes prévios vinculados aos novos para uma possível modificação do ambiente em que se vive.

Assim, com essas considerações, COMposições e junto a Pedagogia dos Multiletramentos, também os quatro movimentos pedagógicos foram revisitados em diferentes momentos. Em 2006, no artigo de Mary Kalantzis intitulado *Elements of a science of education*, quatro conceitos chamados de processos do conhecimento são citados: experienciar (o conhecido - o novo), conceitualizar (nomeando - teorizando), analisar (funcionalmente - criticamente) e aplicar (apropriadamente - criativamente). E em 2009, no artigo de Bill Cope e Mary Kalantzis, *Multiliteracies: New literacies, new learning* esses processos substituem oficialmente os quatro movimentos didáticos do manifesto de 1996. A intenção era deixar mais explícitos os processos didáticos específicos de cada momento da Pedagogia dos Multiletramentos.

Em 2015, em *A pedagogy of multiliteracies: learning by design*, Cope e Kalantzis, dizem que a sistematização dos movimentos pedagógicos seria uma maneira de encontrar um meio termo entre a disputa do ensino tradicional e do ensino progressista, tornando pedagogias progressivas mais didáticas. A partir de 2009, Cope e Kalantzis (2012; 2015) também têm problematizado a ubiquidade, o estar em todos os lugares, a “onipresença”, o transmitir a “impressão” de estar em todos os lugares, entre outros sentidos, considerando que o ambiente digital integra sentidos, práticas e modalidades. Listando, também ainda em 2009, o escrito, o oral, o visual, o sonoro, o tátil, o gestual, o emocional e espacial, como modos de apresentações ou de expressões de sentidos, sendo uma combinação ou relação singela no âmbito das multimodalidades.

Aqui no Brasil, Roxane Rojo, em *Multiletramentos na Escola* (2012) e *Escola Conectada* (2013) aproxima as duas perspectivas de letramentos digitais e multimodais. Cope e Kalantzis, em 2012, consideraram a mesma relação (sem mencionar o emocional) em termos de significados (*meanings/significados*), também no âmbito das multimodalidades.

Os cidadãos circulam por diferentes espaços: públicos e privados, profissionais e pessoais. Essa circulação produz maneiras de interagir, impondo uma flexibilidade cultural e

de linguagem. Os multiletramentos seriam letramentos para essa sociedade contemporânea, preparando os educandos para transitarem por esses diferentes espaços do mundo globalizado. A interação social varia culturalmente, segundo o multiculturalismo. Realidades locais e as interferências devido a globalização e fluxos de informação, traduzem uma multiplicidade de espaços sociais. Nesses espaços, diferentes identidades e realidades circulam.

Essa multiplicidade de culturas afeta três principais domínios: a vida profissional (relações trabalhistas e transformações do dito capitalismo acelerado), a vida pública (formas de atuação e participação sociopolíticas e as identidades públicas que construímos e compartilhamos) e a vida privada (trata de nossas relações interindividuais e como compreendemos a nós mesmos tendo em vista a diversidade de subculturas). Os multiletramentos seriam mais adequados para o mundo contemporâneo porque reconhecem essa variedade de sentidos e identidades, diferenças e fragmentações sociais, interacionais e identitárias.

Os multiletramentos visam preparar o educando para a vida social e profissional, o pleno exercício da cidadania e a ampliação da utilização das novas tecnologias na aprendizagem, comprovando os ideais democráticos e de inclusão defendidos pela BNCC. Penso que os multiletramentos potencializam essa valorização do conhecimento do educando e dada a multiplicidade de sistemas semióticos envolvidos simultaneamente na elaboração de textos. É preciso que a escola dê conta das:

demandas da vida, da cidadania e do trabalho numa sociedade globalizada e de alta circulação de comunicação e informação, sem perda da ética plural e democrática, por meio do fortalecimento das identidades e da tolerância às diferenças. Para tal, são requeridas uma visão situada de língua em uso, linguagem e texto e práticas didáticas plurais e multimodais, que as diferentes teorias de texto e de gêneros favorecem e possibilitam (ROJO, 2009, p. 90).

Nas demandas em sala e nas demandas da vida, os docentes se utilizam de diversas formas de linguagem para conseguir alcançar seus objetivos com seus discentes e assim fazê-los parte do mundo em que vivem com um sentido mais amplo do que o simples estar, mas sim, um “ser”. Pensa-se um cidadão participativo e atuante, mesmo os com deficiências (intelectuais ou físicas), mostrando a verdadeira perspectiva dos multiletramentos. Segundo Rojo (2013), o ato de ler envolve articular diferentes modalidades de linguagem além da escrita, como a imagem (estática e em movimento), a fala e a música, refletindo as mudanças sociais e tecnológicas atuais. É necessário, com urgência, ampliar este olhar, Rojo (2009). Ampliam-se e diversificam-se não só as maneiras de disponibilizar e compartilhar informações e

conhecimentos, mas também diferentes modos de lê-los e produzi-los, num mundo em que temos as linguagens híbridas como os mais infinitos desafios para os leitores, a escola e os professores.

Conforme afirmam Rojo e Moura:

O conceito de multiletramentos aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente as urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituições dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (ROJO; MOURA, 2012, p. 13).

Nas observações em sala de aula, interpretações de experiências e entrevistas, pude observar que cada docente usou diferentes alternativas para chegar aos educandos e assim estabelecer sentidos, significados e então uma construção de significados e sentidos de mundo, cada um em sua singularidade. Então:

trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias da comunicação e de informação ('novos letramentos'), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência - de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos (ROJO; MOURA, 2012, p. 8).

Na diversidade que os multiletramentos possam envolver, cada um dos docentes, que apresento no capítulo a seguir, traz consigo uma experiência de expectativa, de alegria, de procura, de encontro, de angústia, de incertezas, enfim, singular, e que permitiu ao corpo discente participar enquanto cidadãos no contexto ao qual se insere. Com esse olhar, frente aos dias atuais, é preciso dar conta da crescente variedade de formas textuais associadas às tecnologias da informação e multimídia, conforme destacou Cadzen (2021):

Uma pedagogia dos multiletramentos concentra-se em modos de representação muito mais amplos do que apenas a língua. Eles diferem de acordo com a cultura e o contexto e têm efeitos cognitivos, culturais e sociais específicos. Em alguns contextos culturais - em uma comunidade aborígene ou em um ambiente multimídia, por exemplo - o modo visual de representação pode ser muito mais poderoso e intimamente relacionado à língua do que a "mera alfabetização" jamais seria capaz de permitir. Os multiletramentos também criam um tipo diferente de pedagogia, em que a linguagem e outros modos de significação são recursos representacionais dinâmicos, constantemente refeitos por seus usuários à medida que trabalham para alcançar seus vários objetivos culturais (p. 18 -19).

Essa pedagogia carregada de significados e que nos acolhe de acordo com o que somos e no que pertencemos, nos convida a pensar em aulas menos tradicionais e mais centradas nos



educandos. Podemos pensar mais o desenvolvimento de habilidades, em suas capacidades para compreender as situações e encontrar soluções.

Nesse contexto, valorizando cada vez mais a diversidade cultural, econômica e social dos indivíduos, acabamos sendo *designers* de planos de aula singulares e com múltiplas disciplinas. Não há como, trabalhar os multiletramentos somente com uma visão única. É fundamental promover a conexão entre saberes de vários domínios e áreas do conhecimento, analisando e solucionando problemas e situações. Relacionei à integração e perpassando pelas mais diversas áreas, vamos ao encontro de experiências interdisciplinares (interdisciplinaridade) e transdisciplinares (transdisciplinaridade). A importância do trabalho com essas perspectivas nos multiletramentos se dá com a amplitude de possibilidades linguístico, sonoro, visual, gestual, espacial e cultural num *design* criativo e sensível do (a) educador (a) para COM o educando.

Brevemente trago um pouco sobre interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, conceitos importantes no trabalho com os multiletramentos e a pedagogia que deles emerge. Esses conceitos também foram abordados em forma de questionamento aos docentes participantes da pesquisa.

No Brasil, o conceito de interdisciplinaridade<sup>12</sup> passou a fazer parte do cenário educacional a partir da LDB Nº 5.692/71 e mais fortemente com a nova LDB Nº 9.394/96 e a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, influenciando o trabalho das escolas e dos professores para compreender o processo de ensino e aprendizagem como sistêmico e não como uma abordagem ou leitura estanque de conceitos e teorias. Segundo o dicionário Houaiss, parte da palavra “interdisciplinar”, diz de algo “que estabelece relações entre duas ou mais disciplinas ou ramos de conhecimento” ou “que é comum a duas ou mais disciplinas”. É um processo de ligação entre as disciplinas para um fim comum. O termo foi empreendido pela primeira vez em 1937 pelo sociólogo alemão Louis Wirth, que respondia à ideia de que disciplinas podem estar interligadas a partir de relações previamente definidas em um processo dinâmico para solucionar ou responder uma questão ou investigação.

Já a transdisciplinaridade<sup>13</sup> é uma abordagem científica que visa a unidade do conhecimento, um conceito da educação que compreende o conhecimento de uma forma plural. Articula elementos que passam entre, além e através das disciplinas, numa busca de compreensão da complexidade. Termo originalmente criado por Piaget, em 1970. Na Carta da

---

<sup>12</sup> <https://educacaointegral.org.br/glossario/interdisciplinaridade/Acesso> em 30/11/20.

<sup>13</sup> <http://www.helioteixeira.org/ciencias-da-aprendizagem/o-que-e-transdisciplinaridade/>. Acesso em 30/11/20; <https://www.significados.com.br/transdisciplinaridade/#:-:text=Transdisciplinaridade%20%C3%A9%20um%20conceito%20da.tradicional%20de%20divis%C3%A3o%20de%20disciplinas> Acesso em 30/11/20.

Transdisciplinaridade, produzida no I Congresso Mundial de Transdisciplinaridade 1994, temos uma definição do conceito transdisciplinar. Artigo 3: “A Transdisciplinaridade não procura a dominação de várias disciplinas, mas a abertura de todas as disciplinas ao que as atravessa e as ultrapassa”. É preciso haver um pensamento organizador, chamado pensamento complexo. Romper as fronteiras entre uma disciplina e outra. Na prática, isso significa que não irá ensinar-se o funcionamento do corpo humano apenas a partir da biologia, mas também da matemática, química, sociologia, etc. Exemplos de uma atividade transdisciplinar: A horta de uma escola - o preparar a terra, plantar e cuidar dos alimentos semeados, as crianças podem aprender sobre biologia, geografia e ciências. Também podem usar a matemática para calcular a quantidade de sementes ou de tempo para as plantas crescerem e podem aprender sobre alimentação saudável e cuidados com o corpo.

Então, imaginem como pode ser produtiva uma aprendizagem explorada em diferentes espaços e eventos além da sala de aula: museus, praças, teatros, concertos, *shows*, galerias, visitas a fábricas, empresas, parques, entre outros. As possibilidades que poderíamos mostrar aos estudantes seriam reais e inimagináveis. A aprendizagem é um processo constante e que não necessita de lugar definido. Desta forma, com esse olhar, pode ser mais fácil promover a participação do corpo discente, bem como, estimular o trabalho em equipe, em atividades que devolvam ações, respostas e diálogos com a comunidade. Formas significativas, desafiadoras, recompensadoras e transformadoras de aprender compartilhando e estimular a curiosidade, o perguntar e a criatividade para encontrar respostas nas mais diversas áreas (DOBLER, 2012; COIRO *et al.*, 2017).

Com os multiletramentos, de forma inter e transdisciplinar, fui e vou contando, tecendo COM o sensível, dotada de sensibilidade e olhar de ternura, alguém que sente COM. Sendo empática e solidária.

Sempre procurei ter um olhar único para cada ser que COMigo convive. A elaboração da dissertação tem feito com que esse olhar aflore ainda mais para COM os meus e para COM os quais trabalho. Ser olhado de forma única, nos torna potencialmente únicos e singulares. Pesquisar e planejar com a singularidade e o peculiar, traz riqueza para o trabalho em sala, para o estudo e a escrita, pois:

A pesquisa em educação é um processo atravessado por dinâmicas invisíveis de aproximações e distanciamentos entre as pessoas. Tais dinâmicas alimentam-se das sensibilidades com as quais cada indivíduo constrói suas relações de pertencimento ao mundo. À medida que reconhecemos na experiência do trabalho de campo uma experiência viva, inscrevemos em nossos corpos os gestos, as palavras, as cores, os sons, as texturas, as imagens, as temperaturas e um sem número de sensações que

remetem às nossas vivências em educação (PIMENTEL, 2016, p. 8).

Alimentando-me de sensibilidade, na experiência viva da pesquisa busquei e continuarei a buscar e a enaltecer experiências de salas de aula e das pessoas que nelas vivem. Nesses lugares, procurei mostrar a importância e a presença do sensível, do que ele provoca e traz CONsigo. Evidenciar o protagonismo dos docentes e discentes e o ser visto e sentido com olhos telescópicos universais e plurais.

O trabalho com o sensível e as experiências com os multiletramentos envolve muito mais que “letrar”. Envolve a costura com sensibilidade no planejamento com o estudante participante em uma perspectiva que considere a multiplicidade de linguagens e a de culturas. Mostro com relatos, entrevistas e interpretações os “*designers*” no ensino e aprendizagem com as crianças. Um trabalho feito “a mão”, com a alma e COM o coração. Uma criação, uma emoção, uma imaginação, uma percepção e até mesmo uma certa intuição perpassam e entrelaçam o processo. Os docentes e discentes são *designers* educacionais, responsáveis e protagonistas no aperfeiçoamento dos processos de ensino e aprendizagem, colaborativos, multidisciplinares e capazes de planejar, coordenar e avaliar, vivenciando caminhadas educacionais com o uso de novas tecnologias e múltiplas linguagens.

Com os multiletramentos permite-se a percepção como forma de apropriar-se de significados. Esta é uma categoria do conhecimento sensível em que os docentes são capazes de sentir e compreender sobre si mesmos, sobre os educandos e sobre a vida. O mesmo processo acontece com os discentes. É um conhecer-se:

que é um apreender o mundo externo junto com o mundo interno, e ainda envolve, concomitantemente, um interpretar aquilo que está sendo apreendido. Tudo se passa ao mesmo tempo. Assim, no que se percebe, se interpreta; no que se apreende, se compreende. Essa compreensão não precisa necessariamente ocorrer de modo intelectual, mas deixa sempre um lastro dentro da nossa experiência (OSTROWER, 1986b, p. 57).

Além do intelecto, à medida que os docentes e discentes se conhecem e se reconhecem, acabam por autoconhecer, com sensibilidade e o conhecimento vai sendo provocado e alinhavado.

Para Maturana e Varela (1980), a vida e o processo cognitivo são inseparáveis da atividade mental. A cognição envolve todo o processo da vida, incluindo a percepção, as emoções, a intuição, a criação e o comportamento humano – o conhecimento sensível. Quando se especifica quais as perturbações do ambiente que podem desencadear mudanças, o sistema especifica a extensão do seu domínio cognitivo, ele constrói um mundo.

A experiência com os docentes, discentes e os multiletramentos possibilitaram enaltecer o respeito à singularidade, à criação, ao sensível e à subjetividade. Um ver, ouvir e viver o mundo de forma diferente ou com outros olhos.

As salas de aula são repletas de singularidades. Não é possível olhar uma turma com homogeneidade, tanto com as crianças ditas normais, como as com deficiências. O ser e o estar COM o outro é necessidade constante. Provocar e oferecer as mais diferentes linguagens, através de uma percepção sensível é essencial.

O trabalho em sala de aula COM a pesquisa possibilitou instigar outras formas de pensar, de conhecer COM o outro. Saí do meu lugar cativo para adentrar o mundo da linguagem, como uma viagem nunca feita. Escutei de forma sensível e subjetiva. Olhei o conhecimento, o processo que ele envolve e o outro com olhos metafóricos do coração.

A consciência se constitui como consciência do mundo. Se cada consciência tivesse o seu mundo, as consciências se desencontrariam em mundos diferentes e separados—seriam mônadas comunicáveis. As consciências não se encontram no vazio de si mesmas, pois a consciência é sempre, radicalmente, consciência do mundo. Seu lugar de encontro necessário é o mundo, que, se não for originariamente comum, não permitirá mais a comunicação. Cada um terá seus próprios caminhos de entrada nesse mundo comum, mas a convergência das intenções que o significam, é a condição de possibilidade das divergências dos que, nele, se comunicam. A não ser assim, os caminhos seriam paralelos e intransponíveis. As consciências não são comunicantes porque se comunicam: mas comunicam-se porque comunicantes. A intersubjetivação das consciências é tão originária quanto sua mundanidade ou sua subjetividade (FREIRE, 2014, p. 8).

Nossas consciências comunicantes cruzam caminhos e entrelaçam pensamentos em um mundo comum. O não pensar paralelamente e sozinho, o pensar o sensível provoca certa insegurança, mas de mãos dadas em uma caminhada carinhosa e libertadora, me permiti e, aos meus, abrir novos rumos, talvez jamais percorridos por nossas experiências. Ouvir o sensível é ouvir o coração, a alma, é ouvir-se e ouvir o outro com sua bagagem.

Boaventura de Sousa Santos (2000) coloca que o conhecimento da experiência vivida, a voz do sublime, na experiência de campo, só poderá ser ouvida se entramos em nossos corpos à procura de reconhecimento das sensações que produzem em nós, vivências do espaço, do tempo, das subjetividades sensoriais e das relações compartilhadas nesse lugar. Encontraremos dentro de nós mesmos, marcas de tudo que nos aproxima e afasta dos outros. Nas memórias dessas marcas, despertaremos outras formas de compreender a vida que construímos, através das experiências sensíveis que nos movem na produção do conhecimento.

Me movendo, me COMpreendendo e ao outro, COM esse olhar, conto, teço, escrevo, esmiúço o que me toca e ao outro. Exalo todo o sentimento que possa presenciar nas trocas do

dia a dia nas salas de aula. Através de algo vivido, sentido e significado, algo que é meu e seu, é nosso. Fatos que veremos, ouviremos e sentiremos com a janela da alma, do corpo e do coração, ou seja, a experiência.

A experiência é algo extremamente importante para a ação sensível na educação, bem como para o desenvolver do conhecimento. Experiência como bagagem, como algo vivido, presenciado, sentido. Acontecimentos que trazem algo e também levam, que nos marcam e ao outro. Experiência como conhecimento obtido através da vivência: experiência de vida. O conhecimento adquirido através da utilização dos sentidos. Mas também, experiência, como o simples e maravilhoso ato de experimentar o agora, o respirar, o fenômeno de viver.

Com os sentidos sentimos, ouvimos, degustamos e saboreamos. Experimentamos sozinhos e COM o outro, bem como vivemos em experiência. Dessas relações nasce o que sabemos, como pensamos e o que pensamos. Somos sujeitos de nossa experiência, sujeitos do mundo.

Freire (2001) usa o termo “saber de experiência feito” para mostrar a necessidade de uma valorização dos saberes do senso comum. Segundo ele, o conhecimento científico é tributário do saber popular e por isso, na formação escolar construímos superações, não rupturas com esse saber originário de nossa experiência social. Valorizar e “partir” do conhecimento da experiência não significa “ficar” nele. O “saber de experiência feito” proposto por Freire, vem de uma inspiração Camoniana<sup>14</sup>. Em entrevista à Neidson Rodrigues, publicada na obra póstuma *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*, argumenta:

uma coisa continua em mim, como pessoa e como educador, quer pensando a prática educativa quer fazendo a prática educativa, é um profundo respeito à figura do educando, ao gosto do educando e à formação do educando. [...] E um grande respeito, também, pelo saber “só de experiências feito”, como diz Camões, que é exatamente o saber do senso comum. Discordo dos pensadores que menosprezam o senso comum, como se o mundo tivesse partido da rigorosidade do conhecimento científico. De jeito nenhum! A rigorosidade chegou depois (FREIRE, 2001, p. 232).

---

<sup>14</sup> Camões, poeta português, autor de uma obra épica sobre o processo de expansão marítima portuguesa nos primórdios da modernidade europeia, em *Os Lusíadas*, no Canto IV, estrofes 94-95, o personagem Velho do Restelo demonstra uma postura que ia de encontro ao ufanismo das grandes navegações. Dirigindo-se, hipoteticamente, a Vasco da Gama, o personagem, que tinha apenas o conhecimento de suas vivências em detrimento da base técnica e das concepções políticas mais “ilustradas” da época, provoca os navegadores: Mas um velho d'aspeito venerando, que ficava nas praias, entre a gente, postos em nós os olhos, meneando. Três vezes a cabeça, descontente, a voz pesada um pouco alevantando, que nós no mar ouvimos claramente, c'um saber só de experiências feito, tais palavras tirou do experto peito: — Ó glória de mandar! Ó vã cobiça. Desta vaidade, a quem chamamos Fama! Ó fraudulento gosto, que se atíça. C'uma aura popular, que honra se chama! Que castigo tamanho e que justiça. Fazes no peito vão que muito te ama! Que mortes, que perigos, que tormentas, que crueldades neles experimentas!

Prezando pelo senso comum, sem jamais desrespeitar o rigor, os multiletramentos se utilizam de um conhecimento, digamos, não comum à escola. São práticas de letramento nas mais diversas linguagens, indo além da alfabetização. Creio que o desenvolvimento de “leitura de mundo”, proposto com os mesmos, traz um olhar mais singular, sensível e amplo para com o educando, oferecendo e provocando outras possibilidades de saberes em experiência, COM a experiência e na experiência.

Os saberes das experiências que docentes e discentes, juntos, possam nos proporcionar e a eles mesmos, trouxeram a referência que eu necessitava, indo ao encontro da teoria.

A experiência como algo dinâmico, modificada e alinhavada pelo meio, pelos indivíduos e suas bagagens em um processo contínuo de desenvolvimento de conexões e continuidades, propiciando recriações e novas configurações dos elementos envolvidos. Dinamicidade e recriações, palavras que nos remetem novamente a um processo com a experiência e os multiletramentos. A diversidade nas linguagens, as relações e dinâmicas que acontecem em sala, bem como o incentivo à autonomia e à criação, cada vez mais evidenciam o respeito à bagagem trazida e às experiências de cada um.

Na perspectiva de Piaget (1974), da experiência nasce o conhecimento. Conhecer consiste em operar com o real e transformá-lo a fim de compreendê-lo, é algo que se dá a partir da ação do sujeito com o objeto de conhecimento. O conhecimento real e concreto é constituído através de experiências. O desenvolvimento cognitivo se dá por assimilação e acomodação, gerando assim, o aprendizado. Todo indivíduo procura manter um equilíbrio com o meio, agindo de forma a superar perturbações, desequilíbrios, nas relações que se estabelecem. O intercâmbio de ideias, mensagens, informações e o relacionamento humano, são relevantes para a evolução de novos conceitos. A relação do educando com o mundo físico e social oportuniza seu desenvolvimento cognitivo. Isso fica claro quando se estuda a formação da moral, mostrando que o que permite a construção da autonomia moral é o estabelecimento da cooperação e do respeito mútuo. Dentro da escola, isso significa democratizar as relações para formar sujeitos autônomos. Permear uma escuta sensível e promover discussões sobre temas trazidos pela turma, valoriza a experiência e conduz a turma a refletir sobre um tema da atualidade, como por exemplo, preconceito racial.

Para Larrosa (2002), a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. A experiência está diretamente relacionada com o ser humano e só se realiza por ele. A definição de "Homem" por Aristóteles, traduzida pelo autor, era "vidente dotado de palavras", vidente pensante. Diz ele que o homem só existe a partir de suas experiências e que a palavra é um conhecimento humano. A experiência e o saber que dela derivam são o que nos permite

apropriar-nos de nossa própria vida. Só existem a partir do momento que caminham juntos e assim, o ser humano atribui sentido ao que lhe é “ex-posto” no mundo.

Mas, para isto, para assumir responsabilmente sua missão de homem, há de aprender a dizer a sua palavra, pois, com ela, constitui a si mesmo e a comunhão humana em que se constitui; instaura o mundo em que se humaniza, humanizando-o. Com a palavra, o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana. E o método que lhe propicia essa aprendizagem comensura-se ao homem todo, e seus princípios fundam toda pedagogia, desde a alfabetização até os mais altos níveis do labor universitário (FREIRE, 2014, p. 7).

Mas infelizmente, temos de refletir que nos dias atuais, a experiência é algo que está cada vez mais sendo deixada de lado, o que não deveria acontecer, dada a sua importância no processo educativo e em toda a nossa vida.

Max Weber<sup>15</sup>, que viveu de 1864 até 1920, sociólogo, jurista e economista alemão, um dos principais teóricos da sociologia, nos fala de tempos marcados pela racionalização e, principalmente, pelo desencantamento do mundo. As perguntas são: como fica a experiência nesses tempos de racionalização e desencantamento? É possível a experiência sensível sem encantar?

Larrosa (2002, p. 21) ressalta que "nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara". Temos excesso de informação e ela não é experiência. Informação demais cancela possibilidades de experiência. Ficamos perdidos com tantas coisas que nos chegam que esquecemos de sentir. O mesmo acontece quando a experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião. A obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência. Só vemos o que nos convém e esquecemos de escutar, ao invés de somente falar e contribuir, pois sentir ouvindo também é experiência.

A falta de tempo também não nos deixa experimentar. Tudo vem na velocidade da luz, com muitas informações e tudo ao fácil alcance. Queremos sempre o novo, o não descoberto e esquecemos de nos conectar com o real sentido significativo da vida, das memórias e do vivido. Em sala de aula por muitas vezes me pego em meio ao excesso de papéis, burocracia, que temos de preencher, “vencer” conteúdos exigidos, cadernos de chamada, entregas e mais entregas, prazos e mais prazos a serem cumpridos. Eu, às vezes, me pego, a fazer automaticamente, trabalho sobre trabalho, e esqueço de olhar o ser humano a minha frente, ao qual toco e que me toca:

---

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/razionalizacao-max-weber.htm>> Acesso em 27/11/21.

nós somos sujeitos ultra-informados, transbordantes de opiniões e superestimulados, mas também sujeitos cheios de vontade e hiperativos. E por isso, porque sempre estamos querendo o que não é, porque estamos sempre em atividade, porque estamos sempre mobilizados, não podemos parar. E, por não podermos parar, nada nos acontece (LARROSA, 2002, p. 21).

Ou seja, nos falta o sentir, o viver e assim repassamos aos discentes este, digamos, modelo de como fazer. Ninguém dá o que não tem, o que não sente ou sentiu.

Há ainda, muitas escolas que trabalham com um modelo de ensino baseado na aquisição de informações e o como saber usá-las. O conhecimento como acúmulo de informações e dados. COM os multiletramentos, acredito ser possível algo mais. Penso haver outras possibilidades, mais possibilidades, transformando informações e dados em sensações e sentidos, em experiência rica e significativa COM o outro e com o conhecimento.

Os quatro movimentos da Pedagogia dos Multiletramentos e o próprio conceito de *design* mostram que o conhecimento no processo de ensino e aprendizagem é mais do que só informar-se e utilizar-se dessa informação. Ela, como dado, é importante, mas não de forma única, pois ela precisa de significados, de um sentido para a situação experienciada. Há o encontro de soluções ou possibilidades, através de um incentivo à criatividade. Permite assim, que essa informação se transforme em conhecimento no incentivo sensível a novas habilidades e sensações, através de um experimentar, um conceitualizar, um analisar e um aplicar, não necessariamente nessa ordem. Portanto, uma experiência significativa de forma a vivenciar e presenciar as informações obtidas nos mais diversos pensamentos em uma educação que liberta, desafia e problematiza. Um responder a essência do ser da consciência e a sua intencionalidade: ouvindo, perguntando, investigando (FREIRE, 1967).

Sendo assim, o conceito de experiência é muito mais amplo COM os multiletramentos, pois ele é sentido, diferente do conhecimento “informativo”. Todos sabemos que a experiência, diferente da informação, nunca é igual para duas pessoas. Desta forma, a informação também não é igual para duas pessoas, uma vez que a mesma informação terá significados diferentes para cada uma. Significados que dependem de toda a construção social, intelectual e cultural do indivíduo, ou seja, da bagagem que cada um traz consigo. O acontecimento é comum, mas a experiência é singular e impossível de ser repetida. A experiência não está fora de nós. Ela somente tem sentido no modo como configura personalidade, caráter, sensibilidade ou uma forma humana singular de estar no mundo. A experiência não é um caminho objetivo, mas uma abertura ao desconhecido e ela produz o diverso e as múltiplas possibilidades. Então:

produz diferença, heterogeneidade e pluralidade (...) é irrepetível (...) tem sempre uma



dimensão de incerteza que não pode ser reduzida (...) além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem 'pré-ver' nem 'pré-dizer' (LARROSA, 2002, p. 28).

Os meios de comunicações e o mundo digital nos possibilitam essa tamanha diversidade de experiência em um bombardeio de informações. Mas, nunca fomos tão cobrados pelas nossas opiniões como indivíduos sociais e sujeitos coletivos, como somos hoje. Vivemos a era da comunicação, da globalização (expansão econômica, política e cultural a nível mundial) e do periodismo (sujeito ou submetido a movimentos periódicos).

Vivenciamos a fabricação da informação e da opinião, condição em que o sujeito é fabricado, manipulado pela informação e opinião. Para a experiência, real e verdadeira, é preciso o “viver”. A experiência requer parar, pensar, olhar, calar, espaçar, escutar a si e ao outro, encontrar-se e COM o outro, tudo muito devagar, com muita atenção, abertura e delicadeza. (LARROSA, 2002).

Para alguns, experiência é só o que passou, mas ela é também o hoje, o acontecimento vivido. Viver e experienciar é iluminar o presente, e deixar que as experiências do passado nos iluminem também. Então:

Como na relação com a criança o professor repete suas próprias experiências infantis, em sua formação profissional ele precisa reconhecer suas emoções, trabalhar certos sentimentos que lhe desperta a atuação profissional, analisar continuamente suas próprias frustrações e sua agressividade para poder estabelecer uma relação segura com a criança, co-construir com ela conhecimentos em clima carinhoso e ter uma compreensão mais autônoma do próprio trabalho. (OLIVEIRA, 2003, p. 8).

Nesse co-construir, reconhecer-se em emoções e estabelecer relações, os multiletramentos com o leque imenso de possibilidades nos concedem esse pensar em experiência sensível de forma menos tradicional e mais ampla, seja pelo olhar, ouvir, sentir, ler, entender, cheirar, desenhar, pesquisar, relacionar-se, postar, curtir ou digitalizar.

Com os multiletramentos acredito na possibilidade de grande relevância, tanto para docentes, como discentes, de uma experiência leve e livre no “permitir-se” com olhos de aranha ou pescoço de coruja em uma amplitude telescópica universal do olhar, como já coloquei.

Através de tudo que venho estudando sobre experiência, lembro de uma história que julgo importante compartilhar aqui, porque traz uma experiência em forma de um processo de aquisição de informação, somente como dado ou depósito, sem o multiletrar-se, sem o permitir-se caminhar pelo leque dos multiletramentos. Uma história sem a interação/troca de saberes e

bagagens/experiências. Uma história de reprodução automática e não construção criativa. Uma história de experiência como marca profunda de forma mutiladora e afunilada de opções. Assim, era uma vez um garotinho ...

que foi para a escola. Ele era bem novinho. E a escola era uma escola bastante grande. Mas quando o garotinho descobriu que podia chegar até a sua sala simplesmente atravessando a porta de entrada ele ficou feliz e a escola não pareceu tão grande. Uma manhã, depois que o garotinho já frequentava a escola por um tempo, a professora disse. “Hoje nós vamos desenhar uma figura”. “Que bom!” - pensou o garotinho. Ele gostava de figuras. Ele podia desenhar figuras de todos os tipos: leões e tigres, galinhas e vacas, trens e barcos... E ele pegou sua caixa de lápis de cor e começou a desenhar. Mas a professora disse “Esperem! Ainda não é hora de começar!” E ela esperou até que todo mundo estivesse pronto. “Agora”, disse a professora. “Nós vamos desenhar flores.” “Que bom!” - pensou o garotinho. Ele gostava de desenhar flores. E ele começou a fazer lindas flores com seus lápis cor de rosa e laranja e azul. Mas a professora disse. “Esperem! E eu vou mostrar como”. E a flor era vermelha com um cabo verde. “Pronto”, disse a professora. “Agora vocês podem começar”. O garotinho olhou para a flor da professora e olhou para sua própria flor. Ele gostava mais da sua do que a da professora. Mas ele não disse isso. Ele simplesmente virou o seu papel e fez uma flor igual à da professora. Era vermelha com um cabo verde. Outro dia, quando o garotinho tinha aberto a porta sozinho, sem ajuda de ninguém, a professora disse, “Hoje nós vamos fazer alguma coisa com barro”. “Que bom!” - pensou o garotinho. Ele gostava de barro. Ele podia fazer várias coisas com barro: cobras e homens de neve, elefantes e ratos, carros e caminhões... E ele começou a amassar e cutucar sua bola de barro. Mas a professora disse, “Esperem! Ainda não é hora de começar!” E ela esperou até que todos estivessem prontos. “Agora”, disse a professora. “Nós vamos fazer um prato.” “Que bom!” - pensou o garotinho. Ele gostava de fazer pratos. E ele começou a fazer alguns de todas as formas e tamanhos. E então a professora disse. “Esperem! E eu vou mostrar como.” E ela mostrou a todos como fazer um prato fundo. “Pronto”, disse a professora, “Agora vocês podem começar”. O garotinho olhou para o prato da professora, e olhou para o seu próprio prato. Ele gostava dos seus mais dos que os da professora. Mas ele não disse isso. Ele juntou todo o barro numa grande bola novamente e fez um prato igual ao da professora. Era um prato fundo. E logo o garotinho aprendeu a esperar e observar e fazer as coisas exatamente como as da professora. E logo ele não fazia mais suas próprias coisas. Então aconteceu que o garotinho e sua família mudaram para outra casa, em outra cidade, e o garotinho teve que ir para outra escola. Esta escola era ainda maior do que a outra. E não havia porta de fora para dentro de sua sala. Ele tinha que subir grandes degraus andar por um longo corredor para chegar à sua sala. E no seu primeiro dia a professora disse: “Hoje nós vamos fazer uma figura”. “Que bom!” - pensou o garotinho e esperou que a professora lhe dissesse o que fazer. Mas a professora não disse nada. Ela simplesmente andou ao redor da sala. Quando ela se aproximou do garotinho ela disse. “Você não quer fazer uma figura?” “Sim”, disse o garotinho. “O que nós vamos fazer?” “Eu não sei até que você faça”, disse a professora. “De que jeito devo fazer?” - perguntou o garotinho. “Do jeito que você quiser”, disse a professora. “De qualquer cor?” - perguntou o garotinho. “De qualquer cor”, disse a professora. “Se todos fizerem a mesma figura, e usarem as mesmas cores, como vou saber quem fez o quê e qual é qual?” “Eu não sei”, disse o garotinho. E ele começou a fazer uma flor vermelha com um cabo verde (Helen E. Buckley apud DINELLO, 1985, p. 43-47).

Toda vez que leio essa história, a memória volta a um dia dos pais, acho que estava na Educação Infantil. Estava a fazer um cartão e pinteí todo o meu pai de verde. Feliz e faceira, fui mostrar à professora, que disse: “ETs são verdes, não seu pai”. Pensem na minha tristeza ao ouvir aquilo, mas para casa fui com o meu cartão, a minha marca, a minha criação. Chegando

em casa, meu pai, claro, elogiou e minhas irmãs disseram que eu poderia pintar da cor que quisesse. O cartão era meu e nosso pai amaria de qualquer cor ou forma, desde que feito com o coração.

Para mim, isso é experiência. Me marcou e me pergunto: Por que eu não posso me “multicolorir” e ao mundo que me cerca? E hoje me permito, eu posso.

Então, quando falo de experiência, falo de algo único, singular. Quando falo de multiletramentos, também, penso em algo único em um grande mar de alternativas viáveis para esse letramento de mundo que cada ser busca para sentir-se pertencente, se “multicolorir” e “multipossibilitar”.

Minha dissertação é a respeito desses multiletramentos, não somente digitais, mas em forma de diversas linguagens. São experiências pessoais e experiências com os docentes e discentes que inspiram e perpassam meu dia a dia. Significações com cada ser que destas trocas e momentos vividos participaram ou ainda participam. Um olhar sensível vivido com cada criança ou educador. Um deixar-se tocar e retribuir o toque com sensibilidade de forma única e singular.

Estamos sempre em constante experiência, linguagem e sentimento. Estar em experiência, em linguagem, em sentimento, “multiletrar-se” com o outro e com o que nos cerca é projetar-se no mundo e constituir o “seu” mundo, único, cheio de sentidos e significados. Um mundo com relações entrelaçadas nas singularidades e especificidades de cada um. Estar em experiência também é observar, é ouvir, é questionar a si e ao mundo, o que nesse processo da pesquisa e da elaboração da dissertação vem sendo algo fabuloso. As relações que se estabelecem com os multiletramentos, a experiência, o sensível e a tecitura entre os mesmos, me trazem a beleza da singularidade, não sendo somente uma transmissão de informações, pois:

cada pessoa diz o que diz e ouve o que ouve segundo sua própria determinação estrutural. Da perspectiva de um observador, sempre há ambiguidade em uma interação comunicativa. O fenômeno da comunicação não depende do que se fornece, e sim do que acontece com o receptor. E isso é muito diferente de ‘transmitir informação’ (MATURANA; VARELA, 1995, p. 219).

Aprendi a ouvir a ambiguidade, permitir os dois lados da moeda. Não ouvir só o sim, mas também o talvez e o não. Nas singularidades das experiências que trago a seguir, precisei estar aberta ao que o outro, o mundo e as relações trouxeram e ainda trazem. O pensar em e para todos os lados. Precisei estar aberta ao sensível e à experiência sentida. Olhar nas janelas da alma e do coração de cada docente, de cada criança ou ser que nos mira, nos sente e traz consigo sua bagagem única. Permiti a diversidade de pensar. Libertei amarras. Compreendi e

acalentei carências. Possibilitei o criar e não o segregar. Sensibilizar para um pensamento que aflore e não mutile. Assim foi e está sendo uma experiência de: “Sensibilizar para as enormes carências de nosso pensamento e fazer compreender que um pensamento mutilador conduz necessariamente a ações mutiladoras” (MORIN, 2014, p. 15).

Cada ser é distinto, ímpar, especial e raro, tornando a troca nas relações da mesma forma. Desta maneira, como já afirmei, não há como se trabalhar homogeneamente. Nossas salas são ricas nas mais diferentes contribuições. Muitas vezes, nem percebemos, mas recebemos mais do que damos. Nossos seres encantados (referência dada aos educandos/discentes) buscam significar-se no mundo, lê-lo e nós educadores também. As crianças possuem uma natureza singular, sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio, único. Interagem com as pessoas próximas e com o meio. Tentam ler o mundo, compreendê-lo com brincadeiras em meio aos anseios e desejos. Utilizam as mais diferentes linguagens tentando desvendar o que ainda não sabem pela curiosidade, pela exposição de ideias, em tentativas práticas e hipóteses. O conhecimento vai se produzindo aos poucos com criação, significação e ressignificação. É um desafio diário, para nós docentes, compreender, conhecer e reconhecer esse jeito particular dos pequenos serem e estarem no mundo. Os multiletramentos me possibilitaram e me possibilitam desafiar-me e experienciar sensivelmente esse desafio. Porque...

A mim a criança ensinou-me tudo. Ensinou-me a olhar para as coisas. Aponta-me para todas as coisas que há nas flores. Mostra-me como as pedras são engraçadas quando a gente as tem na mão e olha devagar para elas. A Criança Eterna acompanha-me sempre. A direção do meu olhar é o seu dedo apontando. O meu ouvido atento alegremente a todos os sons são as cócegas que ela me faz brincando nas orelhas. Ela dorme dentro da minha alma e às vezes acorda de noite e brinca com os meus sonhos. Vira uns de pernas para o ar. Põe uns em cima dos outros e bate as palmas, sozinho sorrindo para o meu sono... A Criança Nova que habita onde vivo dá-me uma mão a mim e a outra a tudo que existe e assim vamos os três pelo caminho que houver, saltando e cantando e rindo e gozando o nosso segredo comum que é o de saber por toda a parte que não há mistério no mundo e que tudo vale a pena. (Poema Divina Criança de Alberto Caeiro citado por Rubem Alves em “A alegria de ensinar”, 1994, p. 52-53).

Com meus ouvidos e olhos atentos, vendo as pedras engraçadas, sentindo as cócegas, brincando com meus sonhos, virando de pernas para o ar, pelo caminho que houver, saltando, cantando e rindo, sabendo por toda a parte que não há mistério no mundo e que tudo vale a pena. Creio cada vez mais que trabalhar com os multiletramentos e a singularidade, é transformar o nosso dia a dia em sala de aula de forma que possamos atender cada educando em uma experiência sensível, única e significativa para ambos os lados. Nesta experiência

dialógica singular, há um processo com relações e destas relações são obtidos significados e sentidos para com o outro e assim então o desenvolvimento do estar em linguagem, da construção do conhecimento, do ser sujeito e do estar no mundo.

Pensar a dimensão subjetiva da relação professor aluno significa redimensionar o papel do professor que deve se configurar como um “outro social” que só existe inserido numa sequência histórica de relações, que vai se transformando em um sistema de sentido, a partir do qual este outro passa a ter significação no desenvolvimento da criança (BEZERRA, 2016, p. 56).

Ser a significação no desenvolvimento do estudante, por essas, entre outras tantas das razões que apresentei e também defenderei a seguir, afirmo que é fundamental esse olhar mais amplo sobre o que trabalhamos em sala e como o fazemos, tendo os multiletramentos na experiência da tecitura de um olhar e educação sensíveis e singulares. E, também nesse sentido, no capítulo a seguir, trago a tecitura em que os encontros com os docentes e discentes inspiradores são relatados de forma muito significativa, cativante e envolvente.

#### **4 - EXPERIÊNCIAS COM AS DOCENTES E DISCENTES: TECIMENTOS E LINHAS ESSENCIAIS PARA A PESQUISA**

Henz (2010) diz que a escola vai se constituindo um espaço-tempo de vivência da nossa “genteidade” na totalidade das dimensões e aspectos da inteireza dos nossos corpos conscientes. Escola como espaço-tempo em que vamos descobrindo e assumindo a nossa complexidade, tramada pelo entrelaçamento do individual com o sócio-histórico-cultural, através de sonhos, angústias, ideias, necessidades, crenças, desejos, afetividades, projetos, medos e esperanças. Nela e com ela poderemos ir descobrindo-nos como totalidades complexas, partes de algo maior, “gostando de ser gente”, inconclusos e capazes de “ser mais”.

Neste momento, vou compondo a complexidade das emergências da pesquisa nesse entrelaçamento sensível e amplo, mostrando quem gosta de ser gente, gosta de gente e quer sempre mais e melhor para si e COM o outro. As histórias, fatos vividos, as experiências, minhas, das docentes e discentes que irei contar, são uma leitura interpretativa, reflexiva, tecida a partir de observações, conversas e entrevistas<sup>16</sup>. Experiências em sentidos, sentimentos, multiletramentos e abertura do seu eu para o outro e COM o outro. Descrições de minhas práticas, de docentes e seus discentes que vivem e experenciam nas mais diferentes salas de aula, cada uma com sua tecitura e alinhavo. Eles são participantes atuantes no estudo e composição dessa escrita porque:

um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta (TARDIF, 2014, p. 230).

Desse saber e fazer, surgem os detalhes da participação dos docentes na pesquisa da qual se originou essa dissertação. Eles evidenciam experiências sensíveis e preocupadas com a criança, o ser humano em formação e não somente com o objetivo de ensinar, mas o de encantar, o de trocar, bem como mostrar a felicidade, conquistas, suas tristezas, angústias, enfim, seu sentir, cada tecitura, alinhavo e costura, sensivelmente singulares. Experiências com educandos com deficiência, apenados, em cumprimento de medidas socioeducativas, crianças com problemas familiares e emocionais, necessitando de auxílio, crianças desacreditadas por outros e relatos dos próprios estudantes.

---

<sup>16</sup> Em anexo.

Os relatos dessas colegas professoras mostram persistência, alegria, tristeza, frustração, felicidade, decepção, incerteza, doçura, ternura, acolhimento ou desprezo com o ensino e aprendizagem nas mais diversas formas.

Enquanto isso, e, para além disso, digo que a educação deveria ocorrer de forma leve, abrangendo o ser como um todo, emocional e intelectual.

As crianças estão ali cheias de descobertas, querendo nos ensinar, trocar e aprender também, mas cabe à nós, enquanto educadores, estarmos abertos para que a mágica aconteça. Sem o outro, sem o COM o outro não há ciclo, não há relações, não há qualidade no vivido. O educando é diverso e quer testar, imaginar, sonhar, provocar e ser provocado. Cabe a nós, entrarmos nessa bela viagem e proporcionarmos mais corpo, alma e intelecto em diversidade de linguagem.

Junto aos multiletramentos temos uma amplitude de possibilidades e ainda uma melhor visualização das famílias e da comunidade escolar em que esses seres estão inseridos, dada a importância trazida por eles nas mais múltiplas linguagens e contexto cultural e social.

Os docentes e seus discentes mostram o que quero tecer, entrelaçar, costurar, alinhar e enaltecer.

A capacidade de reinvenção, de criar, de rever e de ressignificar o já significado.

Quando a pergunta acontece, se corre atrás das possibilidades, se fazem mais perguntas, e assim, vamos e fomos nos constituindo e reinventando. Nos tecemos a muitos fios.

Através do reinventar a sala de aula, do criar, do experienciar, diminuimos a distância entre o que se diz e o que se faz, a fala torna-se a sua prática (FREIRE, 2013). Essa aproximação se dá, na maioria das vezes, ou quase que totalidade das vezes, pelo vivido, pelas experiências. O sentir se alia ao teórico e faz as relações com o ser humano. Desta forma, fui percebendo os multiletramentos e as experiências em sala que presenciei e vivi.

A experiência com os multiletramentos traz uma práxis educativa que necessita trabalhar o passado, o presente, o futuro e a vida, trazendo o mundo para dentro da sala de aula, o que para Henz (2003) constitui um engajamento no processo de “reflexão-ação-conhecimento-conscientização-transformação”, educando e constituindo o ser humano, partindo do princípio que humanizar-se pela educação implica também ter esperança, acreditar que é possível construir uma escola, e uma sociedade, menos desumana, tanto para os educandos quanto para os educadores. Enquanto educador, ser profissional é essencialmente ser humano, engajando-se fortemente na transformação da escola e da sociedade. É ensinar-aprender a ser humanos.

Com esse espírito e sentido, trago da sala de aula para o universo da pesquisa os docentes

e discentes convidados a participar dessa caminhada, dessa tecitura. É uma honra e prazer partilhar das suas histórias e experiências, interpretá-las.

Não é fácil se deixar observar, abrir sua vida, sua sala e suas relações.

Linguagens múltiplas costuraram-se ao texto, tecendo-o em muitos fios e partes.

Foi, é e será sempre tempo de olhar-se.

Chega mais um tempo de alinhar, entrelaçar e trocar, formando assim um só texto, a pesquisa, o sentir e o pensar.

#### **4.1 - As Docentes – diálogos, encontros e memórias**

##### **4.1.1– Como se deu a tecitura dos encontros com as docentes?**

Para Maturana (1998; 2004) o amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência. O amor, a emoção, o outro, o estar em linguagem, o COMpor o mundo. Aprendendo COM os multiletramentos, eu vi e senti, tudo isso, nessas mulheres, COM elas e COM as crianças.

Eu vi o amor sensível na convivência do dia a dia, vi no estar junto o olhar de uma educação sensível que trazia felicidade aos que dela desfrutavam.

As emoções são trazidas por nós através da linguagem, a qual surge nesse “estar junto”, na interação COM outro, nas relações de carinho, afeto e aceitação. Esta emoção trazida através da linguagem é o amor. Nós humanos existimos na linguagem, e todo o ser e todos os afazeres humanos ocorrem, portanto, no conversar, no emocionar e no amar.

Conto aqui como os encontros, digamos amorosos e multiletrados, primeiramente, com as docentes inspiradoras aconteceram. A cozinha da pesquisa, diria professor Cláudio, já eu, digo a tecitura da colcha alinhavada porque:

o educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o outro no espaço da convivência (MATURANA, 1998, p. 23).

Convivendo COM o outro fui deixando me envolver, me encantar, me apaixonar, transformar e dessa paixão surgiu meu olhar de acolhimento para a educação sensível que percebia nas práticas dessas docentes inspiradoras.

Trago o relato de como nos encontramos, a relação com os nomes fictícios, o porquê da



ordem escolhida para apresentá-las e como fomos tecendo nossos diálogos e trocas. Tudo foi sendo tecido com muito cuidado, amor, atenção, delicadeza e sensibilidade. Essa linguagem, esse “linguagear”<sup>17</sup> sustentado no emocionar em experiência como seres humanos que somos no mundo em que queremos ser pertencentes e carregados de significação, de aceitação. Emocionados em linguagem, em amor, em significados, nos tornamos orientadores do nosso viver. Linguagear e se multiletrar com o amor como princípio de aprendizagem para a socialização. O amor na simplicidade do acontecer e da permanência pura. O amor como fonte da socialização humana, e não o resultado dela. A socialização é o resultado do operar no amor (MATURANA, 1997). Nessa simplicidade do amor que acontece por acontecer e que nos impulsiona ao mundo para linguagear no multiletrar na educação sensível, algo sempre direcionava o meu olhar ao trabalho das educadoras, principalmente para minhas irmãs e minhas colegas com quem eu tinha mais contato.

Em meio às leituras e estudos, como mestranda, sempre algo voltava às práticas significativas de sala de aula das educadoras, fazendo relações, compondo pensamentos.

Quando soube que queria pensar COM e, compreendi que não precisava fórmulas novas, não precisava “descobrir” práticas e que podia, sim, me permitir enaltecer o que já era feito, o que me experienciava, me tecia e me marcava e ainda, falar do meu “EU” multicolorido e “adelineado”. Que podia enaltecer e compartilhar com vocês e com o mundo da educação algo talvez não visto com os olhos grandiosos e telescópicos do coração, da alma e do pensar COM. Algo extremamente sensível, acolhedor e multidiverso, o mundo sensível e amoroso, digamos assim, dos multiletramentos. Uma caminhada acolhedora e motivadora ao conhecimento que empodera e nos faz pertencentes, atuantes e fazedores de mundo com essas docentes e seus discentes.

Vi nessas educadoras um amor sensível e voraz que envolvia seus educandos em uma relação mútua de felicidade multiletrada e como pesquisadora eu queria enaltecer e compartilhar esse amor com o maior número de pessoas.

Primeiro elaborei um simples convite, um enunciado para ser enviado de forma *on-line* ou mostrado presencialmente:

*“Gostaria de sua contribuição em minha pesquisa, enquanto Mestranda em Educação. Considero sua prática muito sensível, diferenciada e ela marcou significativamente minha vida enquanto educadora. Ficaria extremamente feliz se pudesse compartilhar com você minhas*

---

<sup>17</sup> Como seres humanos, vivemos imersos em um fluir incessante de ações que Maturana chama de “linguagear”. A linguagem é usualmente entendida como a transmissão de informação simbólica. [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252008000500011](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252008000500011) Acesso em 22/12/22.

*ideias e caminhada nos estudos. Um abraço, grata por sua colaboração, sensibilidade e experiência em minha pesquisa, Adeline”.*

Depois do convite, elaborei um questionário de perguntas abertas baseando-me na pesquisa, nos termos de estudo e no que eu queria saber.

Após essas elaborações, comecei a enviar ou fazer o convite. Quando a pessoa aceitava, então colocava ou enviava as perguntas do questionário, sempre explicando que podiam ser respostas muito sinceras e simples.

Confesso que no início não pensei que tantas educadoras iriam participar, cheguei ao ponto de que nem tudo pude colocar nessa escrita, nem todas. Talvez em uma próxima etapa ou em outro momento. Foi bastante difícil e delicado ir elencando escolhas, mas tive de fazê-las.

A organização que sigo nas apresentações das docentes segue a ordem em que fui conversando com elas ou que elas foram me retornando as propostas. Elas me retornavam, a gente conversava e eu inseria a escrita. Os primeiros relatos e dados são meus, seguido dos das docentes. A partir do que me traziam e significavam, como boa contadora de histórias que sou, eu as nomeava com os nomes que vocês irão ler: Maluquinha, Senhora Alfabeto, Dona Descoberta, Dona Artista, Dona Tecnologia, Dona Faceira, Pesquisadora Arteira, Encantadora de Bebês, Dona Movimento, Mãe Possibilidades e Senhora Ciências.

Inicialmente organizei cada relato das docentes em separado, ao longo do processo percebi que eles eram conversas entre si e não podiam ficar estaques a tudo. Os misturei, dialogando, de acordo com as colocações ou os organizei em momentos diferentes, como vocês poderão ver a seguir.

As primeiras docentes, com quem conversei e pude estar, são minhas irmãs. Fiz o convite, expliquei sobre a pesquisa. Claro, que por terem sido minhas primeiras inspirações, elas aceitaram. Em meio a pandemia, esses dados e relatos iniciais foram de suma importância. Começamos a lembrar casos, experiências, fatos e práticas. Foram muitas e muitas lembranças e conversas, algumas envoltas a muitos materiais e leituras, outras com fotos das crianças e vídeos das aulas remotas, e outras tantas ao pé da mesa ou na sala de estar.

Com as outras docentes (colegas de escola, ex-colegas, colegas de estudo), o processo foi tranquilo, mas um tanto diferente, tínhamos de nos encontrar em alma e coração, sem o corpo presente. Começamos conversas com *e-mails*, *WhatsApp*, *vídeochamadas*. À medida que ia lendo ou registrando o que respondiam, eu ia fazendo mais questionamentos e íamos trocando ideias com relação as nossas práticas. As contribuições foram recíprocas tanto em sensibilidade, quanto em leituras, materiais, exemplos e práticas.

Quando a pandemia foi amenizando, pudemos nos encontrar presencialmente e trocar

ainda mais. Com algumas das docentes tive o prazer de adentrar suas salas de aula, ver seus discentes, acompanhar um pouco de sua prática e também dar um retorno de minha escrita COM elas. Dona Artista ao ler a escrita em que ela aparecia disse, emocionada:

*“Nossa, sou eu, alguém me viu. Que lindo ler isso e saber que sou eu”.*

Foi tão bom e sensível ter esse retorno, por isso que afirmo que é um trabalho que não é meu, mas de muitas mãos, tecituras, alinhavos e costuras. Queria ter contado tanto mais, mas conforme aprendi COM a pesquisa, tudo a seu tempo, o importante é ser significativo, esperar e nunca parar de pensar.

O apanhado foi tão rico que quis registrar tudo, dando destaque em negrito ou sublinhado ao que queria pautar como importante. Em alguns momentos coloquei suas falas literais em itálico e entre aspas, em outros descrevi com minhas palavras o que conversávamos.

Começamos a seguir com dados e características mais gerais, depois trago como as docentes compartilham informações e práticas, seus conhecimentos sobre multiletramentos e sua pedagogia, que tipo de materiais usam, de onde partem com os discentes, desafios e sucessos da prática, como percebem os discentes que até elas chegam e o que as deixa felizes. Após a conversa entre as colocações das docentes, relato individualmente aspectos de cada uma.

#### 4.1.2 - Um apanhado geral de dados

Quem são as personagens desse enredo? De onde vêm? Qual sua formação? Quantos anos tem? Há quanto tempo estão na docência? Onde atuam? Com quem?

Era uma vez... um **lindo grupo de mulheres**.

Mulheres, **formadas** nas mais **diferentes áreas**: Pedagogas, com Especialização em Educação Especial, em Gestão Escolar, com segunda licenciatura em Artes Visuais, Especialização em Educação Infantil, Mestradas em Educação, pós-graduadas em Alfabetização, com magistério e Técnica em Multimeios Didáticos, Licenciadas em Computação e pós-graduadas em Neuropsicopedagogia e Educação Especial Inclusiva, Licenciadas em Educação Física, enfim. Temos, nesse grupo, professoras dos **Anos Iniciais** do Ensino Fundamental, da **Educação Infantil**, **diretoras**, **auxiliares** de educação, **oficineiras** de Artes e dirigentes de Núcleo de **Informática**. Elas têm entre **20 e 60 anos**, sendo que 36,4% ficam entre 40 e 45 anos, seguidas por 18,2% de 35 a 40 anos e 55 a 60 anos igualmente.

A maioria, **90,9%**, **já ocupou outros cargos** durante sua experiência com educação ou em trabalho, tais como direção, vice-direção, coordenação pedagógica, docente de curso técnico, monitoria de estágio, secretária em escritório de advocacia, monitoria no PETI,

professora em escola multisseriada e de EJA em presídio estadual, bombeira voluntária, monitora de creche, educadora especial, auxiliar de dentista, vendedora, recepcionista, atendente de biblioteca, coordenadora de coral infanto-juvenil, tutora de cursos EAD de Pedagogia e Letras de uma universidade e auxiliar de oficinas de música e dança. Algumas estão iniciando no chão da sala de aula, com **4 anos de atuação** e outras já estão às portas de aposentar-se com **36 anos de experiências**. Somente **54,5% têm direito a horas de planejamento**.

As **salas e faixas etárias** que atuaram ou atuam, no momento são de **0 a 3 anos, Pré-Escola, Anos Iniciais, Anos Finais, 16 a 24 anos, Ensino Médio, estudantes com deficiência, adultos apenados, adultos entre 50 e 90 anos, turmas de informática/computação** (Computação Desplugada, Capacitação de Professores, Google Classroom e Pacote Office) e gestão de escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental. **63,6 %** atuam na rede **municipal**, 18,2% na rede particular, 9,1% na rede estadual e mais 9,1% em mais de uma rede. **50%** trabalham **40h**, 30% 30h e 20% 20h. **72,7% atuam na área central** da cidade e 27,3% na periferia. **1,8% atendem estudantes de classe baixa e média**. As outras 18,2%, classe média e alta. Todas trabalham na cidade em que moram, sendo que **63,6% tem a moradia perto da escola/instituição** em que lecionam.

Com esses dados importantes para entender cada contexto, nas entrelinhas, a seguir e quem sabe estudos posteriores a essa dissertação, sigamos ao próximo alinhavo conhecendo mais essas docentes e suas experiências.

#### **4.1.3– O compartilhar**

As docentes participantes da pesquisa, em sua totalidade, têm o hábito de compartilhar ideias com colegas de trabalho e compartilharam comigo como ou o que fazem trazendo as rodas de **conversa**, troca de **materiais**, **sites** de estudo, atividades, **reuniões**, grupos no **WhatsApp**, **projetos** em comum, ressaltando a importância desse estar COM o outro em partilha e também conhecimento, dizendo:

*“Por ter cursado Técnico Múltiplos Didáticos tenho facilidade com algumas ferramentas tecnológicas e procuro compartilhar o que posso”* (Dona Artista).

*“Utilizo geralmente uma rede social. E quando quero ser mais específica com a pessoa envio direto no WhatsApp e se for para todos os professores encaminho no WhatsApp da Secretária de Educação para que ela faça a divulgação com as escolas, já que não temos nenhuma newsletter (tipo de e-mail informativo com recorrência de disparos) diretamente com*

as escolas. *Infelizmente*” (Dona Tecnologia).

“*Procuo sempre compartilhar as **experiências** que tive nesses 36 anos como professora alfabetizadora, sugerindo sempre que acredite no potencial de cada criança, cada uma tem sempre algo para ser elogiado e um motivo para que ela evolua em sua aprendizagem. O afeto é o primeiro passo para que a aprendizagem aconteça. Também sempre compartilho as **atividades** com as colegas*” (Senhora Alfabeto).

#### 4.1.4 – O que é, o que é?

Segundo o *The New London Group* (1996) e seus estudos, as práticas de multiletramentos desenvolvem-se na base de um currículo responsável. Comprometido com o processo da globalização atual sobre as esferas da multiplicidade linguística, cultural e tecnológica, o presente modo de reorganização do ensino aponta para elaborações das práticas pedagógicas que articulem sujeitos na integração de saberes a partir da multiculturalidade<sup>18</sup> (relação de diferentes ideias e sujeitos nos espaços vividos) multimodalidade e multimídia. As mídias precisam ser destacadas em sua diversidade cultural, indo desde elaboração de textos, imagens, sons, até as mais avançadas produções de hipertextos. Em consequência, as multimídias agregam um acúmulo maior de informações em processos multimodais e multiculturais sobre as relações humanas. “...inegavelmente, um dos grandes desafios que os novos letramentos e os multiletramentos nos impõem centra-se na profusão de definições fronteiriças: mídia, meio, modo, multimídia, texto, hipertexto, suporte, ferramenta etc.” (ROJO, 2013, p. 140). Com mais esta explanação sobre os multiletramentos, digo que, na pesquisa os termos “**Multiletramentos e Pedagogia dos Multiletramentos**”, eram conhecidos por **54,5%** das colegas participantes da pesquisa. As respostas das docentes que disseram conhecer ou tinham uma noção foram no sentido de definir e ir de encontro ao que eu pesquisava:

“*A **multiplicidade cultural, diversidade cultural** de produção e circulação dos textos e a **multiplicidade semiótica** de constituição dos textos, a **diversidade de linguagens** que os constituem. Fonte ROJO, 2012*” (Encantadora de Bebês).

“*Acredito que se trata da **pedagogia** que constrói conhecimentos e **sentidos** através da **sensibilidade** às diferenças, da **criatividade**, da **capacidade de adaptação** bem como, da **inovação***” (Dona Artista).

---

<sup>18</sup> Podendo com isso construir uma valorização dessa diversidade cultural em forma de luta e organização frente às discriminações sociais apresentadas. CANEN, A. G., Rompendo fronteiras curriculares: O multiculturalismo na educação e outros campos do saber. Currículo sem Fronteiras. Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, pp. 40-49, 2005.

*“Fui pesquisar, mas tinha uma ideia...uma visão de **mente, sociedade e aprendizagem** baseada na suposição de que a mente humana é incorporada, situada e **social**”* (Dona Tecnologia).

*“É contemplar a **educação com letramento, cultura popular**, diferentes formas de expressão e a partir disso trabalhar a **contextualização**”* (Senhora Alfabeto).

*“Há **várias formas de pensar o conhecimento**. Somos **multifacetados** e temos formas diferentes de aprender e ensinar”* (Dona Descoberta).

O que mais me chamou a atenção, nessa etapa, foi que mesmo elas tendo uma noção do que se tratava, tiveram todo um cuidado e até mesmo curiosidade em pesquisar mais e referendar-se. Nos termos a seguir, mostraram-se mais familiarizadas.

Como disse anteriormente, quando referendava os termos de estudo, perguntei as docentes sobre inter e transdisciplinaridade. A Pedagogia dos Multiletramentos perpassa por muitas áreas, ou quase todas. Assim, acaba englobando em suas atividades mais de uma disciplina avançando com um olhar cultural, social e emocional para um trabalho de forma transdisciplinar ou interdisciplinar.

**81,8% disseram saber** do que se tratava **“transdisciplinaridade”**: a construção da **aprendizagem** através de uma **abordagem plural**. Nessa construção se ultrapassa a disciplina de origem, sendo a temática de estudos trabalhada em todas ou várias disciplinas. Uma **intercomunicação** entre as disciplinas, tratando efetivamente de um tema comum (transversal). Não há fronteiras entre as disciplinas. O conteúdo é abordado de **formas diversas e distintas** em uma busca de caminhos diferentes para chegar ao **conhecimento**.

Quanto ao termo **“interdisciplinaridade”** era conhecido pela **totalidade das participantes**. A maioria disse ser um processo de aprendizagem realizado pela **ligação de duas ou mais disciplinas** em um diálogo, porém, ainda **estruturado** nas esferas da **disciplinaridade**.

Além da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, os multiletramentos e sua pedagogia envolvem o contexto cultural e social, portanto envolver outras culturas trazidas pelos discentes é de suma importância, mas nem sempre fácil de se fazer em sala, portanto queria saber se envolviam este tema em suas práticas.

A **maioria** das docentes respondeu que **sim**. Elas citaram exemplos de sua prática como o trabalho com músicas da **cultura afro e outras etnias, jogos** como o do “diferente”, abordagem de diferentes **manifestações religiosas**. E destacaram que:

*“No lugar de estar-sendo pesquisadora com **etnias indígenas**, a vivência da pesquisa não pode estar à parte da vida, e, portanto, está imbricada também nas ações educativas e no*

*modo de pensar a educação a partir da pesquisa.* ” – diz Pesquisadora Arteira.

*“A diversidade de cultura está presente na sala de aula, somente precisamos questionar os **alunos** quanto a suas **origens, credos, tradições e costumes** que temos bagagem para abordar vários temas e transformá-los em conteúdo.* ” – complementa Dona Descoberta.

#### **4.1.5 – Realidade e recursos: a prática como processo em um lugar sensível de escuta, troca e encontro**

As docentes acreditam efetuar uma **prática diferenciada**, envolvendo a **realidade dos estudantes** com **diferentes materiais e tecnologias**. Se utilizam de recursos como: músicas, vídeos, jogos no computador e on-line, pesquisas na internet, digitação de projetos, portfólios com materiais diversos, jogos de mesa, de raciocínio lógico, de cooperação, materiais de sucata, de contagem, matérias plásticos diferentes para artes (carvão vegetal, giz pastel, lápis-aquarela), livros interativos (inclusive confeccionados por elas), pesquisa em livros, dicionários, documentos do dia a dia (contas de luz, água, telefone), fotografias, danças integrativas, situações do dia a dia em casa, atividades tridimensionais, fóruns internos de conversas sobre valores e problemas pessoais, etc.

As docentes trouxeram falas de que **partem daquilo que percebem que as crianças gostam** para então seguir para a necessidade que elas possuem, buscando, assim, novas formas de construir o processo de ensino e aprendizagem. Tentam auxiliar **cada uma no seu tempo**, e principalmente os **estudantes com deficiência**, os descrevendo como **únicos** e que precisam ser sua voz, ouvidos, olhos e até mãos, uma ponte entre eles e o mundo.

*“Amo trabalhar com PCD, é um trabalho maravilhoso”* – emocionada, diz Dona Tecnologia.

**Exaltaram gostar muito do que fazem** e também colocaram que sentem essa **reciprocidade dos estudantes** e dos próprios familiares, através dos olhares e manifestações de carinho e gratidão. Além disso, disseram envolver-se na **realidade** dessa **comunidade** em que experienciam. Disseram que com isso buscam propiciar uma **melhor resolução de conflitos**, quando estes acontecem, bem como **avanços** mais rápidos e significativos no processo de **ensino e aprendizagem**.

Colocar-se (me) num **lugar sensível** de escuta e ao mesmo tempo de trocas sensíveis faz toda **diferença** no processo em sala de aula e de **vida** dessas crianças e suas famílias, complementaram. Não só em meio a pandemia, mas na vida, cada vez mais é...

necessário é saber escutar... é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele. Mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele... O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele (FREIRE, 1999, p. 127-128).

#### 4.1.6 – A experiência como prática sentida: desafios e sucessos

Em meio ao “**novo normal**”, como tratavam na época (2020), nossa rotina diária. Perguntei a elas se acreditavam que sua **prática e experiência** estavam **facilitando** seu dia a dia em sala de aula frente ao momento, o que tinham feito e quais eram os maiores **desafios** e/ou **dificuldades** encontrados, tanto no tempo vigente, como em outros momentos.

Senhora Alfabeto me disse que sua experiência tinha contribuído sim...

*...porque depois de **tantos anos** atuando com as crianças, ao enviar os questionamentos para elas de forma remota, sabia que iriam responder e, **consequimos interagir** de tal forma que eles acreditavam que eu os estava vendo. Os pais até me enviaram vídeos das crianças, olhando pro celular achando que eu os estava vendo.* ” - referindo-se ao ensino no início quando ainda não havia a plataforma interativa das aulas, somente celulares pessoais e o *WhatsApp*.

Dona Artista concordou com ela dizendo que:

*“Mais do que antes eu sinto a **necessidade de "ver" o outro**. O outro é aquele que está comigo nesse momento. Diante de tantas incertezas, é preciso ver o colega, o estudante, a família dele...”* E continuou ressaltando que: *“**Sem a experiência em sala isso não seria possível, nem sem a diversidade de oportunidades de linguagens que se pode oferecer**”.*

Por isso Freire nos diz:

quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem forrar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém (1999, p. 25).

Outras ainda acrescentaram que a **experiência** já sentida as fez tomar **decisões práticas** e adaptadas à situação vivenciada mostrando que, era e é possível ter um **ensino favorável**, mesmo nessas condições porque quando trabalhamos na educação, estamos trabalhando com o imprevisível todos os dias e isso as ajudou, nos ajudou e ajuda a manter o planejamento. Ao mesmo tempo que podemos mudar tudo, se necessário, com confiança que dará certo, tendo as **manifestações dos estudantes**, das famílias **ouvidas**, atendidas **individualmente** ou como



**grupo** que caminha ou caminhava junto.

Dona Tecnologia ainda me contou que:

*“Entreguei **materiais** para uma **aluna PCD** na sua casa, para que não deixasse de fazer atividades e junto a minha secretaria, criamos **300 vagas** em 2020 para  **cursos on-line** de informática”* – e continuou: *“Os anos em sala e prática auxiliaram muito nessa **logística educacional**”*.

Dentre os maiores **desafios/dificuldades** enfrentados colocaram de forma geral, a **falta de contato direto**, o distanciamento, a **falta de retorno** dos pais, principalmente das crianças com deficiência

*“...pois, eles são a **ponte** para chegarmos às crianças, através das tecnologias impostas pelo **distanciamento social**”* (Dona Tecnologia).

Além disso, também destacaram a **falta de um reforço escolar**, o descaso dos responsáveis, não trazendo a criança para escola, impedindo a continuação do trabalho, quando as aulas retornaram, mas não de forma obrigatória.

Muitos estudantes, principalmente os com maior dificuldade e menos acesso às plataformas e meios digitais, faltavam consecutivamente, sem sucesso na busca ativa (termo usado nas escolas para buscar estudantes ausentes na entrega, retorno de atividades e aulas na plataforma digital).

A **falta de apoio de algumas mantenedoras e gestões**, o “lidar” (palavra usada por uma docente referindo-se a manusear e trabalhar) com tantas inovações necessárias devido à situação, principalmente em relação à tecnologia. O efetuar aulas à distância, dependendo de **internet e meios próprios** e até o planejar das atividades de forma totalmente diferente, também foram destaques em nossas conversas.

Finalizaram dizendo que tiveram de **se reinventar**. Nesse sentido, trago algumas falas literais:

*“A maior dificuldade foi em não poder estar presente junto às crianças e poder participar ao vivo e a cores da aprendizagem delas. Foi um grande desafio **não poder dar aquele abraço** ao entrar cada um na sala. Tínhamos um combinado na porta que poderiam escolher: abraço, aperto de mão ou uma dancinha. No WhatsApp os “receptionava” com um canto de bom dia todas as manhãs”* (Senhora Alfabeto).

*“...**não ter resposta**, não ter certezas e enquanto gestora, **transmitir tranquilidade para a equipe e comunidade escolar** quando na verdade, eu, estava angustiada”* (Encantadora de Bebês).

*“A **falta do chão da sala de aula, as trocas de olhares, o abraço, o elogio olho no olho**”*

(Dona Descoberta).

*“A preocupação do que a falta de interação social e de movimento pudesse causar”*

(Dona Movimento).

#### 4.1.7 - O ser humano que encontro e me toca

A cada pergunta, uma nova reflexão, outra pergunta e a certeza de que todos nos reinventamos, literalmente, não só na pandemia, mas em cada dia que pisamos em nossas salas como nossas crianças e jovens. Por quê? Porque através dessas mulheres e de minhas experiências, vemos o poder do encontro COM o outro com possibilidades sensíveis em nos multiletrar para entendermos esse mundão afora e nos entendermos como seres complexos, únicos e maravilhosos.

E o **ser humano que chega em nossas salas**, como o vemos?

*“Sem rótulos, mas levando em conta os dados recebidos (referindo-se ao que conversavam com as famílias no início e durante o ano em reuniões e entrevistas) sobre a criança para ajudá-la a sentir-se **confiante, capaz e feliz, o mais rápido possível**”* (Dona Artista).

*“Como um **ser único**, com suas especificidades, que deve ser visto com um **olhar diferenciado, respeitoso e atento**”* (Dona Faceira).

*“Sempre como um ser humano que tem **muito potencial** e com grande chance de **me ensinar alguma coisa também**”* (Senhora Alfabeto).

*“Como um **começo**, novas **descobertas, novos desafios**”* (Encantadora de Bebês).

*“Como um pé de flor ou um **conjunto de pés de flores** que ao longo do tempo e em **convivência desabrocham**”* (Pesquisadora Arteira).

*“Como um ser **em formação** que... desenvolverá todos os **potenciais que desejar**”* (Dona Descoberta).

*“Cada criança tem **seu jeito** de aprender, cabe a nós compreendermos”* (Mãe Possibilidades).

*“... um ser **único e em movimento constante** nas relações que se estabelecem através do **corpo e alma em linguagem**... Cada um tem o seu jeito de **perceber o mundo**... somos todos **diferentes na igualdade de nossas oportunidades**”* (Maluquinha).

Segundo Maturana (1998) uma criança que cresce no respeito por si mesma, pode aprender qualquer coisa e adquirir qualquer habilidade se o desejar. Essas educadoras e suas experiências, seu amor, sua sensibilidade possibilitavam e continuam a possibilitar isso.

As experiências, sensações e fatos vividos, me tornam, nos tornam e as tornam mais sensíveis, criativas, observadoras, empáticas, profissionais e seres humanos melhores porque, segundo minhas parceiras de caminhada:

“...somente **o amor universal é capaz de romper barreiras**. O mundo tornou-se um lugar cruel para pessoas sensíveis. Porém, está mais do que provado que, além, da inteligência emocional, temos que também usar a **inteligência espiritual**” (Dona Artista).

“...ficamos mais **maduros e preparados para a vida**. É isso que nos torna melhores, ou pelo menos talvez mais arredios para certas ocasiões, vamos dizer assim. Mas, continuamos a **ter fé**, acreditar que tudo irá melhorar, que o amor e o bem sempre vencem e que não há nada nem ninguém no mundo que fará eu mudar de ideia quanto a isso. **O bem sempre vence**” (Dona Tecnologia).

“**Todo o aprendizado nos faz refletir e nos tornar mais empático**” (Dona Faceira).

“...a cada ano, são novos alunos e novas experiências e a **convivência harmoniosa** entre colegas, professora, alunos e família faz a **diferença na aprendizagem**. Um **olhar diferente**, um gesto de carinho ou somente um sorriso faz com que meu colega, meu aluno ou familiar se sinta **acolhido** e isto me torna um ser humano com **mais sensibilidade** para entender os muitos problemas ou facilidades que cada um apresenta. Quando se cria um **vínculo**, tudo se torna **mais fácil e acessível**” (Senhora Alfabeto).

“...a cada **situação nova** ou vivência vamos nos **transformando** e olhamos para a situação com **mais propriedade**” (Encantadora de Bebês).

“...**uma coisa está ligada a outra**. Se a **experiência é o que me toca e transforma**, ela pode ser **positiva ou negativa**, em ambos os casos ela provoca **sensações e percepções** que me movem e me tornam mais **observadora**” (Pesquisadora Arteira).

“Nos mostrar **sensíveis** nos coloca como **iguais**, só com idades **diferentes**” (Dona Descoberta).

Assim, a **sensibilidade, do olhar**, ao estudante, causa **diferença no ensino e aprendizagem** porque:

“A mim também causa, eu também sinto a **falta de um olhar sensível** para comigo, imagina a criança. Através das experiências vividas, muitas vezes, **retorno triste** para casa, porque o sistema não quer que o profissional seja tão entregue. Muitas vezes sou taxada de ser “mole” demais com as crianças, e esse **olhar me fere**, mas, me fere mais a falta do **olhar para o óbvio** de que essa criança precisa ser olhada como única e com sentimentos e uma bagagem sofrida ou não. Eu continuarei a fazer meu trabalho de forma sensível, acolhedora e única, utilizando as mais diversas linguagens e atividades para que meus educandos aprendam e

*interajam comigo” (Dona Artista).*

*“Eu **olhar um estudante**, que já vem com um olhar de ódio, raiva ou qualquer outro sentimento ruim...tristeza... e **devolver esse sentimento**. Dificilmente conseguiremos aprender ou ensinar algo. Se está com fome, dor, frio, tantas outras questões, principalmente que envolvem a pandemia. O professor precisa estar com seu **olhar mais atento**. As crianças estarão mais propensas a muitas outras situações de 'dor' por 'n' motivos. Que inclusive o professor também poderá estar, e ninguém perguntou pra ele o que fazer e pior, nem como ele está” (Dona Tecnologia).*

*“...faz com que o aluno tenha um **melhor desempenho**, aprenda melhor” (Senhora Ciências).*

*“...estabelece um **vínculo** entre professor e aluno o que é fundamental para uma **aprendizagem de sucesso**” (Dona Faceira).*

*“A cada novo ano, fico como as crianças, **curiosa** e na expectativa de saber como serão os novos alunos, apesar de tantos anos atuando no magistério. Acredito que um simples gesto de **carinho pode mudar o comportamento** de uma criança, que muitas vezes só está esperando que alguém a **veja com bons olhos**” (Senhora Alfabeto).*

*“...quando **confiamos** na sua **potência**, a criança consegue confiar em si mesma” (Educadora de Bebês).*

*“Só é **significativo** aquilo que me encantar, tocar, frustrar, entristecer, enfim, **mexer com minhas emoções**” (Dona Descoberta).*

Assim, nas palavras de nosso maior educador:

mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma Presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não-eu” se reconhece como “si própria”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe (FREIRE, 1999, p. 20).

#### **4.1.8 - A simplicidade na felicidade sensível**

Finalizando, pedi que destacassem algo que as deixava **felizes** frente aos **estudantes**.

Colocaram que seria o **desenvolvimento** pessoal e a **aprendizagem** dos conhecimentos com eles. **O sentir que gostam** de estar com elas em sala, com os colegas e que tem **vontade de vir para a escola**. Ver uma criança feliz, com **autoestima elevada**, com saberes reconhecidos apesar das limitações. **O afeto sentido** nessa **troca** que sempre gera **bons**

**resultados**. Ver que as crianças sentem essa **acolhida calorosa**, o respeito e a certeza de que elas farão de tudo para auxiliar no desenvolvimento das potencialidades possíveis. A **superação**. O não desistir e continuar a cada aula sempre com um **sorriso** no rosto. A **alegria** dos educandos com as atividades propostas e a **satisfação** quando aprendem algo **novo** ou **redescobrem** coisas. O sentir e presenciar a **felicidade** deles nesses momentos.

*“Ver a alegria de cada aluno quando conseguem aprender a ler e escrever, não tem preço!!!”* (Senhora Alfabeto).

Quanto sentimento, experiência sensível, vibração boa com a conquista e a descoberta. Quantas memórias e registros afetuosos, ver, ter e ser...

*... “a esperança. O saber que se pode fazer a diferença ali onde se está. Os estudantes não são o futuro, eles são o agora, mas também serão o futuro. Pensar que estar atrás de uma mesa de escritório, em outro lugar que não a sala de aula, poderia não fazer sentido para mim. Me foi permitido estar onde estou por algo maior e isso me move sempre a alguma mudança, mas também a preservação daquilo que é bom no mundo”* (Pesquisadora Arteira).

E o que lhe deixa **feliz** frente a **vida**? Minhas companheiras de **viagem**, e eu, dissemos muitas coisas que sentimos: alcançar **objetivos**, buscando ser uma pessoa melhor que antes, de bem consigo mesma, com seus projetos e **sonhos**. O poder de **Deus**, a união da **família**, todos com **saúde** e a **lucidez** a cada dia. O **amor**, o **fazer a diferença** e o **trabalho** que se gosta, independente de qual ele for. A função exercida tendo **reconhecimento** e o sentimento de **dever cumprido**. Nesse sentido, dou destaque:

*“O que me deixa feliz frente a vida é estar feliz com ela mesma, a vida. Ter saúde, ter por perto quem eu amo, ter e permanecer com a fé, basicamente isso, não precisamos muito para o ato de ser feliz”* (Pesquisadora Arteira).

*“Costumo viver com os ensinamentos adquiridos com meus pais, com muita empatia, com simplicidade e alegria. Sou uma pessoa grata. Até mesmo pelas pessoas más que passam por mim, pois elas também me transformaram”* – finaliza Dona Artista. E...

É assim que venho tentando ser professor, assumindo minhas convicções, disponível ao saber, sensível à boniteza da prática educativa, instigado por seus desafios que não lhe permitem burocratizar-se, assumindo minhas limitações, acompanhadas sempre do esforço por superá-las, limitações que não procuro esconder em nome mesmo do respeito que me tenho e aos educandos (FREIRE, 1999, p. 79-80).

#### 4.1.9- Maluquinha

Foi o tempo que perdeste com tua rosa que a fez tão importante (Frase do livro *O pequeno príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry, p. 56).

Este é o pensamento que coloco aos pais dos meus estudantes no início de cada ano para que percebam o quanto é importante **estar de corpo e alma com seus filhos** em pelo menos quinze minutos de qualidade no dia a dia e também o tenho para minha vida frente aos desafios.

Após ler essa frase, como vocês já me conhecem, ainda conto “*Rinocerontes não comem panquecas*”. Um livro de Anna Kemp com ilustrações de Sara Ogilive que fala sobre amizade, dinâmicas familiares, amor e o tão importante **exercício da escuta**. Uma história delicada e divertida de uma menina muito esperta e de seu mais novo amigo: grande, roxo e muito, muito fofo, um rinoceronte. O pai e a mãe de Daisy estão sempre muito ocupados para ouvir o que ela tem a dizer. Então, um dia, quando ela conta que um rinoceronte grande e roxo entrou na casa deles e deu uma mordida na sua panqueca, adivinhem? Claro! Nenhum dos dois deu a menor bola. Daisy decide então enfrentar sozinha aquela situação. Depois de muitas pizzas, cócegas e panquecas, papai e mamãe têm uma surpresa daquelas, e aí percebem que devem prestar mais atenção ao que Daisy diz.

Afinal, “se todos os seus **esforços** forem vistos com **indiferença**, não desanime, pois até o sol ao nascer dá um espetáculo todo especial e, no entanto, a maioria da plateia continua dormindo” (Autor desconhecido). Enquanto uns dormem, outros estão a estabelecer relações sensíveis que brotam do estar em linguagem COM o outro e consigo mesmo. É preciso escutar, ouvir atentamente e ver o outro por mais atribulada que esteja a vida ou a situação.

Então quem sou? O que e como **sou**? Além das frases, pensamento e livro acima citados posso acrescentar: uma constante **metamorfose voraz e ambulante...**



*Prefiro ser essa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo... Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes... Sobre o que é o amor. Sobre o que eu nem sei quem sou. Se hoje eu sou estrela. Amanhã já se apagou. Se hoje eu te odeio. Amanhã lhe tenho amor, lhe tenho horror, lhe faço amor, eu sou um ator. É chato chegar a um objetivo num instante. Eu quero viver nessa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo*  
(Metamorfose Ambulante – Raul Seixas).

Me formei em 2004, em Pedagogia Séries Iniciais. Tenho 40 anos, casada desde 2008, mãe de duas filhas, Maria Clara de 11 anos e Ana Júlia de 1 ano. Sou pós-graduada em Especialização da Educação Infantil. Estou cursando outro pós-graduação em Gestão Escolar e realizando o Mestrado em Educação. Já fui voluntária em oficinas para a terceira idade, catequista, voluntária em oficinas de canto, flauta e dança, contadora de história, monitora de creche, vendedora, degustadora, auxiliar administrativo, professora na Escola de Educação

Infantil de uma entidade do Sistema “S”<sup>19</sup>, diretora de EMEI, professora de hora atividade<sup>20</sup>, auxiliar de biblioteca, técnica administrativa/tutora dos cursos de graduação EAD de Letras e Pedagogia, coordenadora do Coral Infanto-Juvenil da cidade em que moro, professora de apoio escolar de crianças com defasagem na aprendizagem e um autista. Hoje sou concursada 40h na rede municipal da cidade onde resido. Professora de Educação Infantil, Pré-Escola, pela manhã, desde o ano de 2.010 e do Ensino Fundamental na parte da tarde. Em sala desde o ano 2000, trabalhei com as mais diversas faixas etárias, 2 anos até o EJA. Até outubro de 2020 possuía mais 20h de trabalho como tutora de cursos EAD.

**Cada ser humano que chega até mim** é um ser único e em movimento constante nas relações que se estabelecem através do corpo e alma em linguagem que somos. **Cada um tem o seu jeito de perceber o mundo**, de apropriar-se dele e estar em linguagem COM o outro e com o meio, pois somos todos diferentes na igualdade de nossas oportunidades.

Principalmente com os maiores, realizo práticas que envolvam **suas realidades**. Procuro trazer problemas do dia a dia com parcelamentos, compras, divergências de opiniões, diferentes religiões e poderes aquisitivos, textos em diversos formatos e compreensões, trazendo nas propostas ofertas de pesquisa com material bibliográfico, pesquisas na internet, entrevistas com os pais e avós, buscas de imagens, trabalhos e diálogos em grupos, explicações para outras turmas, elaborar projetos de pesquisa científica e textos/poesias coletivas e individuais, bem como portfólios com atividades diversas e outros.

Através de um trabalho com a disciplina de **História**, música e textos, letras, audição, percepção, sensação, venho trabalhando as mais **diversas culturas** e principalmente religiões que se encontram na sala de aula, as culturas ao longo do tempo e a diversidade nos dias de hoje.

Ouvi o termo **multiletramentos** pela primeira vez em dezembro de **2020**. Percebo hoje, que o tema me encantou e entrelaçou-se de forma sensível e única com minha pesquisa e prática em sala de aula.

**Revivendo memórias**, posso descrever alguns casos que possam ter **feito diferença** na vida dos estudantes e que foram, de certa forma, fora do contexto normal da escola. O primeiro

---

<sup>19</sup> Instituições prestadoras de serviços que são administradas de forma independente por federações e confederações empresariais dos principais setores da economia. Prestam serviços de interesse público. Não são ligadas a nenhuma das esferas de governo. Mantidas com recursos das empresas de cada setor. Oferecem um conjunto variado de serviços à população: escolas, cursos técnicos, pesquisas, atividades culturais e esportivas. Todas começam com a letra “S”.

<sup>20</sup> A hora-atividade é o direito do professor de ter reservado um período de 1/3 de sua carga horária para as atividades pedagógicas (preparação das aulas, correção de provas). <https://profemarli.comunidades.net/informativo-sobre-hora-atividade> Acesso em 15/05/22.

caso foi em **meu estágio**. Era uma turma de 4º ano. A maioria muito receptiva, mas um **menino** em especial **brigava muito** com os colegas e **dormia** boa parte da aula. Conversa vai, conversa vem, ele me conta que era difícil ficar acordado, pois ajudava o tio no bar durante a noite para ajudar a família nos gastos e precisava de um lugar para ficar porque os pais trabalhavam. Como ele me disse que **trabalhava** muito no troco, no caixa, trouxe para a sala uma proposta transdisciplinar em que trabalhei desde a **história do dinheiro**, até compras “faz-de-conta”, listas de preços, produções de cédulas/moedas atuais e antigas, entre outros. A partir do momento em que trouxe a vida daquele estudante para a sala, a aula tornou-se interessante e envolvente, não só para ele, mas todos estiveram muito engajados, inclusive incluindo as famílias nas pesquisas e atividades.

Outro caso mais recente, foi de uma **menina** que estava comigo no **coral infanto-juvenil**. Um dia encontrou-me no restaurante e disse sorridente que iria para o **grupo de coral adulto**. Ela era uma jovem **depressiva** que sofreu muito *bulling* na escola. Chegou no coral dizendo que só iria tentar, cabisbaixa, não falava com ninguém. O **grupo fez tão bem para ela**, nossas conversas, risadas. A menina começou a fazer participações diferenciadas nas músicas e a felicidade começou a reinar naquele ser. Que alegria! Sei que **sou parte** da conquista e alegria dela agora e sou muito grata por isso, prova de que um olhar sensível faz toda a diferença. Basta, na maioria das vezes, **acreditar com leveza e possibilidades** em quem está na nossa frente.

Tive também um **estudante fora da faixa etária** dita normal da turma. Já havia **reprovado** três vezes o mesmo ano, oriundo de outros municípios. O acompanhei como professora de **apoio escolar** e pude perceber o quanto este menino havia sido esquecido em sala. Era muito quieto e tímido. Como não “incomodava” e pela legislação, podia aprovar até o 3º ano, **não fora olhado** de forma singular. Quando chegou ao 3º ano, a reprovação aconteceu. Três vezes até chegar em nossa escola. Começou-se um esforço conjunto para que ele progredisse e conseguisse alfabetizar-se auxiliar a mãe, já idosa, em diferentes tarefas como compras, troco, idas à farmácia, entre outros. Não foi fácil, nem para a gente, nem para ele, nem para a mãe. O trabalho diário para que se apropriasse da leitura da palavra e do mundo aconteceu. Ele **ainda caminha no processo** de compreensão de textos mais complexos, uma leitura mais fluente, uma não dependência da professora titular ou de apoio para efetuar suas ações e a constante luta contra a marginalidade no meio em que vive, bem como a falta de recursos para o sustento básico. Saiu da escola, escrevendo frases simples, organizando sequências a partir de gravuras com ordem cronológica, compreendeu textos simples em diferentes contextos, foi se apropriando da linguagem digital e dominando, além das operações



com adição, subtração, também cálculos simples com multiplicação e divisão. No final de ano em que acompanhei ele como professora de apoio, quando a mãe veio buscar o boletim, fui eu quem deu a notícia que havia sido aprovado e que seria a professora titular no ano seguinte. Essa mãe chorou muito, pois percebeu-se que se sentiu tão **acolhida quanto seu filho** e que mostrava a gratidão por finalmente alguém ter olhado seu rebento com os **olhos do coração**.

Enquanto **tutora** dos Cursos de Pedagogia e Letras do EAD em 2019, fui fazendo o mesmo que fazia com meus pequenos, acolhendo sensivelmente pela experiência. Percebi que só o fazia por já ter sido tocada, sentida, acolhida, por ter sido perpassada pelas experiências com meus docentes e discentes inspiradores, aprendendo e compartilhando COM eles. Mesmo que fossem **adultos**, as **necessidades de um olhar sensível e diferentes formas de linguagem** para se chegar ao mesmo **objetivo**, considerando a sua bagagem, eram iguais ou parecidas.

Mais um caso a relatar foi o de um **menino**, na **Educação Infantil**, que tinha **deficiências** múltiplas. Éramos eu, ele e mais 19 estudantes, entre 3, 4 e 5 anos em sala (na época ainda eram diversas idades, pois eles repetiam a Pré-Escola até terem idade para o primeiro ano, hoje atuo somente com a faixa etária de 5 anos e, quando necessário, tenho o apoio de um profissional de apoio escolar<sup>21</sup> caso a criança necessite e tenha direito por lei). O menino tinha **dificuldade de locomoção**, mal conseguindo alimentar-se sozinho, trocar de roupa, ir ao banheiro. Tinha dificuldades na **aprendizagem** intelectual e era **agressivo** com os colegas e professoras. Quando agredia algum colega, alegava que ele podia porque tinha um “dodói” e assim os colegas também permitiam as agressões dizendo que ele era um “coitadinho”. Foi um **trabalho intenso** e gratificante. Coloquei ele bem pertinho de mim e assim ia auxiliando os outros nas tarefas e ele também. Um dos coleguinhos um dia me disse:

*“Profe, ele me bateu, mas coitado, ele tem dodói”.*

Foram muitas histórias e conversas até ele entender que não podia agredir os colegas e estes entenderem que não era por ele ser diferente que podia fazê-lo. Fomos nos tornando iguais nas diferenças. O menino amava cantar o hino nacional. Desta forma, uma vez na semana **sentávamos todos e o ouvíamos**, enquanto ele cantava diversas partes. Os colegas também começaram a gostar e o menino começou a participar das brincadeiras dos colegas com menos

---

<sup>21</sup> Inciso XIII do Artigo 3 da Lei nº 13.146 de 06 de Julho de 2015 - Lei nº 13.146 de 06 de Julho de 2015 - Instituiu a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Art. 3º Para fins de aplicação desta Lei, consideram-se: XIII - profissional de apoio escolar: pessoa que exerce atividades de alimentação, higiene e locomoção do estudante com deficiência e atua em todas as atividades escolares nas quais se fizer necessária, em todos os níveis e modalidades de ensino, em instituições públicas e privadas, excluídas as técnicas ou os procedimentos identificados com profissões legalmente estabelecidas; <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/49550037/inciso-xiii-do-artigo-3-da-lei-n-13146-de-06-de-julho-de-2015> acesso em 30/12/21.

agressões e **partilhando dos gostos** dos outros também. Era bastante complicada a situação familiar. A mãe presa por tráfico e o pai/tio sustentava a família gerenciando um bar. O menino, por vezes, contava histórias ouvidas neste bar, sendo preciso gerenciar “fatos” e palavreados, em alguns momentos. Contava com muito carinho de como era tratado por esse **pai/tio**, sempre tendo os materiais necessários, roupas adequadas e alimentação, bem como era levado nos diversos profissionais de saúde a que tinhadireito. Ao final do ano, ele se mudara e fora para o interior, mas na transferência veio junto com o familiar **agradecer o carinho** e que estava muito feliz, pois estava mais autônomo e já **descobria o mundo das letras do seu nome**.

Em outro ano e outra **turma de Pré-Escola**, 20 crianças (**3, 4 e 5 anos**). Dessas, **quatro tinham problemas relacionados à fala/dicção**, pouco se entendia o que falavam, **uma com Síndrome de Asperger<sup>22</sup>** e **uma demonstrava agressividade** com os colegas e comigo. Que ano intenso, novamente **sozinha** com todas essas questões. Primeiro detive minha atenção à criança agressiva, que aos poucos, com muitas histórias, músicas, atividades, diálogos e ajuda da família, foi ficando mais sensível aos outros e deixando-se envolver pelo carinho de todos. Então comecei a intensificar relações com a menina com Síndrome de *Asperger* que pelas mesmas propostas e ajuda de fora de profissionais da saúde foi se destacando no desenvolvimento intelectual e também gradualmente social. Os estudantes com dificuldade na dicção foram encaminhados para a fonoaudióloga responsável e também com trabalhos semanais com trava-línguas e músicas, semanais, foram explorando melhor o vocabulário e a cada dia conseguíamos enriquecer nosso diálogo em turma. Foi uma das **experiências mais enriquecedoras** que já tive. Agradeço muito por este momento.

Como penúltimo relato, um **pré-adolescente** que acompanhei por dois anos e que tem a **mãe com câncer** pela segunda vez em 4 anos (primeiro câncer de mama quando ainda amamentava o caçula e agora um tumor do cérebro), já apresentava algumas dificuldades de aprendizagem que se agravaram com a chegada da doença. Não foi fácil com as **aulas não**

---

<sup>22</sup> Transtorno do espectro autista. Antigamente, considerada uma condição relacionada, mas distinta do autismo. A redefinição foi após 05/13. Não apresentam grandes atrasos no desenvolvimento da fala e nem sofrem com comprometimento cognitivo grave. Costumam escolher temas de interesse, que podem ser únicos por longos períodos de tempo - quando gostam do tema "dinossauros", por exemplo, falam repetidamente nesse assunto. Habilidades incomuns, como memorização de sequências matemáticas ou de mapas, são bastante presentes em pessoas com essa síndrome. Na infância, essas crianças apresentam déficits no desenvolvimento motor e podem ter dificuldades para segurar o lápis para escrever. Estruturam seu pensamento de forma bastante concreta e não conseguem interpretar metáforas e ironias - o que interfere no processo de comunicação. Não sabem como usar os movimentos corporais e os gestos na comunicação não-verbal e se apegam a rituais, tendo dificuldades para realizar atividades que fogem à rotina. [https://novaescola.org.br/conteudo/279/o-que-e-a-sindrome-de-asperger?gclid=Cj0KCQiAIMCOBhCZARIsANLid6azrbXIN24GrjJVrtaCIwhi9wku\\_jDsaHQDXLJa95fVvfwOHfCNMcaApRpEALw\\_wcB](https://novaescola.org.br/conteudo/279/o-que-e-a-sindrome-de-asperger?gclid=Cj0KCQiAIMCOBhCZARIsANLid6azrbXIN24GrjJVrtaCIwhi9wku_jDsaHQDXLJa95fVvfwOHfCNMcaApRpEALw_wcB) Acesso em 30/12/21.

**presenciais**, mas com o diálogo constante com a família conseguimos avançar no processo de ensino e muito no emocional. Por muitas vezes, já no presencial, a solução era um **desabafo, sentar e chorar**, coisa que só fazia comigo, segundo relato da irmã. Aos poucos, a **turma abraçou a causa** do colega. Então, quando era hora de chorar, todos em silêncio, pareciam orar a Deus pelo conforto ao colega. Conseguimos através da nova direção da escola e a SMED, um **atendimento em rede** para a família, inclusive uma assessoria para ver sobre a dívida que eles tinham que era de mais de R\$ 20.000,00 de uma cirurgia da mãe que fora feita às pressas para a retirada do tumor no cérebro. A assistente social se prontificou a ir comigo e com a direção para irmos na nova escola e explicar a importância da continuidade de um **olhar sensível** com ele e a família. O estudante, ao findar do ano de 2021, trocou de escola, pois terminou o 5º ano (último em nossa EMEF). O momento, para mim, foi mais de apoiar e fortalecer o emocional do que ensinar. Aprendi a **agradecer** pela saúde que temos, todos os dias. Doei um *kit* alimentação para a família e dei presentes de Natal para ele e o irmão menor. Infelizmente a mãe não resistiu. Até hoje, conversamos, levo mimos. Ele está indo bem na escola nova. As educadoras têm uma sensibilidade grandiosa lá e a família está se erguendo aos poucos, após a perda.

Para findar os relatos recebo nesse ano, 2022, um **estudante no 5º ano, não alfabetizado**. Ele tem um potencial gigante tanto em Matemática, como em conhecimentos gerais. O que lhe impede de se apropriar do mundo, ainda é a leitura e escrita. Fizemos diversas adaptações nas aulas, para que pudesse acompanhar e sentir-se acolhido e parte da turma. É bastante complicado, alfabetizar um **em meio a outros dezoito e sem profissional de apoio escolar**. Mas, ele se sente muito bem com a turma. Hoje, **utilizando de diversas linguagens e técnicas diferentes, já lê algumas frases**, bem como as produz.

A cada ano **minhas salas** de aula são uma **surpresa**. A cada novo educando uma busca, um toque, um aflorar e um desfrutar. Independente de terem um laudo, uma singularidade intelectual ou física, considero cada um, **único e precioso**. Cada um com sua caixinha de surpresas, encantamentos, desabafos, desafetos, sentimentos e descobertas. Por esses, entre outros motivos, é muito bom poder **trocar com as colegas**, pois elas me auxiliaram muito com relação a todos esses casos. Em contrapartida, gosto de compartilhar *links* de histórias, livros, atividades e ideias que possamos fazer juntas. Passar por tudo isso, **experiências**, sensações e outras vivências me tornaram mais sensível, mais criativa, mais observadora, mais empática e uma profissional e **ser humano melhor** porque o corpo sente, a alma sente, a vida marca. Você sempre quer melhorar como pessoa, como profissional e essas marcas lhe fazem **evoluir com o coração**.

Creio que essa **sensibilidade no olhar** causa total diferença no ensino e aprendizagem

porque se vê o **ser humano como uma totalidade**, corpo, mente e alma. E o que me deixa feliz frente aos meus educandos é vê-los progredindo com felicidade, integralmente, frente aos desafios da vida e do ensino. Encanta ver a **felicidade em nossas relações**, as descobertas juntos, o sentir emoções em grupo, cada carinho, cada olhar, cada significado. Na vida, **estar com minha família** saudável, feliz e estar **estudando**, me deixa realizada.

As **práticas dos anos** com as experiências sentidas facilitam imensamente os desafios do dia a dia em sala de aula e foram de **grande ajuda frente à pandemia**. Mesmo dominando a tecnologia, tive de inovar em outros aspectos metodológicos e emocionais. O vivido, o perpassado foi crucial nesse momento. Um dos maiores **desafios** foi o entendimento das propostas sem o auxílio presencial, **a rotina do estudo**, a rotina familiar, o **emocional** das crianças, professores e pais e o restabelecimento do vínculo escola e estudante.

Finalizo dizendo, como já puderam ver: “Gosto muito de me definir em **versos, imagens e canções**. Sou a professora maluquinha que fala alto, que dança com os pequenos, escuta música com os maiores, **“topa” qualquer desafio**, ri muito alto, adora fazer palhaçadas e **contar histórias** com muitos sons e vozes diferentes. Gosto de **incentivar a pesquisa**, a autonomia, a criatividade, enfim estar em um ambiente prazeroso na escola para mim, colegas e educandos. Nesse sentido, seguem imagens que desocultam mais um pouco de mim”.

Fotografias 1, 2, 3, 4, 5 e 6



#### 4.1.10 - Senhora Alfabeto



*Viver e não ter a vergonha de ser feliz. Cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz. Ah meu Deus! Eu sei, eu sei que a vida devia ser bem melhor e será. Mas isso não impede que eu repita: É bonita, é bonita e é bonita... (O que é, o que é? - Gonzaguinha).*

A **vida bonita**, viver sem medo de **ser feliz**. É com essa melodia de palavras que Senhora Alfabeto se define. Conheço-a desde que nasci. Eterna aprendiz, sempre disposta a ensinar,

compartilhar e aprender. Olha para o serzinho que descobre o **mundo da leitura e da escrita** a sua frente, com uma **singularidade** sem igual. Suas aulas são repletas de **múltiplas linguagens**: música, imagens, jogos, vídeos e outros. Com “técnicas” simples, materiais singelos, reciclagem de recursos, vai auxiliando os educandos em suas descobertas. Aos olhos dela parecem coisas **simples**, mas que a gente, eu-pesquisadora, me encantava a cada explanação adentrando em uma complexidade de pensamentos inigualáveis e sensíveis. Talvez nunca chegue aos “pés” dela, pois é algo inexplicável o que vi em sala. Lembro-me pouco dela, sem vir à mente a professora **alfabetizadora**. Foi “balconista”, como chamavam na época as vendedoras ou atendentes, mas hoje citar seu nome na cidade e não associarem “Ah, a professora tal”, é difícil. Ela fora a primeira a ser professora, das três que seguiram a profissão na família. Hoje, aposentada na rede municipal e atuando na parte da manhã na rede estadual, bem no centro da cidade, à poucos metros de casa. Muitas vezes, vejo-a por volta das 7h15min caminhando até a escola. Tive a honra de tê-la como **alfabetizadora de minha primogênita** e juntas, as três, descobrimos o mundo encantado da leitura de mundo. Segundo relatos do marido, vai até altas horas da manhã pesquisando, montando, criando. Na época da **pandemia**, ele relatou que perdera a conta de quantas **noites** ela ficava à frente do computador gravando aulas e **postando atividades**. Ela conta: “*Ele também foi colocado como auxiliar nos recortes e organização de tarefas*”. E o tal computador, a tal **tecnologia**? Ah, esta teve de ser **compreendida e ressignificada** muitas vezes.

*“Fiz  **cursos**, me **aperfeiçoei**, não foi fácil, mas ao final deu tudo certo e hoje posso dizer que possuo mais uma experiência em minha caminhada e processo de aprendizagem que me auxilia e aos meus alunos. A **criança** é um ser humano que tem **potencial**... ela também **me ensina**. **Gosto muito do que faço** e percebo na **receptividade das crianças** o interesse por minhas aulas. Procuro, na medida do possível, estar em **contato com a família** de cada um deles, pois isso faz com que esse trabalho em conjunto renda grandes aprendizagens. Noto que **a pandemia**, apesar dos contratemplos, **trouxe muitas ferramentas** que até então, não estava acostumada a utilizar nas aulas, mas como toda a minha turma tinha acesso à internet, **facilitou** muito nas pesquisas, assistir vídeos, brincar com jogos educativos/interativos” ...*

Ao continuar a conversa, ela descreve uma experiência que marcou:

*“Lembro muito de **um aluno, do interior**, que quando chegou na escola, logo me disseram “**Esse aí nem te estressa, nunca vai aprender...quando tu conheceres o pai e a mãe...vai ver o porquê**”. **Apostei no menino**, apesar das muitas dificuldades que teve, **se alfabetizou**. Nunca vou esquecer quando o **pai** dele veio me dizer que estava **orgulhoso** e **agradecido** de o filho poder chegar em casa e **ler os bilhetes com recados em convites** para a*

*reunião e leituras de livrinhos que conseguia fazer. O afeto, nesse caso, foi o mais importante. Acreditem no potencial de cada criança, cada uma tem sempre algo para ser elogiado e um motivo para evoluir na aprendizagem. O afeto é o primeiro passo para que a aprendizagem aconteça. Um olhar diferente, um gesto de carinho ou somente um sorriso, faz com que o colega, o aluno ou o familiar deste, sintam-se acolhido e isto me torna um ser humano com mais sensibilidade para entender os muitos problemas que cada um apresenta. Quando se cria um vínculo, tudo se torna mais fácil e acessível. Um simples gesto de carinho pode mudar o comportamento de uma criança”.*

#### **4.1.11 - Dona Descoberta**

Depois de algum tempo você aprende a diferença, a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar uma alma. E você aprende que amar não significa apoiar-se. E que companhia nem sempre significa segurança. Começa a aprender que beijos não são contratos e que presentes não são promessas. Começa a aceitar suas derrotas com a cabeça erguida e olhos adiante, com a graça de um adulto e não com a tristeza de uma criança. Aprende a construir todas as suas estradas no hoje, porque o terreno do amanhã é incerto demais para os planos, e o futuro tem o costume de cair em meio ao vão. Depois de um tempo você aprende que o sol queima se ficar exposto por muito tempo. E aprende que, não importa o quanto você se importe, algumas pessoas simplesmente não se importam... E aceita que não importa quão boa seja uma pessoa, ela vai feri-lo de vez em quando e você precisa perdoá-la por isso. Aprende que falar pode aliviar dores emocionais. Descobre que se leva anos para construir confiança e apenas segundos para destruí-la... E que você pode fazer coisas em um instante das quais se arrepende pelo resto da vida. Aprende que verdadeiras amizades continuam a crescer mesmo a longas distâncias. E o que importa não é o que você tem na vida, mas quem você tem na vida. E que bons amigos são a família que nos permitiram escolher. Aprende que não temos de mudar de amigos se compreendemos que os amigos mudam... Percebe que seu melhor amigo e você podem fazer qualquer coisa, ou nada, e terem bons momentos juntos. Descobre que as pessoas com quem você mais se importa na vida são tomadas de você muito depressa... por isso sempre devemos deixar as pessoas que amamos com palavras amorosas; pode ser a última vez que as vejamos. Aprende que as circunstâncias e os ambientes têm influência sobre nós, mas nós somos responsáveis por nós mesmos. Começa a aprender que não se deve comparar com os outros, mas com o melhor que pode ser. Descobre que se leva muito tempo para se tornar a pessoa que quer ser, e que o tempo é curto. Aprende que não importa onde já chegou, mas para onde está indo..., mas, se você não sabe para onde está indo, qualquer caminho serve. Aprende que, ou você controla seus atos, ou eles o controlarão... e que ser flexível não significa ser fraco, ou não ter personalidade, pois não importa quão delicada e frágil seja uma situação, sempre existem, pelo menos, dois lados. Aprende que heróis são pessoas que fizeram o que era necessário fazer, enfrentando as consequências. Aprende que paciência requer muita prática. Descobre que algumas vezes a pessoa que você espera que o chute quando você cai é uma das poucas que o ajudam a levantar-se. Aprende que maturidade tem mais a ver com os tipos de experiência que se teve e o que você aprendeu com elas do que com quantos aniversários você celebrou. Aprende que há mais dos seus pais em você do que você supunha. Aprende que nunca se deve dizer a uma criança que sonhos são bobagens.... Poucas coisas são tão humilhantes e seria uma tragédia se ela acreditasse nisso. Aprende que quando está com raiva tem o direito de estar com raiva, mas isso não te dá o direito de ser cruel. Descobre que só porque alguém não o ama do jeito que você quer que ame não significa que esse alguém não o ama com tudo o que pode, pois existem pessoas que nos amam, mas simplesmente não sabem como demonstrar

ou viver isso. Aprende que nem sempre é suficiente ser perdoado por alguém... Algumas vezes você tem de aprender a perdoar a si mesmo. Aprende que com a mesma severidade com que julga, você será em algum momento condenado. Aprende que não importa em quantos pedaços seu coração foi partido, o mundo não pára para que você o conserte. Aprende que o tempo não é algo que possa voltar. Portanto, plante seu jardim e decore sua alma, em vez de esperar que alguém lhe traga flores. E você aprende que realmente pode suportar... que realmente é forte, e que pode ir muito mais longe depois de pensar que não se pode mais. E que realmente a vida tem valor e que você tem valor diante da vida! Nossas dúvidas são traidoras e nos fazem perder o bem que poderíamos conquistar se não fosse o medo de tentar (O Menestrel de William Shakespeare).

**Dar a mão e construir confiança.** O tempo, um dia após o outro, **a construção de um vínculo**, o outro, o COM o outro, o sentimento, a decepção, a frustração, o medo, o mal, o bem, o amor, a experiência, o coração, a alma, o mundo, a vida e o tentar. Belamente presenteada por Dona Descoberta com as palavras de *Shakespeare* nesse texto que a define, ela envolve em um colo desde que nasci. Tinha 15 anos e eu cheguei, a “rapa do tacho” (expressão usada para se referir ao filho (a) caçula que nasce alguns ou muitos anos após os demais irmãos). Seu sonho era ser dentista, mas os caminhos da vida fizeram outros ciclos. Professora do 4º ano na rede estadual em uma escola do centro da cidade pela manhã, aposentada outras 20h na rede municipal. Ela diz que:

*“Escutando a criança consigo ver e participar dos questionamentos que ela tem sobre seu mundo, isso me dá subsídios para desenvolver novas práticas e ir ao encontro da realidade de cada um. Na **pandemia**, a **tecnologia**, antes um vilão, se tornou **ferramenta indispensável** e aliada a isso também o uso de materiais alternativos e **atividades interativas**”.*

Lembrei com ela, quando acompanhei um pouco, a turma em que tinha um **autista**. Foi lindo vê-lo **completamente integrado à turma**, realizando atividades cuidadosamente adaptadas. Ele tinha um livro com diversas atividades, desenhos, partes táteis, visuais, motoras, interativas. Folheava folha por folha e se alguém passasse duas folhas juntas, logo mostrava como fazer, uma a uma. Realmente ele fazia parte do grupo e o grupo fazia parte dele, não havia diferenças. As apresentações eram muito legais, participava com alegria. A turma interagia com ele. **O afeto da turma e da educadora eram visíveis.**

Outro momento foi quando era **alfabetizadora de jovens e adultos**. Muitos cabelos brancos e jovens desacreditados passaram por ela que sempre trazia a realidade do dia a dia para que tudo se tornasse mais fácil de assimilar. A **sensibilidade ao olhar** cada um, **sentar-se ao lado**, explicar novamente e a felicidade quando **descobriam o juntar das letras e o próprio “desenhar” do nome.**

*“Que alegria poder assinar um documento sem ser com a digital”* – disse uma das

senhoras, emocionada (fala da discente). Outra comentou:

*“Fico feliz, posso contar histórias para meus netos”* (fala da discente).

Imaginem o que é **com seus quase 70 ou 80 anos aprender a ler o mundo**. As **atividades** eram muito voltadas à **vida deles**, afazeres do dia a dia, receitas culinárias, de remédios, músicas que gostavam. Eles jogavam, escreviam cartas, histórias sobre suas vidas e a cada passo, cada novo **juntar de letras oral ou escrita**, sentiam-se mais seguros e se apropriando da linguagem como **constituição de identidade**. Então começamos a conversar de atividades e momentos mais recentes...

*“Na escola onde dou aulas desenvolvemos vários **projetos...** e na sala trabalho com diversas linguagens: oral, escrita, digital, visual, tátil e sonora”* – disse ela.

Pude acompanhar algumas atividades das **aulas on-line**. Pensem em tamanha surpresa quando vi um **show de talentos das crianças**. Cada uma enviou um vídeo mostrando seu talento. Um fazia bolo, outro cantava, outro dançava, desenhava, enfim, diversos talentos. Outra atividade foi sobre a cultura africana em que os estudantes fizeram máscaras e pesquisaram a culinária, cores, roupas e costumes. Teve até **feira de ciências com projetos de pesquisa** e tudo isso ainda sem a plataforma digital, somente o *WhatsApp* pessoal e atividades impressas. Propostas sempre organizadas com horas de planejamento, pesquisa e sensibilidade.

*“Mostrar a sensibilidade nos coloca como iguais. Quando os alunos se sentem acolhidos e respeitados, tem a certeza que você fará tudo para auxiliá-los no desenvolvimento de suas **potencialidades** oferecendo o maior número de linguagem que puder. As **famílias também precisam ser ouvidas e atendidas em suas individualidades, assim como os alunos**”* – ressalta Dona Descoberta.

Acompanhar essa educadora foi maravilhoso e desvelador, tanto em anos anteriores, ou desde o meu nascimento, como também nestes dois anos em que voltei a ser titular de turma. O jeito como **ela organiza** e envolve seus educandos nas aulas, **“mescla” conteúdos**, trabalha a realidade de cada um, sempre com um olhar singular é encantador. Foi enriquecedor para minhas experiências e trabalho com os meus.

#### 4.1.12 - Dona Artista

Não sei sentir pouco, tudo em mim grita. Senti muito, até por quem sentia. Tão pouco, não nego. Meu coração não sabe ser discreto, sente, demonstra, se entrega. Mas não me culpo por sentir demais, me preocuparia se não sentisse... (<https://pseudomorte.tumblr.com/post/162043655010/n%C3%A3o-sei-sentir-pouco-tudo-em-mim-grita-senti>)



Assim é Dona Artista porque **“Luz na passarela que lá vem ela, câmera e ação”**. **Intensa**, pele, alma, transparência, jeito meigo de ser e ao mesmo tempo figura **exótica e única**. Tem a **gentileza e o amor nos olhos**. Canta, interpreta, desenha, pinta, cria. Quando você a olha está a **inventar novas maneiras** de conseguir “alcançar” as crianças de maneira simples, lúdica e nas mais diversas linguagens. Possui uma **percepção sensível** fora do comum com cada educando que por ela passa, bem como seus colegas. Embora sua formação seja o magistério e o curso Técnico em Multimeios Didáticos, parece ter se formado em algum lugar perto da Terra do Nunca ou no País das Maravilhas, até mesmo no mundo de Oz ou *Hogwarts* (Escola de Magia e Feitiçaria/Bruxaria de *Harry Potter*).

*“Acredito em algo além de nossa imaginação e por isso também tenho meus sonhos. Curso, hoje, a faculdade de **Direito**, um sonho antigo, e que **me empodera** contra tantas injustiças e perseguições que já sofri. Sou **auxiliar de educação** e atuo como **profissional de apoio escolar** acompanhando **estudantes com deficiência e outros com dificuldades sérias na alfabetização**. **Sem rotular, levo em conta a história da criança para ajudá-la a sentir-se confiante, capaz e feliz, o mais rápido possível. Parto daquilo que sinto que a criança gosta e de sua realidade, para então seguir rumo à necessidade que possui. Busco sempre novas formas de construir o processo de aprendizagem. Com um aluno autista do 2º ano, procurei relacionar as coisas que ele já gostava para ir experimentando materiais e recursos audiovisuais novos. E não é que deu certo! Tanto aprendeu a ler quanto a calcular. Eu precisei mergulhar nas histórias e fantasias que ele trazia: folclore brasileiro, piratas, sereias, barcos gigantes, Super Mario, múmias, vampiros e outros. Nas continhas o que causava interesse em fazer era quando eu dizia: **Atenção terráqueo, nós temos uma missão interestelar para você: você tem “n” minutos para fazer ou iremos invadir a Terra**. Era muito interessante de vê-lo realizando as tarefas para defender o planeta. **Eu fazia vozes condizentes com a situação**. Ele mergulhava no faz de conta. Infelizmente era **constantemente podado pela mãe** porque o **pastor da igreja** deles não achava bom que ele gostasse de seres **imaginários**. Mas, mesmo assim, a **mãe** me enviava áudios de **gratidão**, às vezes chorando de **alegria** porque ele **estava lendo sozinho** as histórias. Aos poucos, essa ideia da magia foi ganhando o coração da mãezinha, de forma que quando foi 31 de maio e ele estava lendo. Comigo ele sempre dizia:***

*“**Eu sempre vou confiar em você**” – e me contava segredos dos jogos no celular (fala do discente).*

*Com as demais crianças com **defasagem de aprendizagem**, procuro **elaborar atividades que contenham essa realidade, que falem da localidade e das experiências que acontecem no seu dia a dia porque o estudante pode saber que existe caju, mas se ele conhece***

*laranjas, prefiro trabalhar com laranjas.*

*Quando substituí professores em sala com crianças maiores, procurei trabalhar músicas da cultura afro, histórias de outros povos e conversar com as ela sobre as culturas que conhecem e presenciam. E é preciso ter um olhar sensível sobre tudo, entrelaçando a sala de aula, principalmente, com a realidade social e econômica de cada um. Posso garantir, que em todos os casos, olhar para o humano fez muita diferença. Respeitar a história de cada um. Com os pequenos eu sempre começo pelo nome. Quando ele se compreende dono daquele nome e do que representa, o restante flui. O nome simboliza a identidade, o ser, o estar e todo mundo precisa ser visto.*

*A mãe do D., outro autista diz que gosta muito dos meus métodos. Com ele e a A., que tem síndrome do X frágil, eu uso as sílabas coloridas, que ajudam na compreensão da família silábica. Isso aprendi com Mãe Possibilidades. Para o V., mais um autista, autista, fiz um álbum interativo, totalmente com recursos próprios, porque a diretora da época, achava desnecessário.*

*Com H., um estudante do 4º ano, eu o atendia em outra sala, não com a turma. Era uma turma dentro de um depósito, com a V., o B. e o A., também com sérios problemas na alfabetização. Eu sempre trabalhei muito as particularidades deles, porque eram menos pessoas na sala, porém, o B. pintava tudo de vermelho, paredes, telhado, etc., o pai foi assassinado e ninguém teve a sensibilidade de tirá-lo da cena do crime até chegar a perícia. H., em específico, não tinha contato com a mãe que estava presa há um bom tempo, era agressivo com outros colegas e se intitulava como burro. Ele era muito revoltado pela falta da mãe e havia a promessa constante de que a mãe viria, mas nunca saía da cadeia, e quando finalmente saiu, sequer veio vê-lo. Havia brigas diárias com o W., até que comecei a perceber que ambos tinham problemas parecidos, de rejeição, de falta de cuidado e a aprendizagem de ambos começou a fluir. Através de ações que mexeram com a autoestima, ele desenvolveu uma série de aprendizagens necessárias. As experiências negativas foram se transformando e quando chegou no último dia de aula pediu para fazer cartões a todos os professores que entendeu terem feito parte de sua evolução desde que chegou na escola:*

*“Profe, eu quero dar um cartão pra todas as profes que me ajudaram a aprender” – disse ele (fala do discente).*

*Estes cartões eram apenas sua letra inicial gigante em folha branca e com muito glitter dourado. Fora emocionante ver aquele "H" maiúsculo e brilhante sendo entregue com tanta alegria e gratidão. Ali eu vi que havia ajudado ele com a autoestima, ele estava se amando a ponto de ter orgulho de si, do seu nome, do seu H. Isso foi lindo, Adeline!*

Outra experiência muito positiva ocorreu no **presídio**. Na primeira aula eu levei a música **“Potro Sem dono”**, música de José Cláudio Machado, com referência à liberdade e responsabilidade. Não tinha cadeiras e classes, eram **sentados em meia-lua em bancos de cimento**. Era muito **insalubre, desconfortável**, mas sempre lembrava o que minha falecida mãe dizia:

**“Ali não se vai para alfabetizar, se não levar um pouco de luz”.**

Foi uma experiência incrível. **Sou muito grata pessoalmente e profissionalmente por todas essas experiências vivenciadas. Por passar por essas experiências e sensações, fiquei mais sensível e acredito quesomente o amor universal é capaz de romper barreiras. O mundo se tornou um lugar cruel para pessoas sensíveis. Fui muito “perseguida” por uma de minhas diretoras. Fui taxada de ser “mole” demais com as crianças, e esse olhar me feriu muito. Mas, me fere mais a falta do olhar para o óbvio e agradeço até mesmo pelas pessoas más que passam por mim, pois estas também me transformam”.**

Foi um dos **depoimentos mais desveladores** que recebi. Mesmo trabalhando com ela, não sabia de **tanto sentimento ocultado naquela alma**. Percebi ainda mais a suma importância de **enaltecer o trabalho dessas inspirações e de também acolhê-las**. Muitas vezes acompanhei a “Dona Artista” criando e “re-desenhando” propostas com os colegas, como uma verdadeira **“designer”**, **auxiliando todos**, sempre que possível. Não há configuração de documento, aumentar, diminuir, criar, que não faça. Com computador, impressora, vídeos, tesoura e cola nas mãos, **ela é a arte no ensinar e compartilhar**. Em 2021 tive a honra de poder partilhar **40h semanais com esta beleza de ser humano**. Troquei muito e experenciei. Por tudo isso, a **gratidão é grande e eterna**. Ela me enviou diversas fotos dos estudantes que atendeu recentemente:

Fotografias 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14 e 15



#### 4.1.13 - Dona Tecnologia



*Mas é claro que o sol vai voltar amanhã. Mais uma vez, eu sei. Escuridão já vi pior, de endoidecer gente sã. Espera que o sol já vem... Tem gente que não sabe amar. Tem gente enganando a gente. Mas eu sei que um dia a gente aprende. Se você quiser alguém em quem confiar. Confie em si mesmo. Quem acredita sempre alcança! ... Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena acreditar no sonho que se tem ou que seus planos nunca vão dar certo ou que você nunca vai ser alguém... Quem acredita sempre alcança! (Renato Russo e Flávio Venturini – Mais uma vez).*

#### Ilustração 1



Nunca lhe digam que não vale a pena acreditar, isso mesmo. Essa é Dona Tecnologia. Tive a benção e o prazer de conhecê-la em 2017, quando atuei como auxiliar de biblioteca e coordenadora do Coral Infanto-Juvenil na Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer do município onde moro. **Tímida**, aos poucos foi se entregando às minhas palhaçadas e **conquistando seu espaço como professora dos cursos de informática** oferecidos gratuitamente, bem como **atuando** nos mais **diversos segmentos** da repartição, incrementando e otimizando processos.

*“Atuo na educação com as mais diferentes idades, dos 5 aos 90 anos, da Pré-Escola ao Ensino Médio, **grupos para professores** em um município vizinho e professores da Educação Especial na cidade. Trabalho o Google Classroom, cursos de programas específicos com aulas EAD de Informática (ex.: word, excel) e para estudantes com deficiência (aulas virtuais e presenciais). Atendo também estudantes **PCD’s** (um virtual e um presencial), uma turma EAD de Curso Básico de Informática e em parceria com a **ACISA**. Os estudantes são de todas as redes do município e de fora destas. Os alunos ou a turma **chega com uma necessidade de buscar conhecimento** de algo que já deveriam saber anteriormente, principalmente os estudantes de ensino médio. A área da **informática/ tecnologia está vindo para ficar** e o tempo é inimigo de quem não sabe nada e **o mercado de trabalho irá cobrar** muito dessas pessoas. Tenho estudante, **um rapaz de 19 anos, cadeirante**, que não fala, não anda, e apenas move sua mão esquerda. Ele "balbucia" algumas pouquíssimas palavrinhas, mas **nos entendemos muito bem**. Rimos bastante nas tardes que estamos juntos. Ele digita, escreve, usa o mouse e desenha*

coisas lindas. Se expressa muito bem. **Nunca está cansado**. Tudo está bom para ele. Na última aula descobri que posso jogar o jogo da memória com ele. E é assim que **vamos indo, nos descobrindo e nos conhecendo**. A cada aula, uma descoberta do que ele pode fazer e do que pode me ensinar. **É dele a caricatura que trouxe para retratar com imagem do meu eu**.

Tenho **outra aluna** a A., de 21 anos, ela possui **deficiências múltiplas** e no momento da pandemia, foi atendida virtualmente. Fizemos ditados virtuais. Coisa que ainda não tínhamos feito antes quando era presencial. A. só digitava, digitava. Com o passar do tempo, **já faz aulas desde 2018 comigo, percebi outras necessidades, como localizar a página no livro e outras atividades tivemos de propor. O computador e o celular foram o que menos importavam**. Muitas vezes os alunos **só querem a nossa atenção**. Sei que precisamos separar certas coisas. Mas é difícil quando percebemos algumas situações. A. seguidamente me envia mensagens. No início foi difícil "cortar" ou "podar" e dizer horários e quando ou não podia enviar. Certas coisas ela não compreende. Quando eu percebi que não fazia mal algum, era só eu responder e "arquivar", estava tudo certo. Passou. Ela ficava bem e iríamos nos ver na próxima aula. **Ela agradecia tanto, por aquele carinho, por aquela atenção que escrevia assim:**

**"Obrigada por me responder"** (fala da discente).

Talvez não seja bem uma prática, mas sim uma **prática afetiva**. E certa vez pedi para que os alunos criassem uma **apresentação em PowerPoint**, tema livre, e falassem por alguns minutos para os colegas. **Depois das apresentações até prometi para mim mesma que não faria mais esse tipo de trabalho. Teve criança com tema depressivo, polêmico demais, coisas que eu não tinha preparo psicológico para atender**. Em compensação outro se **destacou** porque era muito **tímido**, mas escolheu seu **tema favorito de carros** e falou por vinte minutos, sem ler, **sabia tudo de carros de corrida, foi um espetáculo!** Então tem coisas que com certeza vão despertar o pior nos alunos, mas outras o melhor neles também. **Temos que correr este risco, infelizmente**. Essas experiências **me tornaram mais sensível**, uma profissional e ser humano melhor porque ficamos mais maduros e preparados para a vida. É isso que nos torna melhores, ou pelo menos talvez mais arredios para certas ocasiões, digamos assim. Mas **continuamos a ter fé**, a acreditar que tudo irá melhorar, que o amor e o bem sempre vencem e que **não há nada nem ninguém no mundo que fará eu mudar de ideia quanto a isso**. O bem sempre vence”.

Foi muito legal experienciar com essa docente. Desde o princípio **sempre pronta a trocar** e ensinar-me muito. **Coisas que eu nem imaginava dominar** e aprofundar nas “tecnologias” hoje se tornaram prática, qualidade e **otimização do trabalho** em sala, principalmente com os multiletramentos. Até hoje não consigo entender como ela se organiza

com mil coisas, **faz mil e um planejamentos diferenciados olhando cada estudante como único**. Tem sempre muitas ideias, se uma linguagem não dá, já tem outra em mãos. **Sabe a realidade de cada ser** que chega até ela e compreende suas emoções e necessidades num simples toque de olhar. Se preocupa com quem está com ela **desde o início até sua entrada no mercado de trabalho**, como fez com A. que contava tudo para ela, tudo mesmo. Acabaram confidentes, uma sintonia total.

Tive a honra de tê-la como **professora da minha primogênita iniciando seus contatos com a linguagem virtual e tecnológica**, e também de **minha mãe que aos 70 anos aprendeu a mexer com o computador**, digitando receitas, criando *e-mail* e *facebook*. Foi um **encanto, uma delicadeza**, cada uma vista como singular e respeitando sua bagagem. Era jogo, receita, música, lanche coletivo, pintura... de tudo um pouco e eu achando que era aula de informática (risos), mas era uma “supermultiaula”. E quando alguém chega na repartição em que trabalha é **referência** tanto em atender como em conhecer. Ela ajuda na pesquisa, no currículo, na procura de vagas, faz ligações com as escolas, com as professoras, enfim é quase “**multihiperfuncional**”. Acabamos com uma amizade sólida em que podemos contar uma com a outra, agradecidas a Deus por mais esta experiência de troca sensível.

#### 4.1.14 - Dona Faceira



Felicidade é viver na sua companhia. Felicidade é estar contigo todo dia. Felicidade é sentir o cheiro dessa flor Felicidade é saber que eu tenho seu amor. Felicidade é saber de verdade que a gente sente saudade... (Felicidade – Seu Jorge).

**Felicidade** é estar com essa docente, em qualquer lugar que esteja. Não há tempo ruim que dure COM ela. Sempre tem um sorriso no rosto, uma palavra **otimista** e uma **acolhida calorosa. Canta e sorri**. A sala de aula exala alegria, **diálogo e crianças** sempre muito motivadas.

*“Sou formada em Pedagogia e pós-graduada em Gestão Escolar, professora municipal concursada 40h nas séries iniciais do ensino fundamental, já fui vice-diretora e professora em EMEI. Atuo há 24 anos, tendo trabalhado com a Pré-Escola e 3º ano. Hoje estou professora do 4º ano, manhã e tarde. Moro no interior do município. Procuro atender cada um naquilo que precisa. Por serem **crianças com sérios problemas socioeconômicos gosto de envolver a turma com práticas reais da vida**. Faço um trabalho relacionado ao gerenciamento do dinheiro para que aprendam priorizar as necessidades e só gastar o que sobra com supérfluos.*

*Sempre realizando **debates**, inferências com a vida dos alunos e **diálogos** sobre os mais diversos assuntos e questionamentos dos mesmos. Recebo muitas vezes crianças com a **autoestima** muito baixa, que não realizavam quase nada das propostas, mas que com o passar do tempo, muita conversa, incentivos, explicações começam a se interessar nos estudos, obter sucesso e ficando felizes com isso. Passar por **experiências e sensações** me torna mais sensível porque todo o **aprendizado me faz refletir e me tornar mais empática**, estabelecendo um **vínculo** para uma aprendizagem de sucesso. **A alegria das crianças com as atividades me deixa feliz**”.*

Essa docente foi e é cativante. **As crianças são literalmente encantadas por ela**. Elas iniciam músicas ao ver a docente entrar em sala, como gritos de guerra. Elas amam. Ela vê o que ninguém vê naqueles seres, parecendo ter uma visão de “raio X”.

Demostrou **parceria total com as colegas**, sempre compartilhando atividades, propostas e ideias que deram certo com os seus. Propôs uma atividade com outras duas turmas em que iniciaram um jardim para embelezar a escola, que não possui gramado ou horta, mais propriamente o *hall* de entrada do segundo piso, onde atua. Foi uma **organização simples**, mas que **deu vida ao local**. Os estudantes da turma dela sempre estavam preocupados em regar as plantinhas.

Outro destaque que se pode perceber nos planejamentos e andamento das aulas é que **sabe especificamente em que nível de aprendizagem cada criança está**. Situa-se, fazendo testagens muito organizadas e ao encontro da linguagem singular dos educandos. Verifica tudo **minuciosamente**, orientando-os individualmente e tentando compreender o processo para saber como chegaram a tal resultado ou registro. Está sempre muito animada com a turma, sorrindo.

Durante a **pandemia deu show, realizando vídeos com aulas e diversas interações com as crianças**. Isso **chamou a atenção pois era uma das educadoras que menos tinha intimidade com a tecnologia e tirou de letra**, inovando com o oferecimento das mais diversas linguagens para que os estudantes pudessem de fato se apropriar dos conteúdos em um momento tão delicado.

Na **volta às aulas presenciais**, junto a outras duas educadoras, **coordenou uma proposta com música e dança que aconteceu até o final do ano quinzenalmente e culminou em uma belaapresentação de Natal**, filmada e registrada para ser visualizada pelos pais. Elaborou, com as colegas, uma proposta com teatro e música, envolvendo todos os mais de 200 estudantes da escola, nos turnos manhã e tarde.

Auxiliou-me muito no meu retorno como professora titular de turma em 2020, trocando ideias e significações com os estudantes, tanto na parte organizacional, metodológica, como

emocional. Foi e é maravilhoso conviver com as experiências dessa linda profissional. Ao entrar na sala as **crianças cantavam** “*Ela não anda, ela desfila, ela é top, capa de revista...*”<sup>23</sup> e ela entrava desfilando, com suas roupas tons sobre tons, tudo sempre combinando, com as **crianças eufóricas...** a aula começava feliz e até hoje é assim.

#### 4.1.15 - Pesquisadora Arteira

Ao definir-se, essa docente me presenteia com esta beleza:



*Nem toda palavra é aquilo que o dicionário diz. Nem todo pedaço de pedra se parece com tijolo ou com pedra de giz. Avião parece passarinho que não sabe bater asa. Passarinho voando longe, parece borboleta que fugiu de casa. Borboleta parece flor que o vento tirou pra dançar. Flor parece a gente, pois somos semente do que ainda virá. A gente parece formiga lá de cima do avião. O céu parece um chão de areia. Parece descanso pra minha oração. A nuvem parece fumaça. Tem gente que acha que ela é algodão. Algodão às vezes é doce. Mas às vezes é doce não. Sonho parece verdade. Quando a gente esquece de acordar. O dia parece metade. Quando a gente acorda e esquece de levantar. Hum, e o mundo é perfeito. E o mundo é perfeito. E o mundo é perfeito. Eu não pareço meu pai. Nem pareço com meu irmão. Sei que toda mãe é santa. Sei que incerteza traz inspiração. Tem beijo que parece mordida. Tem mordida que parece carinho. Tem carinho que parece briga. Briga que aparece pra trazer sorriso. Tem riso que parece choro. Tem choro que é pura alegria. Tem dia que parece noite. E a tristeza parece poesia. Tem motivo pra viver de novo. Tem o novo que quer ter motivo. Tem a sede que morre no seio. Nota que fermata quando desafino. Descobrir o verdadeiro sentido das coisas. É querer saber demais. Querer saber demais. Sonho parece verdade. Quando a gente esquece de acordar. O dia parece metade. Quando a gente acorda e esquece de levantar. Mas sonho parece verdade. Quando a gente esquece de acordar. E o dia parece metade. Quando a gente acorda e esquece de levantar. E o mundo é perfeito. Mas o mundo é perfeito. O mundo é perfeito (Sonho de uma Flauta – O Teatro Mágico).*

Pense num ser que parece **um anjo que caiu do céu**. Serena, calma e quando abre aquele sorriso, encanta por onde passa. Um **ser de tamanha inteligência**, competência e **delicadeza**.

*“Sou formada em Pedagogia. Estou finalizando uma segunda licenciatura em Artes Visuais e sou Mestranda em Educação. Trabalho como **oficineira de artes e bolsista no Mestrado**. Já fui monitora e estagiária. Atuo há 4 anos com crianças e adolescentes de 2 a 13 anos. Cada aluno que chega a mim é como **um pé de flor ou um conjunto de pés de flores que ao longo do tempo e em convivência desabrocham**. Atualmente estou sendo pesquisadora e artista, e, na escola estou **na função de educadora artista que me coloca num lugar sensível de escuta e ao mesmo tempo de trocas sensíveis para com as artes, especialmente plásticas**. E*

<sup>23</sup> Trecho da música de Leo Rodriguez e MC Bola <https://www.letras.mus.br/leo-rodriguez/ela-e-top/>



em sala trago a **realidade do estudante**, ofertando os mais diversos materiais que **deixam marcas no mundo para além dos tradicionais lápis e lápis de cor**, com o carvão vegetal, o giz pastel, a aquarela, entre outros. No lugar de estar-sendo **pesquisadora com etnias indígenas**, a vivência da pesquisa não pode estar à parte da vida, e, portanto, está imbricada também nas **ações educativas e no modo de pensar** a educação a partir da pesquisa. Quando realizei meu estágio da graduação em Pedagogia na Educação Infantil, no ano de 2019, vivenciei um **tema muito instigante** para as crianças da Pré-Escola: **Super-heróis** (fílmicos, dos gibis até os super-heróis da vida real). Os primeiros que surgiram foram os policiais, os bombeiros até darem-se conta, logo mais, de que também eles **poderiam ser super-heróis ao ajudarem ao outro**, esse outro, qualquer fosse, qualquer forma de vida, **da mais pequena formiga até mais alta árvore**. Finalizado o estágio, com o sentimento de dever cumprido me despedi dos educandos, mas sempre os encontrava nos corredores da escola. Alguns dias depois, abri o jornal da cidade para ler e **me deparei com uma reportagem "O brilho no olhar ao conhecer um herói de verdade"**. Estive contida de emoção, **a flor já tinha mostrado suas cores e perfumes mais lindos**. A reportagem trazia um menino, que fez parte da turma e quis conhecer os heróis de verdade, policiais da Brigada Militar do município. A reportagem não trazia **nada sobre o estágio** do qual ele participou, **mas eu sabia que vinha dali, sai feliz, ao mesmo tempo em que ficou ali, na alegria**. Passar por **experiências, sensações e outras vivências** me torna mais sensível, mais criativa, observadora, empática, uma profissional e ser humano melhor porque **uma coisa está ligada a outra**. **Se a experiência é o que lhe toca e transforma, ela pode ser positiva ou negativa, em ambos os casos ela provoca sensações e percepções que me movem e me tornam mais observadora**. Para mim, a esperança é felicidade. Saber que se **pode fazer a diferença ali onde se está**. Os estudantes não são o futuro, eles são o agora, **mas também serão o futuro**. Pensar que estar atrás de uma mesa de escritório e tantas outras coisas **poderia não fazer sentido para mim movendo-a a alguma mudança, mas também preservação daquilo que é bom no mundo**. E o que me deixa feliz é estar feliz com ela mesma, a vida. **Ter saúde, ter por perto quem amo, ter e permanecer com a fé**, basicamente isso, **não precisamos muito para o ato de ser feliz**. Acredito que minha prática e experiência facilitaram e ainda auxiliem na sala de aula, mas não pude trabalhar na pandemia. As oficinas na escola, foram as últimas atividades a retornarem a presencialidade e no momento virtual não ocorreram”.

Como colega dessa musa, tive a oportunidade e a **honra de experienciar plasticidade, sons, emoções, sensações, reflexões e visualizações**, enfim de tudo um pouco. Nosso mestrado fora praticamente todo virtual, devido à pandemia, e a **cada aula em sua companhia, uma**

**surpresa maravilhosa.** Eram vídeos, imagens, técnicas, culturas, pensamentos, registros e outros mais, com uma sensibilidade, criatividade e competência jamais vistas.

As práticas trazidas são algo maravilhoso. A **multiplicidade de linguagens** que oferece aos educandos, os mais diversos materiais e técnicas, além da **sensibilidade e generosidade** com que trata cada um que perpassa são uma marca. Sua **experiência com os indígenas traz uma riqueza, uma sutileza e um olhar para com a natureza** que nos cerca, uma **vida que brota, que “re-transforma” e nos leva para lembranças e sentimentos mais íntimos, cheios de amor e paz.** Uma verdadeira pesquisadora arteira com uma **presença de espírito iluminada.**

#### 4.1.16 - Encantadora de Bebês



*Ando devagar porque já tive pressa e levo esse sorriso porque já chorei demais. Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe, só levo a certeza de que muito pouco sei ou nada sei. Conhecer as manhas e as manhãs, o sabor das massas e das maçãs. É preciso amor pra poder pulsar. É preciso paz pra poder sorrir. É preciso a chuva para florir. Penso que cumprir a vida seja simplesmente compreender a marcha e ir tocando em frente. Como um velho boiadeiro levando a boiada, eu vou tocando os dias pela longa estrada, eu vou ... Todo mundo ama um dia, todo mundo chora, um dia a gente chega e no outro vai embora... Cada um de nós compõe a sua história e cada ser em sicarrega o dom de ser capaz e ser feliz... (Tocando Em Frente - Almir Sater / Renato Teixeira).*

É essa **tranquilidade** que a música transmite que essa docente nos traz com uma **doçura e cuidado incansáveis.**

*“Sou formada em Pedagogia e Mestranda em Educação, hoje diretora de EMEI. Atuei também como coordenadora pedagógica, professora de curso técnico e de Educação Infantil. Leciono há 18 anos. Por mim já passaram crianças de 0 a 3 anos, 4 e 5 anos e jovens de 16 a 24 anos. As crianças chegam até mim como novas descobertas, novos desafios. Atuando na gestão consigo ter uma **visão do todo da escola** e quando **surgem obstáculos procuro conversar e encontrar a solução para os conflitos.** Temos três **projetos** que envolvem a **realidade** dos pequenos: **sustentabilidade, consciência ecológica e amor ao próximo.** A cada ano a equipe toda reformula as propostas, **lançando novos desafios para as famílias e as crianças.** É surpreendente as ações que a cada ano vem como resposta aos desafios. Essas atividades são muito interessantes, tratam de **coisas simples** no dia a dia da escola e da família, mas que se **tornam gestos grandiosos e nobres.** Com efeito, **impacto significativo e sensível** que geram e carregam em si. Fiz um **projeto de reciclagem** em uma escola de periferia, 40 alunos, duas turmas de 4 e 5 anos em que as ações envolvidas foram coletas de materiais recicláveis em um córrego próximo, trabalhando a **conscientização de higiene e saúde.** Visitamos a casa das*

*crianças para que pudessem expor as ações que estavam sendo realizadas. As mães se organizaram em grupos de oficinas no intuito de transformar materiais recicláveis em uma fonte de renda e lazer. O projeto teve duração de dois semestres, recebendo premiação do município como segundo lugar na categoria Educação Infantil e Sustentabilidade. A cada situação nova ou vivência vamos nos transformando e olhamos para a situação com mais propriedade. A sensibilidade do olhar causa diferença na aprendizagem, pois quando confiamos na sua potência, a criança consegue confiar em si mesma. E quando percebo a felicidade delas em qualquer situação vivida, quando minha função tem reconhecimento, me invade o sentimento de dever cumprido. Fico muito feliz profissional e pessoalmente. Quando trabalhamos na educação, estamos trabalhando com o imprevisível todos os dias e isso nos ajuda a manter o planejamento e ao mesmo tempo podemos mudar tudo com confiança que dará certo”.*

Foi uma grandiosidade partilhar dessa **serenidade e exemplo na pesquisa**. O cuidado que essa docente tem **com a infância**, o olhar que tem com os bebês. Ela **dá voz a esses bebês** e a essas educadoras que com eles interagem. A Encantadora de Bebês, **os vê como seres sociais e leitores de mundo**. Encanta-se e nos encanta com a criança em espaço social, cultural e que traz uma bagagem em si. Afirmando que essa bagagem merece respeito e atenção.

Além disso é um ser humano que nos coloca **sempre em alto astral** e faz a gente ver que os problemas que enfrentamos são tão pequenos frente ao sofrimento do mundo, do outro. Obrigada.

#### **4.1.17 - Dona Movimento, Mãe Possibilidades e Senhora Ciências**

Como já relatei, com algumas docentes foi possível estar mais perto, podendo tecer mais sensivelmente detalhes de suas experiências, de propostas com os multiletramentos em sala e até mesmo contar mais histórias. Com outras nem tanto, mas não fez delas e de suas práticas menos importantes. Trago aqui as últimas três docentes inspiradoras.

Começamos como **Dona Movimento** que dá aulas de Educação Física e Artes.

Formada e concursada em Educação Física, já trabalhou em diversas instituições e esteve diretora de EMEL. Anda sempre com uma **bolsa gigante xadrez**, amarela com vermelho, que mais parece uma **caixa mágica**, pois o que você imaginar, lá terá.

No seu dia a dia é a **professora mais adorada e esperada por todos os estudantes**. Ela inicia suas aulas com uma **história**. Para isso, traz os mais diversos títulos, desde clássicos, histórias com ensinamentos, histórias com gravuras em que as crianças criam o enredo e outras

para prazer e **diversão**. A contação sempre termina com **diálogos, músicas ou brincadeiras**.

Depois chega a hora das obras de **arte**. As crianças **recortam, pintam, desenham, criam, rasgam, colam e exploram** os mais diferentes materiais e técnicas. Os olhinhos e mãozinhas ficam atentos a cada detalhe para darem o seu melhor, aprimorando suas **linguagens táteis e visuais**. Enquanto realizam as atividades, **desenvolvem narrativas** sobre o que acontece no dia a dia com os colegas. Muitas vezes surgem histórias sobre conflitos, e nesse momento a professora intervém trazendo para que **grupo todo debata e proponha soluções**.

A hora de **movimentar-se**, é chegada, que **alegria!** São brincadeiras, interações com materiais, jogos de cooperação, jogos com regras, entre outros e o que mais chama a atenção nessa etapa da aula é a **inclusão** dos estudantes com deficiência, pois eles são acolhidos com tamanho carinho, tanto pela professora, quanto pelos colegas. Mesmo sem compreender algumas regras das propostas ou incapacitados, de certa forma, fisicamente, a professora **inventa ou explora algo** que consigam acompanhar e os colegas sempre estão prontos a auxiliá-los ou conduzi-los, seguindo o **sensível exemplo** de Dona Movimento.

Quando o dia está chuvoso, também é dia de arte musical e massa de modelar. Compartilham diversas músicas que desenvolvem a concentração, o brincar, o movimentar-se e a atenção. **Não há um estudante que não esteja envolvido e feliz**. Além do repertório trazido por ela, há um **repertório escolhido por eles próprios**.

E massa de modelar? Há momentos em que ela dá vida às histórias narradas com tantos detalhes e veracidade. O **tridimensional ganha vida própria**, empanturram a professora com muitos pratos de *MasterChefs* desde o mais simples ao mais exóticos que não sei se eu comeria. Mas esse cuidado com a professora e a preocupação em presentear, demonstram o quanto a exploração de uma **diversidade de linguagens desoculta possibilidades** de outras linguagens e assim um **conhecimento multiletrado**, desprendido do comum e **carregado de significações e sentimentos expressos**. Evidenciando e referendando que o **multiletrar-se não é somente o conhecer a letra** e sim tudo que envolver o ler o mundo, o ver o outro.

Na sala da **Mãe Possibilidades**, você entra em um **universo mágico da alfabetização**. Cada cartaz, jogo de mesa ou virtual, cada vídeo, cada música, cada letra exposta com alguma associação tem um significado e o mais emocionante é que cada criança os compreende e explica para quem na sala adentrar, seja o colorido das vogais ou os símbolos colocados no caderno, um a um, para se organizarem.

**Ela usa a escrita, o oral, o visual, o tátil, o sonoro, tudo o que for possível para que todos possam aprender**. Formada em Pedagogia, pós-graduada em Educação Especial, tem uma vasta caminhada como profissional AEE. Hoje atua como professora do 1º ano, manhã e

tarde. A **sensibilidade desse acolher** adquirido com os anos de experiência a multiletraram para a vida e para o sucesso com as crianças. Quem dera eu ser um pouquinho Mãe Possibilidades. Foram muitas vezes que passei pela sala e lá estava ela lado a lado **com algum pequenino descobridor da leitura de mundo, mas que precisava de alguma atenção e do seu olhar sensível e individual**. Em outro momento, presenciei uma **farra no formigueiro**, com ela contando a história “*Farra no Formigueiro*” de Liliana e Michele Iacocca, sem o livro, somente falando a narrativa e terminando em uma **grande cantoria, dança e até trenzinho pela sala**. Que euforia! É difícil descrever a alegria das crianças aqui no papel, os rodopios que davam com a professora, mas é possível imaginar, **sorrisos e risadas**. Com a música, ela também se **utiliza de muitos vídeos** do computador da sala projetados no televisor. Eles vão fazendo suas **atividades cantando, soletrando e oralizando** com os colegas. **Não há obstáculos** para a Mãe das Possibilidades e sim desafios com propósitos a serem alcançados, **o que ela não tem, ela pesquisa, ela cria, ela adapta, ela inventa e se reinventa**. Outro fato que presenciei foi o momento de **leitura** em que eles usam uma **mãozinha colorida** sobre as palavras, eles adoravam. E o estudante autista também. Que momento! Ele lendo com a mãozinha e no livro das músicas com os dedinhos acompanhando cada parte. Tudo fruto desse **potencial sensível acolhedor e multiletrado**.

E para terminar, a **Senhora Ciências** que nos leva ao universo das **ciências e das receitas**. Também alfabetizadora, formada em Pedagogia, já atuou na rede particular da cidade onde mora por muitos anos. Foi diretora em uma escola do interior, atuou nas mais diversas faixas etárias e como professora de hora-atividade, hoje está a ocupar cargo de gestão novamente. Em sala, **trazia mil e uma ideias** para que os **olhinhos das crianças possam brilhar e se encantar**.

Pude acompanhar o **envolvimento** das crianças no dia em que viraram **produtores de seus próprios sanduíches** com direito até mesmo à **toalha xadrez** de piquenique e **touquinhas higiênicas**, verdadeiros cozinheiros. A **felicidade em fazer aquele sanduíche** e se apropriar de cada letra, palavra e significado da história “*O sanduíche da Maricota*” de Avelino Guedes, tudo parecia estar sendo desvelado naquele simples, mas grandioso instante. Além de ouvir a história, tinham estudado **cada palavra e significado** por muitos dias.

E é então que a professora me conta outras duas atividades que fez com uma turma mais antiga, em que ainda era possível fazer **interações com os seres vivos em sala**. Hoje, legalmente, não se pode mais. Em um primeiro momento ela **coletou girinos de rã touro** e os educandos **acompanharam** todo o **processo de transformação**. Diz ela que quando as patinhas surgiram e a cauda começou a encolher, as crianças não cabiam em si, tamanha era a

**mágica para elas.**

Em um segundo momento, coletou o **casulo de uma borboleta**. As crianças estudaram toda a **metamorfose**, mas puderam acompanhar ela literalmente. Por obra de alguém muito maior que nós, foram presenteados belamente pelo **renascer daquele ser vivo** em forma de borboleta **durante uma das aulas**. Imaginem a **alegria!**

E tudo isso só fora possível pelo **olhar sensível, multiletrado** com a experiência da educadora que ao contar esses fatos, trazia em seus olhos o **brilho por ensinar**, mas também **aprender e trocar**.

E com este último relato, me despeço com grande carinho, dessas histórias, dessas experiências, dessas mulheres docentes inspiradoras que tive a honra e o prazer de sedimentar, enaltecer e compartilhar em minha pesquisa.

Agora trago, os seres encantados, os estudantes...

#### **4.2- Os Discentes - rodas de conversa no chão da sala de aula**



*Toda criança quer, toda criança quer crescer. Toda criança quer ser um adulto. E todo adulto quer. E todo adulto quer crescer para vencer e ter acesso ao mundo. E todo mundo quer. E todo mundo quer saber: de onde vem, pra onde vai, como é que entra, como é que sai, por que é que sobe, por que é que cai, pois todo mundo quer...*  
(Toda Criança Quer - Palavra Cantada).

Todo mundo quer saber e eu também queria. Dizia um de meus avaliadores, que as crianças precisavam estar na pesquisa. Não era possível falar do sensível, somente citando-as, elas precisavam de voz, de escuta. Isso mexeu comigo e mesmo correndo contra o tempo, em fim de pesquisa, tentei o desafio, trazer o olhar do discente à pesquisa, de forma simples, mas concreta e sensível. Um olhar específico para COM os multiletramentos. O olhar sensível COM elas era presença, mas não na escrita esmiuçada desse papel. Já existiam falas dos discentes nas histórias de Dona Descoberta e Dona Artista dentro de suas práticas, mas o relato COM o tema, em questão trago aqui. Afinal, “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História” (FREIRE, 1999, p. 154). Mostrar e enaltecer o querer, o pensar, o fazer e o sentir das crianças foi mais um alinhavo da pesquisa. Uma textura aveludada e de cor brilhante envolvida na tecitura da colcha. Assim:

Quero voltar para as crianças. A razão? Por elas mesmas. É bom estar com elas. Crianças têm um olhar encantado. ... é fácil lidar com as crianças. Os olhos delas se encantam com tudo: as formas das sementes, as plantas, as flores, os bichos, os riachinhos. Tudo, para elas, é motivo de assombro. ... Por isso quero ensinar as

crianças. Ensiná-las para que elas se encantem com o mundo. Seus olhos são dotados daquela qualidade que, para os gregos, era o início do pensamento: a capacidade de se assombrar diante do banal. Tudo é espantoso: um ovo, uma minhoca, um ninho de guaxinim, uma concha de caramujo, o voo dos urubus, o zinir das cigarras, o coaxar dos sapos, os pulos dos gafanhotos, uma pipa no céu, um pião na terra. ... nasce o espanto diante da vida; desse espanto, a curiosidade; da curiosidade, a “fuçação” (essa palavra não está no Aurélio!) chamada pesquisa; dessa “fuçação”, o conhecimento; e do conhecimento, a alegria! (ALVES, 2010, p. 28 e 29).

#### **4.2.1 – Quem são esses discentes?**

Crianças entre 10 e 12 anos, de uma EMEF da periferia da cidade onde moro. Quase que a totalidade são de famílias de renda baixa. Dentre esses estudantes, nenhum possuía deficiências físicas ou mentais, somente defasagem leves, moderadas ou graves no ensino e aprendizagem.

#### **4.2.2 – Como se deram os encontros e conversas?**

Por meio de rodas de conversa, conversas individuais e diálogos em atividades propostas.

Primeiramente expliquei para eles sobre minha pesquisa e o que era um Mestrado. Depois disse que iríamos realizar conversas, com perguntas e que eles também poderiam sempre perguntar ou fazer colocações nesses momentos, como fazíamos nas aulas.

Destaco com negrito as partes que achei especiais e organizei COM eles como faríamos a partir dali. Nossas conversas foram organizadas em quatro momentos que veremos a seguir.

Ao final dos registros, dos momentos e da pesquisa findada, compartilhei em leitura as falas e a importância da presença deles na dissertação.

A felicidade deles ao ouvir e reconhecer suas falas é algo que não posso dimensionar aqui no papel, mas que posso dizer que foi lindo.

#### **4.2.3 – 1º Momento**

Penso que a criança é um ser sedento por novidades, descobertas, sempre pronto a pesquisar e indagar. Em sala, muitas vezes trago textos para diversas atividades e nestes encontramos palavras que eles desconhecem ou não sabem seu real significado. Proponho que pensem sobre a palavra, na sua composição/formação, elaborem hipóteses, coloquem para o grupo e ao final então pesquisamos no dicionário ou na *internet* o significado e fazemos relações com o

cotidiano. Eles adoram. Principalmente, a pesquisa no dicionário e compartilhar com os colegas, o fazer junto. Então nesse primeiro momento decidi lançar a palavra “multiletramentos”, questionei se já tinham ouvido falar em **multiletramentos**? Se sabiam o que era? A maioria não sabia do que se tratava, mas um dos estudantes começou a dizer:

*“Será que pode estar falando de **letras** professora? É que a senhora, quando explica palavras que não sabemos ou palavras que achamos esquisitas, antes de pesquisarmos na internet ou no dicionário, sempre diz para **pensarmos nas partes que formam a palavra**, daí pensei, multi... não sei, mas, **letramentos podiam ser de letra**”* – explica o Ser Encantado E”.

Após a conversa expliquei a eles do que se tratava a palavra e o Ser Encantado A finalizou: *“São as nossas aulas, a gente faz isso de multiletramento”*. Assim, eu:

Me sinto seguro porque não há razão para me envergonhar por desconhecer algo. Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas (FREIRE, 1999, p. 153).

#### 4.2.4 – 2º Momento

Em um segundo momento perguntei sobre o que achavam das **aulas** dadas em que se utilizavam os mais **diferentes recursos** (vídeos, desenhos, músicas, atividades tridimensionais, histórias, pesquisas, trabalhos em grupo, leituras, produções textuais, desafios, rodas de conversa, situações da família, de suas culturas e religiões, entre outros)?

*“Eu acho muito legal porque se não entendo de um jeito eu consigo entender de outro”* – diz o Ser Encantado A.

*“Sim, porque a gente **entende de uma maneira divertida**”* – coloca o Ser Encantado A2.

*“Sim, porque eu **gosto de perguntar** e aí posso **perguntar e entender**”* – segue dizendo o Ser Encantado J.

*“Dessa forma **consigo raciocinar melhor**”* – complementa o Ser Encantado M.

*“Sim, eu gosto bastante porque é **mais interativo e divertido**”* – continua o Ser Encantado M2.

*“Sim, eu gosto porque sempre consigo **aprender, perguntar e contar coisas**”* – Ser Encantado L.



Segundo Rojo (2013), a dinâmica dos multiletramentos traz ao professor o exercício de abertura diária aos novos modos de aprender a ser e conviver nos espaços da escola, especialmente nos da sala de aula.

#### 4.2.5 – 3º Momento

No terceiro momento solicitei que descrevessem ou citassem as atividades ou **disciplinas que mais gostavam e o porquê:**

*“Gosto muito de **Ciências**, pois do jeito que a **profe explica, a gente entende melhor**”*

– Ser Encantado A.

*“**Brincadeiras** para a gente se **divertir e Língua Portuguesa** porque a profe conta muitas **histórias**”* – Ser Encantado W.

*“A **profe é engraçada**, corrige até a gente aprender. Ela **trata todos igual** e todas as **aulas são divertidas**”* – Ser Encantado A2.

*“**Ciências** porque **sou muito curioso** com as coisas que a natureza tem a oferecer e **Matemática** porque vai me ajudar na **profissão** que escolhi que é **arquiteto**”* – diz Ser Encantado E.

*“Eu gosto de **Matemática** porque **faz a gente pensar**, de **Ciências** porque gosto de **estudar sobre o corpo humano** e de **História** porque **aprendemos coisas do passado**”* – Ser Encantado J.

*“Eu gosto mais de **História** porque entendemos mais **a origem das coisas**, os nomes de escritas diferentes e posso saber de **culturas diferentes e antigas**”* – Ser Encantado M.

*“**Língua Portuguesa** porque **a profe deixa a gente ler muito** e eu adoro. **Ciências** porque estamos **escrevendo nossos projetos** e trabalhamos em **grupos** e **Música** porque é muito legal cantar, **se divertir, pensar e se inspirar**”* – diz o Ser Encantado L., emocionando e encantando com sua fala.

*“**Geografia**, pois a gente **aprende sobre e o mundo** e faz trabalhos de **pesquisa** em grupos. **Língua Portuguesa** também, porque a gente aprende **novas palavras**, a **ler melhor** e a profe traz várias **coisas divertidas** para a gente fazer e aprender ao mesmo tempo”* – coloca Ser Encantado A3 com muita alegria.

*“Gosto muito das aulas de **Língua Portuguesa, Ciências e de Artes**, pois são muitos **divertidas e legais**”* – diz Ser Encantado M2.

*“Eu gosto das aulas de **Ciências** porque a gente está fazendo um **trabalho muito legal**. **Matemática** porque trabalhamos com **números** que eu amo e **Língua Portuguesa** porque **leio**”*

*“muito mal e também não entendo as pontuações e com as aulas estou melhorando”* – Ser Encantado I.

*“Eu gosto de **Matemática** porque a gente **corrige todas as coisas juntos** e assim vou aprendendo”* – diz Ser Encantado E.

Ouvir e ler o que o trabalho COM os multiletramentos nos deixa a colher na sementeira do sensível e do diverso só me deixa mais feliz e na certeza de que essas práticas cada vez mais devem ser compartilhadas e enaltecidas. Para Cope e Kalantzis (2000), a grande motivação do agir humano nesse contexto se atrela a uma enorme variedade de comunicação disponível, tornando o convívio humano um exercício constante de interação linguística e cultural. Os multiletramentos se apoiam na valorização dos saberes humanos construídos pela cognição, afetividade, relações culturais e sociais nos mais diversos territórios de aprendizagem. Os modos de atuação dos multiletramentos se estruturam por meio da multimodalidade, multiculturalidade e da multimídia, enriquecendo assim as aproximações sobre a compreensão do mundo em formação.

#### 4.2.6 – 4º Momento

E no último momento, conversamos sobre a **acolhida** a todos, a **sensibilidade** com as mesmas **oportunidades e possibilidades**.

Quase que por unanimidade eles responderam que as aulas conseguem incluir e sensibilizar a todos, citando como exemplo um colega que não lê e não escreve, mas acompanha a maior parte das aulas, sem ajuda. Ainda colocaram que procuram sempre incluir ele em todas as atividades, junto com a professora, ajudando nas propostas e elogiando. Em uma das aulas, o educando citado que, aos poucos, está se alfabetizando, produziu algumas frases, enquanto seus colegas produziam um texto/história. Ao final, cada um leu sua produção, inclusive o menino. Ao final da leitura, todos o aplaudiram e ele com um sorriso de orelha a orelha, agradeceu a todos. Assim, lembrei-me de que, segundo Freire (1989), minha abertura ao querer bem significa a minha disponibilidade à alegria de viver porque ensinar inexistente sem aprender e vice-versa. Todos sabemos alguma coisa e aprendemos sempre, movendo-nos na boniteza e na alegria como educadores e como gente. Ensinando a criar possibilidades para que os educandos produzam sua própria construção, não um simples achado, mas toda a alegria desse processo maravilhoso.

Agradeço imensamente por mais essa maravilhosa experiência tecida, a conversa e a escuta foram grandiosas, gratificantes e revigorantes. Ainda compartilhei com as outras

docentes de como precisamos de momentos assim COM eles. Ouvir que se é engraçado, que se tenta e tenta até que consigam, que se possibilita a pesquisa, o perguntar, o incluir e tantas outras coisas, mas que, às vezes, passam despercebidas na correria do dia a dia. Como já disse, embasada COM quem converso, é urgente PARAR para a educação sensível acontecer, ouvir, olhar, pensar, acolher, experienciar a vida. Sigamos ao último alinhavo.

## 5 - AS DESCOBERTAS POR ENTRE AS TECITURAS, COSTURAS, TEXTURAS, ESTAMPAS E OS ALINHAVOS NA COLCHA TECIDA

Viver é rasgar-se e remendar-se (ROSA<sup>24</sup>).

Entre viver, rasgar e remendar-me, o final, chega. Talvez não como final, mas como tecitura pronta para ser redesenhada, criar novas formas, linhas, texturas, desenhos e costuras.

Foi difícil? Fácil é que não foi. Mas posso dizer que foi feliz e realizador.

Uma verdadeira colcha tecida que mais parecia um quebra-cabeça de mil peças sem formas, tons e cores definidas (cores e formas em um quebra-cabeça gigante facilitam e norteiam quem o monta).

Uma travessia perigosa, mas que deliciosamente adorei estar fazendo e sensivelmente multiletrar e experienciar. Realizando encontros sensíveis de almas e corações, busquei compreender a temática de minha pesquisa, escrevendo a dissertação e, assim, deixando emergir uma compreensão de mim e COM o outro.



*... Desde o dia em que ao mundo chegamos, caminhamos ao rumo do sol. Há mais coisas pra ver, mais que a imaginação, muito mais pro tempo permitir. E são tantos caminhos pra se seguir e lugares pra se descobrir. E o sol a girar sob o azul deste céu, nos mantém neste rio a fluir. É o ciclo sem fim que nos guiará à dor e emoção, pela fé e o amor! Até encontrar o nosso caminho, neste ciclo, neste ciclo sem fim! (Ciclo sem fim – Rei Leão, de Elton John/Time Rice/ Eliana Estevao/ Alfredo Marco).*

Foram e são tantos caminhos ainda a se seguir e lugares para se desocultar em um ciclo de vida como um rio a fluir. Um ciclo tecido, alinhavado e costurado com o vivido, o sentido, o emocionado, o sensível, o sensibilizado e o multiletrar-se. Um ciclo de volta ao nascimento, ao biológico, à infância, ao inconsciente do que sonhamos, isso e muitos mais. Digo que o assombro do início se transformou na beleza da descoberta, na boniteza dos encontros, do dever cumprido com leveza.

Uma metamorfose, o compartilhar com docentes e discentes, literalmente ambulante. Aprendi a ouvir mais e a observar. Saber quando calar. Aprendi a “qualificar a vida” em cada momento. Hillman (2010) fala da atenção para as qualidades das coisas como uma atividade primária da alma. A capacidade de formar noções verdadeiras das coisas a partir de observações atentas. É dessa observação que depende o conhecimento e a melhora da qualidade. E essa qualidade depende da restauração de uma linguagem que preste atenção às, redundantemente,

<sup>24</sup> Guimarães Rosa. <https://www.recantodasletras.com.br/sonetos/5419746>. Acesso em 02/01/22.

qualidades da vida. Essas qualidades da vida neste ciclo me fizeram e fazem compreender mais e observar a alma do mundo.

Para isso foi preciso pôr em ação uma sensibilidade generosa, que não se chocasse ou se espantasse com nada, mas que fosse capaz de compreender o crescimento específico e a vitalidade própria de cada coisa com um saber que integrasse o caos ou, pelo menos, concedesse a este o lugar que lhe é próprio. Foi necessário dar lugar à incerteza, ao imprevisível, à desordem, mesmo sendo estes, quem são, não menos humanos e sim, em graus diversos, e que atravessam as histórias individuais, coletivas e são parte do ato de conhecimento, segundo Maffesoli (1998).

Dei lugar a tudo isso. Tentei compreender e observar a alma do mundo COM o tema “Multiletramentos: experiências na tecitura da educação sensível”.

Fui me multiletrando em experiências e tecendo sensivelmente minha pesquisa, escrevendo a dissertação em forma de história, prazer e versos. Me permiti devanear com o estudar e explorar possibilidades de uma práxis complexa de acolhimento e educação sensível. Na sala de aula, enalteci e continuo a enaltecer histórias e encontros com docentes e discentes na sinestésica Pedagogia dos Multiletramentos em que as diversas linguagens se entrelaçam e muitos sentidos dão-se as mãos rumo ao ensino e à aprendizagem.

Estudando e explorando essas possibilidades evidenciei a práxis desse acolhimento docente em uma educação sensível com cada delicadeza dos relatos e mostrando um olhar único para COM o discente na reciprocidade de um olhar feliz e leve.

Defendo que é fundamental um olhar mais amplo sobre o que trabalhamos em sala e como o fazemos. Acredito ser isso possível com os multiletramentos na experiência da tecitura de uma educação sensível e singular.

Logo que iniciei a busca bibliográfica acerca do tema, aos poucos, as leituras foram compondo uma tecitura alinhavada e delicada, com referências para as interpretações das docentes e discentes, de minhas experiências nos estudos de caso e de registro de possibilidades. Essas leituras foram complementadas com os questionários às docentes e aos discentes, observações do dia a dia na sala de aula e minhas interpretações das histórias de vida compostas a partir das trocas, de forma qualitativa.

A compreensão dos termos, palavras e estudos trouxe Larrosa e a imersão na experiência. Arenhaldt, Dorneles, Maffesoli e Maturana me expuseram ao sensível na pesquisa e em vida. Rojo, o Grupo de Nova Londres (Cadzen, Cope e Kalantzis) e Freire, me trouxeram o mundo dos multiletramentos e a sinestesia da pedagogia que emerge deles. Novamente com Freire e Henz, busquei o enaltecimento de uma educação humanizadora com o exercício da

cidadania e a leitura de mundo. E com Alves e Barros, claro, devaneei o poetizar, o brincar com as palavras e a escrita.

Os multiletramentos são novas formas de linguagem que aparecem e continuarão a surgir. Múltiplas linguagens, culturas, variados letramentos e maneiras de interagir. São a oralidade, a escrita, o visual, o tátil, a plasticidade, a textura, o espacial, o gestual, o sonoro, o psicológico, o emocional, o digital, o tecnológico, enfim uma tecitura sinestésica perfeita na criação de significados em ambientes de ensino e aprendizagem multiculturais, multilinguísticos e multimidiáticos. Uma pedagogia sinestésica em que os multiletramentos entrecruzados buscam uma concepção mais ampla de letramento do que a descrita nas abordagens tradicionais da escola. Essa abordagem possibilita aos estudantes alcançar o acesso às linguagens interculturais, favorecendo a criticidade, projetando uma convivência social desejável, ou seja, ampla participação na vida pública, econômica e comunitária. Um trabalho com habilidades metacognitivas e metalinguísticas.

De forma visual, verbal, linguística, sonora, gestual, espacial e cultural, a construção de sentido com os *designs*, traz o processo como um todo e permite a visualização de multimodalidades e as interfaces multiculturais. Os *designs* podem ser *available designs* (construções de sentido ao nosso redor, reconhecendo a própria realidade), *designing* (analisar e interpretar os designs disponíveis, a realidade em uma dinâmica de produção e construção dos sentidos) e *redesign* (produzir e ressignificar o *design*, adaptando e reconstruindo para o contexto).

Criamos cada parte da aquisição de nosso conhecimento em experiência de forma singular e assim, incorporamos significados a tudo, muitas vezes e na maioria delas, sensivelmente. *Designers* ativos de sentidos, que somos, na pedagogia em questão, nos abrimos aos sentidos do processo de aprender considerando diferentes culturas e contextos, com efeitos sociais, culturais e até mesmo emocionais.

Sinestésica e fundamentada em quatro movimentos, a Pedagogia dos Multiletramentos se relaciona aos *designs*. A Prática Situada se dá em experiências significativas com conteúdos que fazem o educando pensar em como os utilizar em possíveis situações práticas. A Instrução Explícita é um trabalho colaborativo, entre educador e educando, de estudo, de análise, de didática e de fundamentação. No Enquadramento Crítico, o educador continua o auxílio aos educandos no desenhar de seu conhecimento crítico, ideológico, político e social em um momento analítico e significativo e de maior complexidade. Na Prática Transformada há uma reflexão, uma ressignificação e uma retomada daquilo que foi compreendido. Como já explicado, todos os movimentos são complementares, podem cruzar-se durante qualquer

momento do processo de ensino e é muito importante dizer que não há ordem sugerida ou a ser seguida.

A relação desses movimentos didáticos com os *designs* é a contextualização e ativação do conhecimento e realidade, na prática situada e enquadramento crítico, os *designs* disponíveis. Na análise e interpretação dos *designs* temos a instrução explícita e o enquadramento crítico, o *designing*. Para finalizar, o planejamento e produção de novos *designs* fazem relação com a prática transformada e o enquadramento crítico, *redesigning*.

O processo todo é de criação de sentidos e significados. O trabalho pedagógico é dialógico, crítico, baseado em fatos vividos e experiências dos estudantes construindo sentidos e significados em diferentes ambientes, linguagens e contextos diversos sociais ou culturais. Relacionam-se, portanto, ensino e aprendizagem, em potência construção e circulação de sentidos na participação social. O indivíduo com suas particularidades, características e identidades no processo de ensino e aprendizagem, é protagonista nessa construção/invenção dos seus modos de ler, interpretar, comunicar o mundo com o seu vivido e suas experiências. Protagonismo que experiencia o conhecido ou o novo; conceitualiza, nomeia, teoriza; analisa funcionalmente e criticamente e aplica com propriedade ou criatividade em uma relação coexistencial de duas ou mais modalidades de comunicação e outros modos de dizer o mundo se coadunam nessa ação de aprender.

*Designs* desse caminho e processo benéfico, docentes e discentes, na diversidade cultural e linguística tornam-se multiletrados e sensíveis na capacidade de refletir criticamente a respeito dos sistemas complexos e preparados para atuarem nas interações que deles surgem. Sempre sendo possível redesenhar-se, reconstituir-se e desocultar-se.

Como Paulo Freire na educação emancipadora, libertadora, desafiadora, transformadora e problematizadora. Uma educação que respeita a identidade, percebe e acolhe o que o educando em comunidade tem. O respeito COM, pelo outro, por sua cultura e sua linguagem. A ação de aprender torna-se um ler o mundo que vai além da palavra escrita, uma experiência significativa dos mais diversos pensamentos. Torna-se uma percepção e compreensão da realidade na força de transformação do mundo através da consciência e reflexão sobre a prática. Encontram-se possibilidades do perguntar e do pesquisar. Um incentivo sensível a criatividade, permitindo novas habilidades e sensações no experimentar, conceitualizar e analisar, não necessariamente nessa ordem.

Nós cidadãos circulamos por diferentes espaços. Dessa circulação surgem maneiras de interagir, flexibilizações culturais e de linguagem. Os multiletramentos acabam preparando os educandos para transitarem por esses espaços, para a vida social, profissional, o exercício da

cidadania e a ampliação da utilização das novas tecnologias na aprendizagem.

A experiência social e cultural pode ser e é muito mais ampla com os multiletramentos. A pedagogia da sinestesia, que deles emerge, dá sentido ao sem-sentido, considerando que nada está fora de nós e vai conosco onde formos. Assim, o ensino e a aprendizagem são constantes e sem lugar definido. Por isso a importância dada ao que presenciei com as docentes inspiradoras e seus seres encantados, indo além da escola, do conteúdo, do tradicional. Buscando mais no ser e fazer mais com quem se está e se vive.

Os multiletramentos, a experiência e o sensível carregam consigo um leque imenso de possibilidades nos concedendo esse pensar de forma menos tradicional e mais ampla, seja pelo olhar, ouvir, sentir, ler, entender, cheirar, desenhar, pesquisar, relacionar-se, postar, curtir ou digitalizar. Um viver o hoje com mais intensidade, mas mais devagar, um cultivo à arte de encontrar, um calar e dar-se tempo. Um olhar de aranha, pescoço de coruja ou olhos telescópicos do coração e da alma.

Minha dissertação trata de multiletramentos, não somente digitais, mas em forma de diversas linguagens, experienciando em linguagem, projetando-se no mundo COM o outro e compondo o seu mundo único e sensível.

Como já disse, desde que iniciei meu caminho com a educação, sempre estive tentando contemplar todos, acolher, incluir e me desafiar, explorando as mais diversas linguagens. As minhas experiências sentidas é que me permitiram este leque de possibilidades nesse acolher, ensinar e aprender.

Estudei e explorei as possibilidades de uma práxis complexa de acolhimento e educação sensível na sala de aula com os multiletramentos e com a sinestesia de sua pedagogia. Nos encontros com as docentes e discentes inspiradores os relatos foram significantes e cativantes.

Com o estudante autista do 2º ano, Dona Artista relacionou coisas que ele gostava. Mergulhados nas histórias, entre uma invasão a Terra e ataques alienígenas, o menino aprendeu a ler e a calcular. A delicadeza com o sentimento familiar foi evidenciada, ganhando o coração da mãe e transpondo barreiras religiosas com a certeza afirmada na fala da criança dizendo da confiança na docente.

Observei, senti consciente e inconscientemente um novo olhar para COM o outro e COM a experiência. Trabalhar com experiências vividas é mexer com lembranças sentidas, alegres, tristes ou frustrantes, decepções e desejos velados ou ocultos. A escrita da dissertação foi além dos multiletramentos. O acolhimento sensível foi além do discente. A práxis complexa envolveu todos os sujeitos do processo sensível educativo, pois as docentes também precisaram ser acolhidas, vistas com os olhos do coração, com amor.



Dona Artista afirmou ficar mais sensível e crente de que o amor é capaz de romper barreiras e que o mundo se tornou um lugar cruel para pessoas sensíveis. Perseguida, taxada de “mole” e ferida, ela agradece por todas as experiências vivenciadas, até mesmo pelas pessoas más que a transformaram.

E como foi importante perceber que é essencial acolher o docente que está com esse discente. Perceber que os multiletramentos possibilitam esse acolhimento de forma sensível, simples e com a intencionalidade do pertencimento. E que o amor... Ah, o amor, se não fosse ele o princípio presente e atuante em cada um dos envolvidos nessa pesquisa, ela não existiria como fundamental e singular.

O amor transforma. E ao se falar dele, de emoção, lembro do outro e no outro a linguagem, os multiletramentos, a sinestesia, a troca e o transpor obstáculos. No outro, o “estar junto”, a interação COM, relações de carinho, afeto, aceitação e acolhimento. No emocionar multiletrando em sala de aula, definimos ações extremamente poderosas que motivam no processo da caminhada ao conhecimento. Que maravilhoso estar em linguagem, estar se multiletrando e poder acolher essa docente e reciprocamente também ser acolhida, partilhar de suas memórias. É no processo do estar junto que constituímos nossas experiências.

Um ser humano que cresce se respeitando e ao outro, COM o outro, cooperando, acolhendo e amando, é capaz de aprender tudo que almejar. E a natureza humana diz que o ambiente nos ensina tanto a amar, como a odiar, consolidando o que eu já coloquei, que só damos o que recebemos, só multiplicamos o que experienciamos, seja bom ou ruim. Vimos isso explicitamente nas memórias da práxis exposta, sensível e de significativas interações de Dona Artista em seus diálogos.

Ela emociona e comove ao trazer o garoto do 4º ano. Ele que fez lindos cartões com sua letra inicial dourada para todas as professoras que o ajudaram na caminhada de multiletrar-se. E no grito da música do “Vai potro sem dono, vai, livre como eu...” transpôs o conhecimento além dos muros frios e duros do presídio e tornando as paredes ouvintes de lembranças, sentimentos, confidências e sentidos.

E é essa práxis de acolhimento que defendo e evidencio. Ela nem sempre é simples. É complexa, detalhista, cheia de “sins e não”, acertos e erros, êxitos e frustrações. Acolher é sentir-se acolhido igualmente. Para dar sensibilidade é preciso recebê-la, é preciso a troca. Acolher é experienciar em sentimento o ser humano com todas as suas singularidades. Nessas experiências, trocas, encontros, interpretações e conversas pude estudar e explorar essa práxis fascinante e potente.

Recebi Dona Tecnologia com seu estudante cadeirante, que não fala, não anda, apenas

move sua mão esquerda. Balbucia poucas palavras, mas transborda em querer aprender e se apropriar do mundo. Com a tecnologia, o mundo digital, a sensibilidade da docente e tantas outras linguagens utilizadas de forma síncrona, o entendimento dos dois é algo inexplicável e lindo, onde o conhecimento brota de forma singular, significativa e fora, digamos, de uma sala de aula tradicional.

Tive na Senhora Alfabeto, um presente desde meu nascimento, mostrando-me o menino do interior desacreditado por todos que não sabia ler e escrever. A partir da sensibilidade e sociabilidade dessa docente, ele conseguiu ler bilhetes, livros e convites. Leu o mundo. Orgulhoso, contagiou o pai com o mesmo sentimento, além da grande felicidade de ser social e dono de um fazer escrito, oral e de empoderamento.

O autista imensamente feliz, parte essencial de uma turma que o acolhe ensinando e aprendendo com ele, foi partilha da caminhada de Dona Descoberta. Um ser que mais ensinou do que aprendeu, tanto à docente, como os discentes e a mim, “eu-pesquisadora”, encantada com o envolvimento destes seres encantados, nossos educandos.

E quem foi que nos encantou com o despertar de um olhar sensível aos super-heróis do dia a dia, multiletrando, além da escrita, o olhar? Foi a Pesquisadora Arteira.

Lembro ainda da Encantadora de Bebês com o cuidado e o envolvimento da comunidade nos projetos de sustentabilidade, consciência ecológica, reciclagem e amor ao próximo, entre tantas outras experiências compartilhadas ao longo da pesquisa em um olhar para COM o outro de forma sensível e acolhedora. Ela dá voz à comunidade em que atua e, principalmente aos seus bebês, os colocando também como seres leitores de mundo e sociais.

A caminhada ao encontro dos multiletramentos foi contada de forma simples, mas alinhavo a alinhavo. Cada linha, a cada novo passo, compunha a minha tecitura da colcha encantada. Desde a conversa com Larrosa nas aulas da professora Sandra até o encontro com Rojo, Cadzen, Freire e o Grupo Nova Londres nas orientações com professor Felipe. Alinhavos com a linhas das mais diferentes cores e texturas, enaltecidos e evidenciados em linguagens diversas, com experiências de ensino e aprendizagem singulares, sensíveis e acolhedoras de docentes e discentes. Os multiletramentos trouxeram a certeza da importância de se trabalhar de forma mais ampla, maissocial e emocional. Uma verdadeira colcha tecida sensivelmente em que minha prática de acolher, adaptar, tentar de um jeito, tentar de outro, reformular e ressignificar foi se alinhavando ao multiletrar.

Nas experiências de ensino e aprendizagem singulares, sensíveis e acolhedoras que presenciei, relatando, interpretando fatos, histórias da sala de aula, conversando com docentes e discentes pude ver em prática como a sinestesia da Pedagogia dos Multiletramentos acontece.

Vi em sala e em relatos, multiletramentos com linguagens diversas. Era produção textual, história contada, história ouvida, história lida, história visualizada, música, cartazes, trabalhos em grupos, pesquisas na *internet*, pesquisas em livros. Era massa de modelar, um castelo em construção, uma exposição, um *show* de talentos, receitas africanas, cultura, religião. Eram projetos comunitários, conversas com bebês, pessoas sendo super-heróis. Vi e senti, abraço, colo, choro, aperto no coração, lágrima contida, alegria, tristeza, prisão e libertação. Carinho, amor, ternura, reciprocidade, empatia, frustração e solidão. Era dança, era brincadeira, era cantiga de roda ou um filme a rodar. Era aula de uma só disciplina, era aula inter ou transdisciplinar. Era aula presencial ou em um novo normal, com sincronicidade, ou até em meio ao caos.

Mas, eram pessoas, eram vidas, desenhadas e abertas com tanta intimidade para que eu pudesse lê-las e me multiletrar COM elas. Troquei, pensei, repensei e ainda penso. Penso que aprendi a reler, até mesmo me multiletrando, reli, redesenhei, reconstruí, recosturei, alinhavei e realinhavei COM os multiletramentos. Os li e os compreendi como letramento que vai além da escola, além de posses, de classes, de materiais, de raça ou cor. Algo muito maior e ao mesmo tempo singular.

Percebi no esforço contínuo da busca e de um compartilhar o conhecimento, entre docente e discente, algo que transpôs os multiletramentos em linguagem universal no sentido de experienciar todo o possível, seja escrito, oral, visual, auditivo, tátil, virtual, presencial, enfim, para que haja a troca, a comunicação, o entendimento e a sensibilidade do encontro no aprender. As docentes usavam de todas as possibilidades para alcançar, digamos assim, o discente. E o discente se deliciava ao ler esse mundo, se apropriar dele, não somente pela tradicional escrita, mas em linhas, tecidos e alinhavos que iam ao encontro do seu sentir, do seu viver, do seu esperar e experienciar, tornando coisas antes, para eles, talvez impossíveis, difíceis, até mesmo nunca vistas, sentidas ou incompreensíveis mais simples, mais gostosas, mais prazerosas. O permitir-se perguntar sem calar, o experienciar sem medo de errar, errar na certeza de tentar e nunca, nunca esquecer de buscar incessantemente seu lugar no mundo.

Estando com gente que gosta de gente e de ser gente, pude ver e sentir que a Pedagogia dos Multiletramentos se articula com a educação da experiência no dia a dia da sala de aula através das práticas que fizemos, mesmo sem nomear nesses termos. Nas interpretações e trocas realizadas, as experiências quanto mais ricas mais produziam a diversidade na linguagem proporcionada (social, cultural, econômica e psicologicamente, bem como a escrita, o sonoro, o visual, o sensorial e o tecnológico), criando uma teia tecida a muitas mãos em que a busca do conhecimento e os objetivos do ensino eram meras consequências de um processo prazeroso,

sensível e de olhar único para com o ser humano que estava ali frente a frente. Como disse Dona Descoberta “*tudo isso só é possível se ver a criança, o adolescente, o adulto com amor*” e, complementada por Larrosa (2007), deixar-se tocar.

Foi maravilhoso estar COM, sendo que cada pequeno detalhe constituiu uma diferença no imenso que descobrimos ou ressignificamos. Cada troca foi vibrada como um foguete chegando à lua, mesmo na simplicidade de uma chuva calma. E no singelo, nos abraçamos, nos re-costuramos, nos realinhavamos e encontramos o sucesso, o pleno, a alegria de estarmos juntos, de mãos dadas no processo e de vibrar COM o outro. Até mesmo em meio ao caos, alguém sempre abria a frente e via o arco-íris ao final da tempestade e com a mão auxiliava o outro, tocando-lhe o coração. Na abertura da alma e do coração nos encontrávamos e às crianças. Sem essa “alma corazonada<sup>25</sup>” sensivelmente o processo até aconteceria, mas sem criar marcas ou significados que encontramos, pois não haveria toda essa troca de sensações e emoções na ação de aprender. Essa troca com os multiletramentos foi o que tornou a Pedagogia dos Multiletramentos e sua sinestesia, possível de forma plena.

Isso foi e fez a diferença, a singularidade. Tudo que damos passou por nossos corações, pois nos marcou. “Não é possível mover as coisas, a não ser estando-se, de modo orgânico, ligado à própria natureza das mesmas” (MAFFESOLI, 1998, p. 301). Desta forma, as interpretações, conversas e memórias foram o espelho e o próprio vínculo, a troca para o vivido na pesquisa. Pude ver do amplo para os detalhes e vice-versa, percebendo o todo, o contexto e as singularidades. Em meio a tantos detalhes, às vezes, uma confusão. Isso é a vida, a experiência, o viver. Fazendo a relação entre as coisas, o vivido, o sentido, o observado, traz-se o conhecimento e a leitura do mundo acontece. A subjetividade é e foi fator essencial nesse caminho. Paulo Freire (1989) diz que existe uma relação mútua entre a leitura do mundo e a leitura da palavra, entre a linguagem e o contexto. Por acreditar que essa relação é indiscutível, consegue-se atribuir importância e relevância às práticas de leitura escolar quando o leitor é elevado à condição de sujeito, trabalha ativamente com seus pares na busca de compreensão de diferentes aspectos da realidade através dos textos e vai além do chão da escola.

Todos podemos ser sujeitos de nossa experiência, de nossa realidade. Com nossas singularidades, somos todos capazes de exercer práticas com os multiletramentos. Se nos possibilitarmos o deixar desocultar pela experiência e estivermos abertos a trabalhar com outros

---

<sup>25</sup> O termo corazonar faz referência à religação da afetividade à racionalidade intelectual e trata-se de uma postura de decolonialidade do saber, do sentir e do ser, mas também de uma descolonização da própria academia e sua racionalidade universalizante (<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/1606> - Acesso em 27/07/22).

tipos de linguagens que não somente a tradicionalmente comum à escola. O discente traz consigo sua linguagem, seu corpo e sua alma para dentro da sala de aula, assim como nós, docentes, trazemos um pouco de nós mesmos, refletidos em nossas organizações didáticas e metodológicas. É importante que o docente saiba que existem muitas variações dialetais, e principalmente, que conheça muito a respeito de linguagem, pesquise e esteja ciente de como se dá o processo de aquisição linguística dentro e fora da escola. A linguagem é um pensar, um expressar com significado ao sentido, ao falado, ao imaginado e relacionado. Acolher a linguagem do discente e nos relacionarmos de forma sensível e multiletrada é a chave da alegria e do prazer nessa tecitura da experiência.

As docentes, apesar dos percalços que a educação em si nos traz no dia a dia e que a pandemia também nos experienciou, são mulheres, guerreiras, que reinventam suas experiências em novas tecituras sensíveis, para que possam chegar, através das múltiplas linguagens com a Pedagogia dos Multiletramentos ao educando/discente em sinestesia e sincronicidade. Possibilitaram e continuam a possibilitar, assim, uma cidadania significativa e criativa perante o mundo e a comunidade. Um ensino e uma aprendizagem mais singular, acolhedora, sensível e para além da sala de aula. Um educador, envolvido com o educando, reconhecendo-o como sensível, respeitando-o, libertando o seu potencial em uma grande transformação chamada educação.

Aqui nas considerações finais, fiz questão de apontar e destacar aspectos centrais dessa potência pedagógica de poder trocar, compartilhar e tecer novas conversas sobre a importância dos multiletramentos e sua pedagogia sinestésica em experiências tecidas de forma sensível e acolhedora. Evidenciei a potência dessas docentes inspiradoras, os multiletramentos e a pedagogia que deles emerge, dei voz as experiências do chão da sala de aula e escutei os seres encantados que nela habitam.

Não trago nada novo, não era esse meu objetivo, nunca foi. O que queria era ampliar o olhar COMigo, COM docentes, discentes, com os multiletramentos, com o sensível e a experiência. Não precisava que fosse novo ou desconhecido, mas eu precisava que fosse ativado, revivido, sonhado e é isso que trouxe qualidade ao conteúdo, criando significados genuínos. Trouxe ao meu trabalho a ideia de que criar é dar forma ao próprio destino. A experiência não se cria, se passa por ela, se sente. Vive-se a experiência e para cada um, assim como para mim, viver essas aprendizagens foi novo, pois me desocultou de diferentes maneiras. São as escolhas que a vida nos oportuniza. Um educador deve ser iniciador dos estudantes nas linguagens do mundo, acolhendo as diferenças. Percebo a necessidade do reconhecimento das diferenças e de uma aproximação afetiva delas como forma de se caminhar

para a aceitação da pluralidade e a valorização do outro. Entendo que a experiência que cada estudante traz, como memória, deve ser valorizada e compreendida na formação do saber e do ler o mundo, de forma única, assim como a experiência enquanto acontecimento, fenômeno, precisa ser oportunizada e ter lugar na sala de aula.

Além disso, a escola não deve ser a única detentora e/ou promotora dos processos de aprendizagem, mas também o grupo social em que se vive, com sua bagagem, experiências, saberes, expectativas e potenciais em ensino e aprendizagem para a transformação social e da realidade. Henz (2003) diz que ousamos (re) afirmar que uma práxis educativa crítico-reflexiva não só é possível, mas necessária à emancipação e (re) humanização na sua concretude sócio-histórico-cultural. E que é fundamental reconhecer e assumir que a práxis educativa, sem abrir mão da sua especificidade, engloba a totalidade da experiência humana. Educadores e educandos, somos corpos conscientes, em processos de humanização e a escola, a família e outros grupos de pertencimento são espaços-tempos de gente querendo e precisando ser mais.

Relatando e interpretando fatos do chão da sala de aula e através do enaltecimento dos multiletramentos com experiências, trouxe a possibilidade de uma teia de trocas com outros grupos e a comunidade escolar. Tecemos e compartilhamos, juntos, novas conversas sobre a importância dos multiletramentos, em experiência, tecidas com um olhar sensível para COM a educação sensível.

Das interpretações, impressões, diálogos e trocas com docentes e discentes surgiram novas possibilidades de experiência e multiletramentos. Surge a ideia de a escola (lugar em que se concentram a maioria das docentes colaboradoras da pesquisa e os discentes ouvidos) revitalizar ações voltadas para diversas linguagens, algumas novas, outras somente deixadas de lado pela rotina, correria ou pandemia, mas essenciais para abranger o maior número de estudantes nas mais diversas esferas de conhecimento. Nasceu, assim, a “Ciranda de Desafios<sup>26</sup>” junto com as docentes e discentes inspiradores, seres encantados de minha pesquisa e escrita da dissertação.

A proposta envolve toda a comunidade escolar e acabará, com toda certeza, saindo de dentro da sala, através das trocas feitas com os pais e vizinhos da escola, o que poderá mudar o cenário em sua totalidade contagiando positivamente um a um que se deixe tocar. Com ela se quer a humanização, a totalidade da experiência através de relações que irão se estabelecer no entrelaçar das mãos e corações. Tecer outras interpretações sensíveis de vida, novos caminhos a percorrer, desocultações a aflorar e significados e sentidos a se estabelecer. As possibilidades

---

<sup>26</sup> Em anexo.

são fundamentadas em quatro alinhavos tecidos. O primeiro é “Lendo o mundo”, que se justifica por acreditarmos, em grupo, ser de extrema importância que o repertório de mundo focado nesse tema seja expandido como forma de aumentar o vocabulário, a produção escrita e o conhecimento cultural, procurando explorar e experienciar a linguagem da poesia, autores diversos, narrativas, histórias, rimas entre outros.

O segundo ficou intitulado como: “Eu – valores e a comunidade”. Com este, queremos junto com as crianças, perceber a importância de trazer temas pertinentes aos problemas enfrentados pelos estudantes, educadores, escola e comunidade escolar, bem como trabalhar atitudes com valores e sentimentos como solidariedade e empatia, realizando escutas, falas e diálogos sobre situações presenciadas como temas pertinentes na mídia e rodas da comunidade.

O terceiro, nós o chamamos de “Movimento, arte e cultura”. Focado no cantar, dançar, se movimentar, conhecer obras de artes e seus artistas, bem como explorar as mais diversas técnicas e materiais como um aspecto necessário e extremamente relevante para a formação cultural plena do cidadão e um conhecimento de mundo mais vasto.

E, o quarto, “Desafios pensantes”, com o qual buscaremos incentivar a pesquisa autônoma e estimular o raciocínio desde a Educação Infantil promovendo uma educação desafiadora e de muitas curiosidades.

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos. (ANDRADE<sup>27</sup>).

Assim com essa colcha tecida que carrego, com esses novos alinhavos, linhas, retalhos, sigo cantando, devaneando, brincando e contando histórias para convidar você a sensibilizar, experienciar e multiletrar comigo e quem sabe posteriormente em um futuro não tão distante mostrar as marcas deixadas por esta ciranda desafiadora que se iniciou e se perpetua nessa comunidade em meio a gente que quer ser mais na alma, no coração e no multiletrar.

Finalizo com uma história e imagem, contadora que sou. O texto e a imagem refletem e resumem em sentimento visual e escrito que com os olhos do coração pode ser sentido como tudo isso foi sendo pensado, produzido, costurado e tecido.

Um antropólogo estava estudando os usos e costumes da tribo Ubuntu e, quando terminou seu trabalho, teve que esperar pelo transporte que o levaria até o aeroporto

---

<sup>27</sup> <https://citacoes.in/citacoes/606396-fernando-teixeira-de-andrade-ha-um-tempo-em-que-e-preciso-abandonar-as-roupas-u/> Fernando Teixeira de Andrade. Acesso 31/12/21.

de volta pra casa. Como tinha muito tempo ainda até o embarque, ele propôs, então, uma brincadeira para as crianças que achou ser inofensiva. Comprou uma porção de doces e guloseimas na cidade, colocou tudo num cesto bem bonito com laço de fita e colocou debaixo de uma árvore. Aí ele chamou as crianças e combinou que quando ele dissesse “já!”, elas deveriam sair correndo até o cesto e a que chegasse primeiro ganharia todos os doces que estavam lá dentro. As crianças se posicionaram na linha demarcatória que ele desenhou no chão e esperaram pelo sinal combinado. Quando ele disse: “Já!”, instantaneamente todas as crianças se deram as mãos e saíram correndo em direção à árvore com o cesto. Chegando lá, começaram a distribuir os doces entre si e a comerem felizes. O antropólogo foi ao encontro delas e perguntou porque elas tinham ido todas juntas se uma só poderia ficar com tudo que havia no cesto e, assim, ganhar muito mais doces. Elas simplesmente responderam: – Ubuntu, tio. Como uma de nós poderia ficar feliz se todas as outras estivessem tristes? Ele ficou pasmo. Meses e meses trabalhando nisso, estudando a tribo e ainda não havia compreendido, de verdade, a essência daquele povo. Ou jamais teria proposto uma competição, certo? Ubuntu significa: “Eu sou porque nós somos” ou, em outras palavras “Eu só existo porque nós existimos”. “Como uma de nós poderia ficar feliz se todas as outras estivessem tristes?” A resposta singela da criança, é profunda e vital pois está carregada de valores como respeito, cortesia, solidariedade, compaixão, generosidade, confiança – enfim, tudo aquilo que nos torna humanos e garante uma convivência harmoniosa em sociedade (<https://ensinarhistoriajoelza.com.br/ubuntu-o-que-africa-tem-a-nos-ensinar/> - Blog: Ensinar História – Joelza Ester Domingues Acesso em 22/07/21).

**Fotografia 16**



E assim, vale repetir a expressão: “Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra! ”. FIM.



## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. São Paulo: Papyrus, 1994.
- ALVES, Rubem. *Do universo à jaboticaba*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.
- ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record. Ilustrações de Wega Nery, 3ª ed, 1996.
- BARROS, Manoel de. *Memórias Inventadas*. Rio de Janeiro: Alfabeta, 1ªed, 2018.
- BEZERRA, Marília dos Santos. *Subjetividade e aprendizagem: o papel da relação professor aluno e seus desdobramentos para o processo de ensino-aprendizagem*. In.: GOULAR, Daniel M.; ALCÂNTARA, Raquel de (Orgs.). *Educação escolar e subjetividade: desafios contemporâneos*. Global South, 2016.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/ UNDIME, 2018.
- BRIZOLLA, Francéli. *Educação Especial no Rio Grande do Sul: análise de um recorte no campo das políticas públicas*. 2000. 246 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2000. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/79455/000288745.pdf?sequence=1>>Acesso em: 19/12/21.
- CAZDEN et al. *Uma pedagogia dos multiletramentos*. Desenhando futuros sociais. (Orgs. Ana Elisa Ribeiro e Hércules Tolêdo Corrêa; Trad. Adriana Alves Pinto et al.). Belo Horizonte: LED, 2021.
- CAGLIARI, Luís Carlos. *Alfabetização e Linguística*. Scipione. São Paulo, 1997.
- COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- COPE, Bill; KALANTZIS, Mary (Orgs.). *Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures*. Psychology Press/Routledge: London, 2000.
- COPE, Bill; KALANTZIS, Mary (Orgs.). *A pedagogy of multiliteracies: Learning by design*. Springer, 2015.
- COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. “Multiliteracies”: New literacies, new learning. *Pedagogies: An international journal*, v. 4, n. 3, p. 164-195, 2009.
- COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. *The Things you do to know: an introduction to the pedagogy of multiliteracies*. In: COPE, Bill; KALANTZIS, Mary (Orgs.). *A pedagogy of multiliteracies: Learning by design*. Springer, 2015.

COIRO, Julie.; DOBLER, E., PELEKIS, K. *From curiosity to deep learning: Personal digital inquiry in grades K-5*. Portland, ME: Stenhouse, 2017.

CURY, Augusto. *O vendedor de sonhos*. São Paulo: Editora Academia de Inteligência, 2008.

DEWEY, John. *Como pensamos: como relacionar o pensamento reflexivo com o processo educativo: uma reexposição*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1959b.

DEWEY, John. *Experiência e educação*. Petrópolis: Vozes, 1976.

DEWEY, John. *Vida e educação*. Tradução de Anísio S. Teixeira. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

DEMO, Pedro. *Conhecimento moderno sobre ética e intervenção do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DINELLO, Raimundo. *Prá Educação da Infância*. Santa Maria: Pallotti, 1985. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ko7wwuIRUw>> .Acesso em 30/11/20.

DOBLER, E. *Internet inquiry: Effective strategies to enhance critical inquiry skills*. Reading Today. August/September, 2012, p. 20-21.

DORNELES, Malvina do Amaral; ARENHALDT, Rafael. *Disposições ético-estético-afetivas na pesquisa em educação*. In: FEITOSA, D. A. (Org.) ... [et al.]. *O sensível e a sensibilidade na pesquisa em educação*. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2016. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/340114414\\_DISPOSICOES\\_ETICO-ESTETICO-AFETIVAS\\_NA\\_PESQUISA\\_EM\\_EDUCACAO](https://www.researchgate.net/publication/340114414_DISPOSICOES_ETICO-ESTETICO-AFETIVAS_NA_PESQUISA_EM_EDUCACAO)>. Acesso em 21/08/20.

FREIRE, Paulo. *A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1982/1989.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996/1999/2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987/2014.

HENZ, Celso Ilgo. *Dialogando sobre cinco dimensões para (re)humanizar a educação*. In: ANDREOLA, B; PAULI, E; KROMBAUER, L; ORTH, M. (Orgs.). *Formação de Educadores: da itinerância das universidades à escola itinerante*. Ijuí/RS: Ed. UNIJUÍ, 2010 p. 49/62. Disponível em: <<http://gepfaccat.files.wordpress.com/2012/10/dialogando-sobre-cinco-dimensc3b5es-para-rehumanizar-aeduca3a7c3a3o-celso-ilgo-henz.pdf>>. Acesso em 30/12/21.

HENZ, Celso Ilgo. *Razão-Emoção Crítico-Reflexiva: um desafio permanente na capacitação de professores*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

HILLMAN, James. *O pensamento do coração e a alma do mundo*. Tradução de Gustavo Barcellos. Campinas, São Paulo: Verus, 2010.

[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252008000500011](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252008000500011)  
Acesso em 22/12/22.

<http://www.helioteixeira.org/ciencias-da-aprendizagem/o-que-e-transdisciplinaridade/>. Acesso em 30/11/20.

<http://www.maratondeloscontos.org/poesia-anda-por-calles/> (Fragmento de uma entrevista de Felipe Morales a Federico García Lorca). Acesso em 15/12/21.

<https://citacoes.in/citacoes/606396-fernando-teixeira-de-andrade-ha-um-tempo-em-que-e-preciso-abandonar-as-roupas-u/> Acesso 31/12/21.

<https://educacaointegral.org.br/glossario/interdisciplinaridade/> Acesso em 30/11/20.

<https://ensinarhistoriajoelza.com.br/ubuntu-o-que-a-africa-tem-a-nos-ensinar/> - Blog: Ensinar História - Joelza Ester Domingues. Acesso em 22/07/21.

[https://ieducacao.ceie-br.org/wp-content/uploads/2020/09/22MIE\\_02.jpg](https://ieducacao.ceie-br.org/wp-content/uploads/2020/09/22MIE_02.jpg) Acesso em 02/01/22.

<https://lattes.cnpq.br/> Acesso em 30/04/21.

<https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/racionalizacao-max-weber.htm> Acesso em 27/11/21.

<https://www.facebook.com/UmaPitadaDeEncantoByCrisPizzimenti/posts/sou-feita-de-retalhos-pedacinhos-coloridos-de-cada-vida-que-passa-pela-minha-e-q/1313050952173063/>  
Acesso em 20/03/22.

<https://www.recantodasletras.com.br/sonetos/5419746>. Acesso em 02/01/22.

<https://www.significados.com.br/transdisciplinaridade/#:~:text=Transdisciplinaridade%20%C3%A9%20um%20conceito%20da,tradicional%20de%20divis%C3%A3o%20de%20disciplinas.> Acesso em 30/11/20.

<https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/1726>. Acesso em 11/12/21.

KALANTZIS, Mary. *Elements of a science of education*. *Australian Educational Researcher*, v. 33, n. 2, p. 15, 2006.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill. *Literacies*. Cambridge University Press, 2012/2015.

LARROSA BONDÍA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.151-175. Disponível em: <<http://www.fig.if.usp.br/~crochik/pe1/larrosalinguagemeeducacaodepoisdebabel.pdf>> Acesso em 25/11/20.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Tremores. *Escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, p. 139-143.

LARROSA BONDÍA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. 2002.

MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. Título original: *Éloge de la raison sensible*.

MATURANA R., Humberto; VARELA G., Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. São Paulo: WORKSHOPS Y. Tradução Jonas Pereira dos Santos. Editorial PsyII, 1995. Disponível em: <<http://materiaodeapoioatcc.pbworks.com/f/Arvore+do+Conhecimento+Maturana+e+Varela.pdf>> Acesso em 30/09/19.

MATURANA R., Humberto; VARELA G., Francisco. *Autopoiesis and cognition*. D. Reidel, Dordrecht, Holanda, 1980.

MATURANA R., Humberto. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Tradução de José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MATURANA, R. Humberto; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. *Amar e brincar – fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo. Palas Athena, 2004.

MATURANA, R. Humberto. *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte. UFMG, 1997.

MORIN, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria*. Tradução Edgard Assis Carvalho. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014, p. 34 – 43.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. *Diretrizes para a formação de professores e educação infantil*. Pátio Educação Infantil. Ano I nº2, ago/nov 2003. p. 6-9.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1986b.

PEREIRA, Rogério Santos. *Multiletramentos, tecnologias digitais e os lugares do corpo na educação*. Orientadora: Gilka Girardello. Florianópolis, SC, 2014. 227p. Disponível em : <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/123332>>. Acesso em 29/07/22.

PIAGET, Jean. *Aprendizagem e conhecimento*. In: PIAGET, J. & GRECO, P. *Aprendizagem e conhecimento*. São Paulo: Freitas Bastos, 1974.

PIMENTEL, Álamo. *Prefácio: Sensibilidade e Criação*. In: FEITOSA, D. A. (Org.). *O sensível e sensibilidade na pesquisa em educação*. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2016. p.7-16. Disponível em: <<http://repositorio.ufrb.edu.br/handle/prefix/983>>. Acesso em 30/12/21.

RICHTER, Sandra R.S. Prólogo. In: BERLE, Simone. *Infância como caminho de pesquisa: o Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI/PROPEd/UERJ) e a educação filosófica de professores e professoras*. Rio de Janeiro: NEFI, 2018, p. 15-19. (Coleção Teses e Dissertações).

ROJO, Roxane. *Entrevista*: gravada em maio de 2013, no Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), em São Paulo. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossaspublicacoes/revista/entrevistas/artigo/2271/por-novos-e-multiplos-letramentos>> e [http://www.grim.ufc.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=80:entrevista-com-roxane-rojo-multiletramentos-multilinguagens-e-aprendizagens&catid=8:publicacoes&Itemid=19](http://www.grim.ufc.br/index.php?option=com_content&view=article&id=80:entrevista-com-roxane-rojo-multiletramentos-multilinguagens-e-aprendizagens&catid=8:publicacoes&Itemid=19) Acesso em 25/09/20.

ROJO, Roxane. (Org.). *Escol@ Conectada: os Multiletramentos e as TIC's*. Vol. I. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, Roxane. *Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e os multiletramentos*. In: ROJO, Roxane (Org.). *Escola Conectada: os multiletramentos e as TIC*. São Paulo: Parábola. 2013.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

ROJO, Roxane; ALMEIDA, Eduardo de Moura (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 16. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

THE NEW LONDON GROUP. *A Pedagogy of Multiliteracies: designing social futures*. Harvard Educational Review, v. 66, n. 1, Spring, 1996.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, Lev S. *Problemas del desarrollo de la psique*. Obras Escogidas III. Madri: Visor, 1983.

VYGOTSKY, Lev S. A pré-história da língua escrita. In: *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

## ANEXOS

### ANEXOS I - Questionário – perguntas (conversa/entrevista) norteadoras para a pesquisa com docentes

*Gostaria de sua contribuição em minha pesquisa, enquanto Mestranda em Educação. Considero sua prática muito sensível, diferenciada e ela marcou significativamente minha vida enquanto educadora. Ficaria extremamente feliz se pudesse compartilhar com você minhas ideias e caminhada nos estudos. Um abraço, grata por sua colaboração, sensibilidade e experiência em minha pesquisa, Adeline.*

- Qual sua formação?
- Qual o cargo que ocupa?
- Já ocupou outro cargo ou desempenhou outras funções? Quais?
- Qual sua idade?
- Há quantos anos atua com estudantes?
- Com quais idades, turmas ou práticas já interagiu?
- Em que turmas atua hoje ou com que estudantes?
- Em que rede leciona?
- Qual sua carga horária?
- Atua em que área da cidade?
- Você mora na mesma cidade em que leciona?
- Mora longe ou perto da escola em que leciona?
- Tem direito a horas de planejamento?
- Seus estudantes são de qual classe econômica?
- Como vê cada ser humano ou turma que chega até você?
- Acredita que realiza uma prática diferenciada/diferente? Por quê?
- Você realiza práticas que envolvam a realidade do estudante/criança? Se quiser falar brevemente sobre as práticas...
- Você realiza práticas que envolvam diferentes oferta de materiais e/ou tecnologias? Se quiser falar brevemente sobre as práticas...
- Você realiza práticas que envolvam outras culturas? Se quiser falar brevemente sobre as práticas...

- Você sabe o que é a Pedagogia dos Multiletramentos ou Multiletramentos? Se sim, fale brevemente, se quiser.
- Sabe o que é transdisciplinaridade? Se sim, fale brevemente, se quiser.
- E interdisciplinaridade? Se sim, fale brevemente, se quiser.
- Poderia listar ou descrever um, dois ou três casos de práticas diferenciadas ou fora do contexto "dito escolar" que realizou e que acredita ter feito diferença na vida de algum estudante?
- Você tem o hábito de compartilhar ideias ou práticas com seus colegas? Descreva brevemente como...
- Você acredita que passar por experiências, sensações e outras vivências lhe torna mais sensível, mais criativo, mais observador, mais empático, um profissional e ser humano melhor? Por quê? Responda se quiser.
- Você acredita que a sensibilidade do olhar, ao estudante, causa diferença no ensino aprendizagem dessa criança/adolescente? Por quê? Responda, se quiser.
- Você acredita que sua prática e experiência tenham facilitado e ainda auxiliem seu dia a dia em sala de aula frente a pandemia? Como?
- Quais os desafios e/ou dificuldades encontrados durante a pandemia em sua prática?
- O que lhe deixa feliz frente aos seus estudantes?
- O que lhe deixa feliz frente a vida?
- Se você tivesse a opção de definir-se com um pensamento, uma música, um poema/poesia, uma pintura, uma foto, um desenho, poderia compartilhar comigo?

**ANEXOS II - Questionário – perguntas (conversa) norteadoras para a pesquisa com discentes**

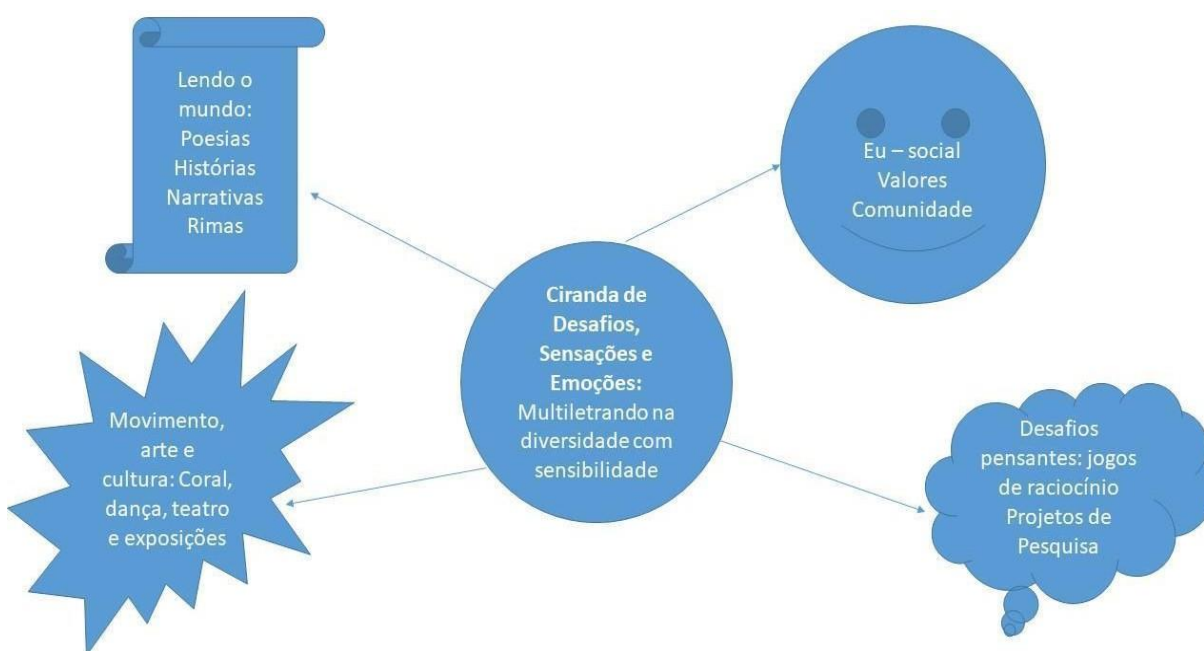
- Qual sua idade?
- Você já ouviu falar ou sabe do que se trata multiletramentos?
- Qual disciplina ou tema que você mais gosta? Por quê?
- Você gosta de aulas que envolvam diversas linguagens (escrita, oral, sonora, tátil, visual, digital, cultural, social...)?
- Você acredita que a organização das aulas com essa composição e diversidade inclua a todos de forma sensível e acolhedora?



### ANEXO III – Ciranda de Desafios: multiletrando com sensibilidade.

A Ciranda de Desafios quer a humanização, a totalidade da experiência através de relações que irão se estabelecer no entrelaçar das mãos e corações. Teceremos novas interpretações sensíveis de vida, novos caminhos a percorrer, novas descobertas a aflorar e novos significados e sentidos a estabelecer.

Público alvo: aproximadamente 235 crianças de 5 a 12 anos.



#### “Lendo o mundo”

La poesía es algo que anda por las calles. Que se mueve, que pasa a nuestro lado. Todas las cosas tienen su misterio, y la poesía es el misterio que tienen todas las cosas. Se pasa junto a un hombre, se mira a una mujer, se adivina la marcha oblicua de un perro, y en cada uno de estos objetos humanos está la poesía. Por eso yo no concibo la poesía como una abstracción, sino como una cosa real, existente, que ha pasado junto a mí. Todas las personas de mis poemas han sido. Lo principal es dar con la llave de la poesía (GARCÍA LORCA, 1936<sup>28</sup>).

**Justificativa:** É de extrema importância que o repertório de mundo focado nesse tema seja expandido como forma de aumentar o vocabulário, a produção escrita e o conhecimento cultural.

**Objetivo:** Explorar e experimentar a linguagem da poesia, autores diversos, narrativas, histórias, rimas entre outros.

**Coordenação e atuação:** direção da escola, docentes, discentes e comunidade escolar.

**Atividades pensadas para 2022:** pesquisar diversos autores com os estudantes; explorar o repertório encontrado; produzir poesias, narrativas e histórias a partir de autores pesquisados; expor ao grande grupo as experiências e construções com saraus, cordéis, etc. Segundo Cagliari (1997), a aprendizagem da leitura é fundamental no processo de aquisição de conhecimento, tanto na escola como fora dela. No mundo em que vivemos, a leitura é

<sup>28</sup> <http://www.maratondeloscontos.org/poesia-anda-por-calles/> Acesso em 15/12/21. Fragmento de uma entrevista de Felipe Morales a Federico García Lorca.

indispensável “a leitura é grande auxiliar da reflexão, da meditação, do voltar-se para dentro de si”.

### “Eu-social: valores e a comunidade”

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado (FREIRE, 1996, p. 28).

**Justificativa:** Percebemos a importância de trazer temas pertinentes aos problemas enfrentados pelos estudantes, escola e comunidade escolar, bem como trabalhar atitudes com valores e sentimentos como solidariedade, empatia e realização, através de conversas e situações experienciadas no dia a dia desde as entradas e saídas na escola, hora do recreio e idas ao banheiro.

**Objetivo:** Realizar escutas, falas e diálogos sobresituações presenciadas como temas pertinentes na mídia e rodas da comunidade.

**Coordenação e atuação:** direção da escola, docentes, discentes e comunidade escolar.

**Atividades pensadas para 2022:** Realizar escutas, falas e diálogos sobre temas pertinentes ao dia a dia como convivência em grupo, cordialidade, paciência, empatia, experiências com colegas ao sair e entrar na escola, bem como a convivência com a comunidade e o meio escolar; trabalhar as palavras mágicas e valores essenciais para despertar um ser humano mais sensível à convivência com o outro; dialogar e colocar em prática uma boa convivência com os combinados pertinentes ao trânsito nas entradas e saídas da escola; realizar ações voltadas para famílias com dificuldades e vulnerabilidades social; colocar em prática as ações levantadas; expor ao grande grupo as experiências e construções através de cartazes, vídeos, minipalestras e outros.

**Apoio/parceria:** Brigada Militar

### “Movimento, arte e cultura”

Segundo Nietzsche<sup>29</sup> a vida é como uma obra de arte que dá sentido à vida.

**Justificativa:** Cantar, dançar, se movimentar, conhecer obras de artes e seus artistas, bem como explorar as mais diversas técnicas e materiais é necessário e extremamente relevante para a formação cultural plena do cidadão e um conhecimento de mundo mais vasto.

**Objetivos:** Realizar momentos de canto, dança, movimento, pesquisa e conhecimento de artistas e suas obras; explorar diversas técnicas e materiais; promover oficinas de canto, dança (inclusive regional – gaúcha), produção de trabalhos e peças teatrais; organizar e promover exposição e mostra cultural.

**Coordenação e atuação:** direção da escola, docentes, discentes e comunidade escolar.

**Atividades pensadas para 2022:** Pesquisa e conhecimento de artistas, suas obras explorando e diversas técnicas e materiais; oficinas de canto, dança (inclusive regional – gaúcha); organizar e promover exposição e mostra cultural.

### “Desafios pensantes”

Paulo Freire, grande defensor de uma educação construída através da problematização, entende ser a pesquisa a via para a busca de conhecimento.

---

<sup>29</sup> <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/1726>. Acesso em 11/12/21.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (1996, p. 32).

Demo diz que pesquisar é antes de mais nada dialogar de forma inteligente com a realidade. E considera que a verdadeira aprendizagem é aquela construída com esforço próprio através de elaboração pessoal:

Para tanto, o caminho é a biblioteca, onde é preciso munir-se de leitura farta, para dominar posturas explicativas, entre elas escolher a mais aceitável e a partir desta elaborar uma própria, mesmo que seja síntese. O segundo passo é iniciar e elaborar, devagar e sempre, fazendo tentativas aproximativas, até sentir-se mais ou menos seguro de que é capaz de dar conta de um tema (1998, p. 64).

**Justificativa:** Incentivar a pesquisa autônoma e estimular o raciocínio deve ser feito desde a Educação Infantil promovendo uma educação desafiadora e de muitas curiosidades.

**Objetivo:** Estimular a pesquisa e o raciocínio lógico.

**Coordenação e atuação:** direção da escola, docentes, discentes e comunidade escolar.

**Atividades pensadas para 2022:** Mostra de projetos de pesquisa, jogos de mesa, digitais e desafios.

**Apoio/parceria:** Coordenação pedagógica da SMED (docente que atuou no Clube de Ciência, quando este existia no município).